V·I·LÊNIN



HUCITEC

Apresentação de FLORESTAN FERNANDES

QUE FAZER?

P S

QUE FAZER?

Vladimir Ilitch Lenine
1902
Fonte: The Marxists Internet Archive

SUMÁRIO

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 - DOGMATISMO E "LIBERDADE DE CRÍTICA"

A) O QUE SIGNIFICA A "LIBERDADE DE CRÍTICA"

B) OS NOVOS DEFENSORES DA "LIBERDADE DE CRÍTICA"

C) A CRÍTICA NA RÚSSIA

D) ENGELS E A IMPORTÂNCIA DA LUTA TEÓRICA

CAPÍTULO 2 - A ESPONTANEIDADE DAS MASSAS E A CONSCIÊNCIA DA SOCIAL-DEMOCRACIA

A) ASCENSÃO DO ESPONTANEISMO

B) O CULTO DA ESPONTANEIDADE. "RABOTCHAIA MYSL"

C) O GRUPO DA AUTOEMACIPAÇÃO E O "RABOTCHEIE DELO"

CAPÍTULO 3 - POLÍTICA SINDICAL E POLÍTICA SOCIAL-DEMOCRATA

A) A AGITAÇÃO POLITICA E O SEU ESTREITAMENTO PELOS "ECONOMISTAS"

B) COMO MARTYNOV APROFUNDOU PLEKHANOV

C) AS REVELAÇÕES POLÍTICAS E "A EDUCAÇÃO PARA A ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA"

D) O QUE HÁ DE COMUM ENTRE O ECONOMISMO E O TERRORISMO.

E) A CLASSE OPERÁRIA COMO COMBATENTE DE VANGUARDA PELA DEMOCRACIA

F) MAIS UMA VEZ CALUNIADORES, MAIS UMA VEZ "MISTIFICADORES".

CAPÍTULO 4 - OS MÉTODOS ARTESANAIS DOS ECONOMISTAS E A ORGANIZAÇÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS.

A) O QUE É O TRABALHO ARTESANAL?

B) TRABALHO ARTESANAL E "ECONOMISMO"

C) A ORGANIZAÇÃO DOS OPERÁRIOS E A ORGANIZAÇÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS.

D) ENVERGADURA DO TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO.

E) A ORGANIZAÇÃO DE "CONSPIRADORES" E O DEMOCRATISMO.

F) O TRABALHO À ESCALA LOCAL E NACIONAL.

CAPÍTULO 5 - PLANO DE UM JORNAL PÚBLICO PARA TODA A RÚSSIA.

A) QUEM SE ESCANDALIZOU COM O ARTIGO "POR ONDE COMEÇAR"

B) PODE UM JORNAL SER UM ORGANIZADOR COLECTIVO?

C) QUAL O TIPO DE ORGANIZAÇÃO DE QUE NECESSITAMOS?

CONCLUSÃO

NOTAS

Prefácio

De acordo com a intenção original do autor, este trabalho que apresentamos ao leitor devia ser dedicado ao desenvolvimento detalhado das ideias expostas no artigo "Por Onde Começar?" (Iskra, n.º 4, maio de 1901). Antes de tudo, devemos desculpar-nos perante o leitor pelo atraso verificado no cumprimento da promessa feita nesse artigo (e repetida em resposta a numerosas perguntas e cartas particulares). Uma das razões desse atraso foi a tentativa de unificação de todas as organizações sociais-democratas no estrangeiro, empreendida em junho do ano passado (1901). Seria natural que se aguardasse os resultados dessa tentativa, pois, se tivesse êxito, talvez fosse preciso expor sob um ângulo um pouco diferente os pontos de vista do Iskra em matéria de organização; em todo o caso, o êxito de tal tentativa teria permitido pôr termo, de modo bastante rápido, à existência de duas tendências na social-democracia russa. Como o leitor não ignora essa tentativa fracassou e, como procuraremos demonstrar mais adiante, não poderia ter outro fim após a mudança inesperada do Rabótcheie Dielo, em seu número 10, em direção ao "economismo". Tornou-se absolutamente necessário empreender uma luta decisiva contra esta tendência vaga e pouco determinada, porém tanto mais persistente e susceptível de renascer sob as mais variadas formas. Desse modo, o plano inicial deste trabalho foi modificado e consideravelmente ampliado. O tema principal deveria abranger as três questões propostas no artigo "Por Onde Começar?", ou seja: o carácter e o conteúdo essencial de nossa agitação política; nossas tarefas de organização, o plano para a construção de uma organização de combate para toda a Rússia dirigido simultaneamente para diversos fins. Desde há muito tais problemas vêm interessando ao autor, que já procurou abordá-los na Rabótchaia Gazeta, em uma das tentativas malogradas de se renovar essa publicação (ver cap. V). Contudo, minha intenção inicial de me limitar, neste trabalho, somente à análise dessas três questões e de expor meus pontos de vista, sempre que possível, de forma positiva evitando recorrer à polémica, tornou-se completamente impraticável por duas razões. Por um lado, o "economismo" revelou-se muito mais forte do que os supúnhamos (empregamos o termo "economismo" em sentido amplo, como foi explicado no artigo do, Iskra, n.º. 12, dezembro de 1901: "Uma Conversa com os Defensores do Economismo", artigo que traça por assim dizer, o esboço do trabalho que apresentamos ao leitor). Hoje é inegável que as diferentes opiniões a respeito desses três problemas explicam-se muito mais pela oposição radical das duas tendências na social-democracia russa, do, que pelas divergências quanto a detalhes. Por outro lado, a perplexidade suscitada entre os "economistas" pela exposição metódica de nossos pontos de vista no Iskra

evidenciou que, frequentemente, falamos línguas literalmente diferentes: que, por conseguinte, não podemos chegar a qualquer acordo se não começarmos de novo; que é necessário tentar. Uma explicação metódica tão popular quanto possível, ilustrada com exemplos concretos muito numerosos, com todos os "economistas", sobre todos os pontos capitais de nossas divergências. E resolvi tentar tal "explicação", compreendendo perfeitamente que ela aumentaria consideravelmente as dimensões deste trabalho e retardaria seu aparecimento, mas não encontrei outro meio de cumprir a promessa feita no artigo "Por Onde Começar?". As desculpas por esse atraso é necessário acrescentar outras quanto à extrema insuficiência da forma literária deste trabalho: tive de trabalhar com a maior das pressas e, ademais, foi interrompido frequentemente por toda a sorte de outros trabalhos. A análise das três questões indicadas anteriormente continua a ser o objeto deste trabalho, mas tive de começar por duas outras questões de ordem mais geral: por que uma palavra de ordem tão "inofensiva" e "natural" como "liberdade de crítica" constitui para nós um verdadeiro grito de guerra? Por que, não podemos chegar a um acordo nem sequer sobre a questão fundamental do papel da social-democracia, em relação ao movimento espontâneo das massas? Além disso, a exposição dos meus pontos de vista sobre o carácter e o conteúdo da agitação política visa a explicar a diferença entre a política sindical e a política social-democrata, e a exposição dos meus pontos de vista sobre as tarefas de organização visa a explicar a diferença entre os métodos artesanais de trabalho, que satisfazem os "economistas", e a organização dos revolucionários que consideramos indispensável. Em seguida, insisto mais uma vez sobre o "plano" de um jornal político para toda a Rússia, pois as objecções que têm sido feitas a esse respeito são inconsistentes e não respondem à natureza da questão proposta no artigo "Por Onde Começar?": como poderemos empreender, simultaneamente e por todos os lados, a formação da organização de que necessitamos? Enfim, na última parte do trabalho espero demonstrar que fizemos tudo o que dependia de nós para evitar a ruptura definitiva com os "economistas", ruptura que, entretanto, tornou-se inevitável; que o Robótcheie Dielo adquiriu uma importância especial, "histórica", se quiserem, porque exprimiu da maneira mais completa e com maior relevo, não o "economismo" consequente,. Mas a dispersão e as incertezas que constituíram o traço peculiar de todo um período da história da social-democracia russa; que, por conseguinte, apesar de parecer bastante desenvolvida à primeira vista, a polémica com o Rabótcheie Dielo tem sua razão de ser, pois não podemos seguir adiante sem, liquidar definitivamente esse período.

Fevereiro de 1902.
I. Lenine

Capítulo 1 - Dogmatismo e "Liberdade de Crítica"

a) O que Significa a "Liberdade de Crítica"

"Liberdade de crítica" é, sem dúvida alguma, a palavra de ordem mais em voga atualmente, aquela que aparece com mais frequência nas discussões entre socialistas e democratas de todos os países. À primeira vista, nada parece mais estranho do que ver.

Um dos contraditores exigir solenemente a liberdade de crítica. Acaso nos partidos avançados ergueram-se vozes contra a lei constitucional que na maioria dos países europeus, garante a liberdade da ciência e da investigação científica? "Há algo escondido" dirá necessariamente qualquer homem imparcial que tenha ouvido essa palavra de ordem em moda, repetida em todos os cantos, e que ainda não tenha apreendido o sentido do desacordo. "Essa palavra de ordem é, evidentemente, uma daquelas pequenas palavras convencionais que, como os apelidos, são consagradas pelo uso e tornam-se quase nomes comuns".

De facto, não constitui mistério para ninguém que, na atual social-democracia internacional, se tenham formado duas tendências, cuja luta ora "se anima e se inflama, ora se extingue sob as cinzas das grandiosas resoluções de tréguas". Em que consiste a "nova tendência que "critica" o "velho" marxismo "dogmático", disse-o Bernstein, e demonstrou-o Millerand com suficiente clareza. A social-democracia deve transformar-se de partido da revolução social em partido democrático de reformas sociais. Essa reivindicação política foi cercada por Bernstein com toda uma bateria de "novos" argumentos e considerações muito harmoniosamente orquestrados. Nega ele a possibilidade de se conferir fundamento científico ao socialismo e de se provar, do ponto de vista da concepção materialista da história, sua necessidade e sua inevitabilidade, nega a miséria crescente, a proletarização e o agravamento das contradições capitalistas; declara inconsistente a própria concepção do "objetivo final", e rejeita categoricamente a ideia da ditadura do proletariado; nega a oposição de princípios entre o liberalismo e o socialismo, nega a teoria da luta de classes, considerando-a inaplicável a uma sociedade estritamente democrática, administrada segundo a vontade da maioria etc. Assim, a exigência de uma mudança decisiva - da social-democracia revolucionária para o reformismo social burguês - foi acompanhada de reviravolta não menos decisiva em direção à crítica burguesa de todas as ideias fundamentais do marxismo. E como essa crítica, de há muito, era dirigida contra o marxismo do alto da tribuna política e da cátedra universitária, em uma quantidade de publicações e em uma série de tratados científicos: como, há dezenas de anos, era inculcada sistematicamente à jovem geração das classes instruídas, não é de se surpreender que a "nova" tendência "crítica" na social-democracia tenha surgido repentinamente sob sua

forma definitiva, tal como Minerva da cabeça de Júpiter. Em seu conteúdo, essa tendência não teve de se desenvolver e de se formar; foi transplantada diretamente da literatura burguesa para a literatura socialista. Prossigamos. Se a crítica teórica de Bernstein e suas ambições políticas permaneciam ainda obscuras para alguns, os franceses tiveram o cuidado de fazer uma demonstração prática, do "novo método". Ainda desta vez a França justificou sua velha reputação de "país em cuja história a luta de classes, mais do que em qualquer outro, foi resolutamente conduzida até o fim" (Engels, trecho do prefácio ao Der 18 Brumaire de Marx). Ao invés de teorizar, os socialistas franceses agiram deliberadamente; as condições políticas da França, mais desenvolvidas no sentido democrático, permitiram-lhes passar imediatamente ao "bernsteinismo prático" com todas as suas consequências. Millerand deu um exemplo brilhante desse bernsteinismo prático; também, com que empenho Bernstein e Volimar apressaram-se em defender e louvar Millerand! De fato, se a social-democracia não constitui, no fundo, senão um partido de reformas e deve ter a coragem de reconhecê-lo abertamente, o socialismo não somente tem o direito de entrar em um ministério burguês, como também deve mesmo aspirar sempre a isso. Se a democracia significa, no fundo, a supressão da dominação de classe, por que um ministro socialista não seduziria o mundo burguês com discursos sobre a colaboração.

das classes? Por que não conservaria ele sua pasta, mesmo após os assassínios de operários por policiais terem demonstrado pela centésima e pela milésima vez o verdadeiro carácter da colaboração democrática das classes? Por que não facilitaria pessoalmente o czar a quem os socialistas franceses não chamavam senão de knouteur, pendeur et déportateur? E para contrabalançar esse interminável aviltamento e autoflagelação do socialismo perante o mundo inteiro, essa perversão da consciência socialista das massas operárias - única base que nos pode assegurar a vitória -, são nos oferecidos os projetos grandiloquentes de reformas insignificantes, insignificantes ao ponto de se poder ter obtido mais dos governos burgueses! Aqueles que não fecham os olhos, deliberadamente, não podem deixar de ver que a nova tendência "crítica" no socialismo nada mais é que uma nova variedade do oportunismo. E se tais pessoas forem julgadas, não a partir do brilhante uniforme que vestiram, nem tampouco do título pomposo que se atribuíram, mas a partir de sua maneira de agir e das ideias que realmente divulgam, tornar-se-á claro que "a liberdade de crítica" é a liberdade da tendência oportunista na social-democracia, a liberdade de transformar esta em um partido democrático de reformas, a liberdade de

implantar no socialismo as ideias burguesas e os elementos burgueses. A liberdade é uma grande palavra, mas foi sob a bandeira da liberdade da indústria que foram empreendidas as piores guerras de pilhagem, foi sob a bandeira da liberdade do trabalho, que os trabalhadores foram espoliados. A expressão "liberdade de crítica", tal como se emprega hoje, encerra a mesma falsidade. As pessoas verdadeiramente convencidas de terem feito progredir a ciência não reclamariam, para as novas concepções, a liberdade de existir ao lado das antigas, mas a substituição destas por aquelas. Portanto, os gritos atuais de "Viva a liberdade de crítica!" lembram muito a fábula do tonel vazio. Pequeno grupo compacto, seguimos por uma estrada escarpada e difícil, segurando-nos fortemente pela mão. De todos os lados, estamos cercados de inimigos, e é preciso marchar quase constantemente debaixo de fogo. Estamos unidos por uma decisão livremente tomada, precisamente a fim de combater o inimigo e não cair no pântano ao lado, cujos habitantes desde o início nos culpam de termos formado um grupo à parte, e preferido o caminho da luta ao caminho da conciliação. Alguns dos nossos gritam: Vamos para o pântano! E quando lhes mostramos a vergonha de tal ato, replicam: Como vocês são atrasados! Não se envergonham de nos negar a liberdade de convidá-los a seguir um caminho melhor! Sim, senhores, são livres não somente para convidar, mas de ir para onde bem lhes aprouver, até para o pântano; achamos, inclusive, que seu lugar verdadeiro é precisamente no pântano, e, na medida de nossas forças, estamos prontos a ajudá-los a transportar para lá os seus lares. Porém, nesse caso, larguem-nos a mão, não nos agarrem e não manchem a grande palavra liberdade, porque também nós somos "livres" para ir aonde nos aprouver, livres para combater não só o pântano, como também aqueles que para lá se dirigem!(*)

b) Os Novos Defensores da "Liberdade de Crítica"

É esta palavra de ordem ("liberdade de crítica") que o Rabótcheie Dielo (n.º 10), órgão da "União dos Sociais-Democratas Russos" no estrangeiro, formulou solenemente nesses últimos tempos, não como postulado teórico, mas como reivindicação política, corno resposta à questão: "É possível a união das organizações sociais-democratas funcionando no estrangeiro?" - "Para uma união sólida, a liberdade de crítica é indispensável" (p. 36). Daqui, duas conclusões bastante precisas são extraídas: 1ª) o

os socialistas da Cátedra), mas também contra os erros tácticos (Lassalle) etc. etc. Tudo isto é supérfluo! Os franceses discutem entre si, porque são intolerantes; os alemães são unidos, porque são bons rapazes. E, note-se bem, através dessa incomparável profundidade de pensamento, "recusa-se" um fato que arruina completamente a defesa dos bernsteinianos. Colocam-se estes últimos no campo da luta de classe do proletariado? Tal questão não pode ser definitivamente resolvida, e sem se voltar atrás, senão pela experiência histórica. Por conseguinte, o mais importante aqui é o exemplo da França, o único país onde os bernsteinianos tentaram voar com suas próprias asas, com a calorosa aprovação de seus colegas alemães (e em parte, dos oportunistas russos: cf. Rab, Dielo, n.º. 2-3, p., 83-84). Alegar a "intransigência" dos franceses, além do valor "histórico" de tal alegação (à maneira de Nozdrev, é simplesmente dissimular, sob Rabótcheie Dielo assume a defesa da tendência oportunista na social-democracia internacional, em geral; 2ª) o Rabótcheie Dielo reclama a liberdade de oportunismo na social-democracia russa. Examinemos estas conclusões. O que desagrada "acima de tudo" ao Rabótcheie Dielo, é a "tendência que têm o Iskra e a Zaria de prognosticar a ruptura entre a Montanha e a Gironda da social-democracia internacional". (1) "Falar de uma Montanha e de uma Gironda nos escalões da social-democracia, escreve o redator-chefe do Rabótcheie Dielo, B. Kritchévski, parece-nos uma analogia histórica superficial, singular na pena de um marxista: a Montanha e a Gironda não representavam temperamentos ou correntes intelectuais diversas como poderá parecer aos historiadores ideólogos, mas classes ou camadas diversas: de um lado, a média burguesia, de outro, a pequena-burguesia e o proletariado. Ora, no movimento socialista contemporâneo, não existe coalizão de interesses de classe; em todas (sublinhado por Kritchévski) as suas variedades, aí compreendidos os bernsteinianos mais declarados, o movimento coloca-se inteiramente no campo dos interesses da classe do proletariado, da luta de classe do proletariado para sua emancipação política e económica"(p. 32-33). Afirmação ousada! Ignora B. Kritchévski o fato, há muito observado, de que foi precisamente a grande

participação da camada de "académicos", no movimento socialista dos últimos anos, que assegurou a rápida difusão do bernsteinismo? E, ainda mais, em que fundamenta o autor sua opinião para declarar que os "bernsteinianos mais declarados" colocam-se, também eles, no campo da luta de classe para a emancipação política e económica do proletariado? Não seria possível dize-lo. Esta defesa resoluta dos bernsteinianos mais declarados não encontra nenhum argumento, nenhuma razão para apoiá-la. Mas, o que de mais "superficial" pode haver do que esta maneira de julgar toda uma tendência, a partir das próprias convicções daqueles que a representam? O que há de mais superficial do que a moral que acompanha esses dois tipos ou caminhos diferentes, e mesmo diametralmente opostos, do desenvolvimento do Partido (p. 34-35 do Rabótcheie Dielo)? Observem que os sociais-democratas alemães admitem a completa liberdade de crítica; os franceses, ao contrário, não o fazem, e é o seu exemplo que demonstra todo o "mal da intolerância". Respondemos que é precisamente o exemplo de B. Kritchévski aquele que mostra haver pessoas que, intitulando-se, por vezes marxistas, consideram a história exatamente "à maneira de Ilováiski". Para explicar a unidade do partido alemão e a dispersão do partido socialista francês, não há nenhuma necessidade de se buscar as particularidades da história de um ou outro país, de se fazer comparações entre as condições do semi-absolutismo militar e do parlamentarismo republicano, de se examinar as consequências da Comuna e da lei de exceção contra os socialistas, de se comparar a situação e o desenvolvimento económicos, de se levar em conta o fato de que o "crescimento ímpar da social-democracia alemã" foi acompanhado de uma luta de vigor sem precedentes na história do socialismo, não somente contra os erros teóricos (Mühlberger, Dühring,(2)

palavras acrimoniosas, fatos extremamente desagradáveis. Aliás, não temos nenhuma intenção de abandonar os alemães a B. Kritchévski e a outros inúmeros defensores da "liberdade de crítica". Se os "bernsteinianos mais declarados" ainda são tolerados no partido alemão, é unicamente na medida em que se submetem à resolução de Hanôver, que rejeita deliberadamente as "emendas" de Bernstein, e a de Lübeck, a qual (apesar de toda a diplomacia) contém uma advertência formal dirigida a Bernstein. Do ponto de vista dos interesses do partido alemão, pode-se discutir a oportunidade desta diplomacia e perguntar se, neste caso, um mau acordo vale mais do que uma boa discussão; em uma palavra, pode-se discordar sobre este ou aquele meio de rejeitar o bernsteinismo. mas não seria possível ignorar o fato de o partido alemão tê-lo repudiado por duas vezes, portanto, aceitar que o exemplo dos alemães confirma

a tese de que "os bernsteinianos mais declarados colocam-se no campo da luta de classe do proletariado para sua emancipação económica e política", significa que não se compreende absolutamente nada do que se passa sob os olhos de todos.E ainda mais. O Rabótcheie Dielo, como já mostramos, apresenta à social-democracia russa a reivindicação da "liberdade de crítica" e defende o bernsteinismo. Aparentemente, deve ter-se convencido de que nossos "críticos" e nossos bernsteinianos eram injustamente maltratados. Mas, quais? Por quem, onde e quando? Por que injustamente? A esse respeito, o Rabótcheie Dielo cala-se; nem uma só vez menciona um crítico ou um bernsteiniano russo! Só nos resta escolher entre as duas hipóteses possíveis. Ou a parte injustamente ofendida não é senão o próprio Rabótcheie Dielo (o que é confirmado pelo fato de os dois artigos do n.º. 10 falarem unicamente das ofensas infligidas pela Zaria e pelo Iskra ao Rabótcheie Dielo). Mas, daí, como explicar o estranho fato de o Rabótcheie Dielo, que sempre negou obstinadamente qualquer solidariedade com o bernsteinismo, não ter podido se defender senão em favor dos "bernsteinianos mais declarados" e da liberdade de crítica? Ou, então, foram terceiros os injustamente ofendidos. Neste caso, quais seriam, pois, os motivos para não serem mencionados? Assim, vemos que o Rabótcheie Dielo continua o jogo de esconde-esconde, ao qual se dedica (como demonstraremos mais adiante) desde que existe. Ademais, note-se esta primeira aplicação prática da famosa "liberdade de crítica". De fato, esta liberdade logo reconduziu não somente à ausência de toda crítica, mas também à ausência de todo julgamento independente em geral. O mesmo Rabótcheie Dielo que oculta, como uma doença secreta (segundo a feliz expressão de Satrover), a existência de um bernsteinismo russo, propõe para curar essa doença copiar pura e simplesmente a última receita alemã para o tratamento da forma alemã de tal doença! Ao invés de liberdade de crítica, imitação servil... pior ainda: simiesca! As manifestações do atual oportunismo internacional, em toda a parte idêntico em seu conteúdo social e político, variam segundo as particularidades nacionais. Em um país, as oportunidades há muito se agrupam sob uma bandeira distinta; em outro, desdenhando a teoria, seguem praticamente a política dos socialistas radicais; em um terceiro, alguns membros do partido revolucionário, que se passaram para o campo do oportunismo, desejam atingir os seus fins, não através de luta aberta por princípios e tácticas novas, mas através de corrupção gradual, imperceptível e, se é que se pode dizer, não passível de punição pelo seu partido; enfim, em outro lugar, esses desertores empregam os mesmos procedimentos nas trevas da escravatura política, onde a relação entre a atividade "legal" e a atividade

"ilegal" etc., é completamente original. Fazer da liberdade de crítica e da liberdade do bernsteinismo a condição da união dos sociais democratas russos, sem uma análise das manifestações concretas e dos resultados particulares do bernsteinismo russo, é falar sem nada dizer. Portanto, tentemos nós próprios dizer, ao menos em poucas palavras, o que não quis dizer (ou talvez não tenha sabido compreender) o Rabótcheie Dielo. (3)

c) A Crítica na Rússia

No que concerne à nossa análise, a particularidade essencial da Rússia consiste em que o próprio começo do movimento operário espontâneo, de um lado, e a evolução da opinião pública avançada em direção ao marxismo, de outro, foram marcados pela combinação de elementos notoriamente heterogéneos sob uma mesma bandeira para a luta contra o inimigo comum (contra uma filosofia política e social obsoletas). Referimo-nos à lua-de-mel do "marxismo legal", um fenómeno de extrema originalidade, em cuja possibilidade ninguém teria acreditado na década de 1880, ou no início da década de 1890. Em um país autocrático, onde a imprensa é completamente subjugada, em uma época de terrível reação política que reprimia as menores manifestações de descontentamento e de protesto político, a teoria do marxismo revolucionário abre repentinamente o caminho em uma literatura submissa à censura, e esta teoria foi exposta na linguagem de Esopo, compreensível. porém, a todos "aqueles que se interessavam". O governo tinha se habituado a não considerar como perigosa senão a teoria da "Norodnaia Volia" (revolucionária); e não notava, como é comum, a sua evolução interna regozijando-se com toda crítica dirigida contra ela. Antes de o governo se aperceber, antes de o pesado exército de censores e policiais descobrir o novo inimigo e atirar-se sobre ele, muito tempo se passou (muito tempo para nós, russos). Ora, durante esse tempo, as obras marxistas foram editadas sucessivamente, foram fundados jornais e revistas marxistas; todo o mundo literalmente tornou-se marxista; os marxistas eram elogiados, adulados, os editores estavam entusiasmados com a venda extremamente rápida das obras marxistas. É compreensível que entre os marxistas principiantes, mergulhados na embriaguez do sucesso, tenha havido mais de um "escritor envaidecido"-... Hoje, pode-se falar desse período tranquilamente, como se fala do passado. Ninguém ignora que a efémera emergência do marxismo à superfície de nossa literatura provém da aliança com elementos bastante moderados. No fundo, esses últimos eram democratas burgueses, e esta conclusão (evidenciada por sua evolução "crítica" ulterior) já se impunha a alguns à época em que a "aliança" ainda estava intacta. (4) Mas, assim sendo, a quem pertence a maior responsabilidade pelo "problema" ulterior, senão aos sociais-democratas revolucionários que concluíram esta aliança com os futuros "críticos"? Esta é a questão, seguida de uma resposta afirmativa, que se ouve, por vezes, das pessoas que vêem as coisas de maneira demasiado linear. Tais pessoas, porém, não têm razão alguma. Só podem temer as alianças temporárias, mesmo com elementos inseguros, os que não possuem confiança

em si próprios. Nenhum partido político poderia existir sem essas alianças. Ora, a união com os marxistas legais foi, de qualquer modo, a primeira aliança, política verdadeira realizada pela social-democracia russa. Esta aliança permitiu alcançar uma vitória surpreendentemente rápida sobre o populismo, e assegurou a prodigiosa difusão das ideias marxistas (é verdade que vulgarizadas). Além disso, esta aliança não foi concluída completamente sem "condições" . Testemunha-o a compilação marxista, Documentos Sobre o Desenvolvimento Económico da Rússia, queimada em 1895 pela censura. Se se pode comparar o acordo literário com os marxistas legais a uma aliança política, pode-se comparar tal obra a um contrato político. Evidentemente, a ruptura não se deve ao fato de os "aliados" se terem declarado democratas burgueses. Ao contrário, os representantes dessa última tendência constituem, para a social-democracia, aliados naturais e desejáveis, sempre que se trate de tarefas democráticas que a situação atual da Rússia coloca em primeiro plano. Mas, a condição necessária para tal aliança, é que

O nascimento e o desenvolvimento da ligação e da dependência recíproca, entre a crítica legal e o "economismo" ilegal, constituem questão interessante, que poderia servir de objeto de um artigo especial. Aqui, basta-nos assinalar a existência incontestável dessa ligação. O famoso Credo adquiriu tão merecida celebridade por ter formulado abertamente essa ligação, e divulgado incidentalmente a tendência política fundamental do "economismo": para os operários, a luta económica (ou, mais exatamente, a luta sindical, que abrange também a política especificamente operária); para os intelectuais marxistas, a fusão com os liberais para a "luta" política. A atividade sindical "no povo" foi a realização da primeira metade da tarefa; a crítica legal, da segunda. Essa declaração era uma arma tão preciosa contra o "economismo" que se o Credo não tivesse existido, teria sido necessário inventá-lo. O Credo não foi inventado, mas publicado sem o consentimento e talvez mesmo contra a vontade de seus autores. Em todo o caso, o autor destas linhas, que contribuiu para trazer à luz o novo "programa",teve ocasião de ouvir lamentações e censuras pelo fato de o resumo dos pontos de vista dos oradores, por eles esboçado, ter sido divulgado em cópias, rotulado com o nome de Credo, e mesmo publicado na imprensa com o protesto! Se recordamos esse episódio, é porque ele revela um traço muito curioso de nosso "economismo": o temor à publicidade. Este é um traço do "economismo" em geral, e não somente dos autores do Credo: Manifesta-se na Robótchaia Mysl o mais franco e honesto adepto do "economismo", e no Rabótcheie Dielo (que se ergueu contra a publicação de documentos

"economistas" no Vademecum, e no Comitê de Kiev, há cerca de dois anos, não quis autorizar que se publicasse sua "Profissão de Fé" em conjunto com a refutaçãoos socialistas tenham a plena possibilidade de revelar à classe operária a oposição hostil entre os seus interesses e os da burguesia. Ora, o bernsteinismo e a tendência "crítica" a que aderiram, em geral, os marxistas legais, em sua maioria, removiam essa possibilidade e pervertiam a consciência socialista, aviltando o marxismo, pregando a teoria da atenuação dos antagonismos sociais, proclamando absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reconduzindo o movimento operário e a luta de classes a um sindicalismo estreito e à luta "realista" por reformas pequenas e graduais. Isso equivalia perfeitamente à negação, para a democracia burguesa, do direito do socialismo à independência e, por conseguinte, de seu direito à existência; e, na prática, tendia a transformar o movimento operário, então em seus primórdios, em apêndice do movimento liberal. É evidente que, nessas condições, impunha-se a ruptura. Porém, pela particularidade original da Rússia, essa ruptura de novo consistiu em simplesmente eliminar os sociais-democratas da literatura "legal" , a mais acessível ao público e a mais amplamente difundida. Os "ex-marxistas", que se agruparam "sob o signo da crítica" e obtiveram quase o monopólio da "execução" do marxismo, aí se entrincheiraram. Os slogans, "contra a ortodoxia" e "viva a liberdade de crítica" (retomados agora pelo Rabótcheie Dielo) tornaram-se imediatamente palavras em moda. Nem mesmo os censores e os policiais puderam resistir a essa moda, como o mostram as três edições russas do livro famoso (famoso à maneira de Eróstrato) Bernstein, ou a recomendação de Zoubatov das obras de Bernstein, de M. Prokopovitch etc. (Iskra n.º. 10). Aos sociais-democratas impunha-se, então, a tarefa já em si difícil, e ainda mais incrivelmente dificultada pelos obstáculos puramente exteriores, de combater a nova corrente. Ora, tal corrente não se limitava à literatura. A evolução em direção à "crítica" encontrou-se com o entusiasmo dos sociais-democratas práticos pelo "economismo".(5) (6) (7) desta última; e manifesta-se, também em muitos e muitos representantes do "economismo".

Esse temor da crítica que demonstram os adeptos da liberdade de crítica, não poderia ser explicado unicamente pela astúcia (ainda que a astúcia, por vezes, desempenhe o seu papel: não é vantajoso expor ao ataque do adversário as tentativas ainda frágeis de uma nova tendência!). Não, a maioria dos "economistas" com uma sinceridade absoluta vê (e pela própria essência do "economismo" tem de fazê-lo) sem benevolência todas as discussões teóricas, divergências de facção, grandes problemas políticos, projetos de organização dos

revolucionários etc. "Seria melhor deixar tudo isto aos estrangeiros." disse-me um dia um dos "economistas" bastante consequentes, exprimindo, assim, esta opinião extremamente difundida (puramente sindical, mais uma vez), de que nossa incumbência é o movimento operário, as organizações operárias internas de nosso país, e que todo o resto é invenção dos doutrinários, uma "sobrestimação da ideologia", segundo a expressão dos autores da carta publicada no número 12 do Iskra, em uníssono ao número 10 do Rabótcheie Dielo. Agora, a questão que se coloca é: dadas essas particularidades da "crítica" e do bernsteinismo russos, qual devia ser a tarefa daqueles que, realmente e não apenas em palavras. desejam ser adversários do oportunismo? Em primeiro lugar, era necessário retomar o trabalho teórico que, apenas começado à época do marxismo legal, voltara então a recair sobre os militantes ilegais, sem esse trabalho, o crescimento normal do movimento seria impossível. Em seguida, era necessário empreender uma luta ativa contra a "crítica" legal que corrompia profundamente os espíritos. Enfim, era preciso combater vigorosamente a dispersão e as flutuações do movimento prático, denunciando e refutando toda tentativa de rebaixar, consciente ou inconscientemente, nosso programa e nossa táctica. Sabe-se que o Rabótcheie Dielo não cumpriu nenhuma dessas tarefas, e mais adiante analisaremos detalhadamente essa verdade bem conhecida, sob os mais diversos ângulos. No movimento, desejamos simplesmente mostrar a contradição flagrante que existe entre a reivindicação da "liberdade de crítica" e as particularidades de nossa crítica nacional e o "economismo" russo. Olhem a resolução pela qual a "União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro" confirmou o ponto de vista do Rabótcheie Dielo: "No interesse do desenvolvimento ideológico ulterior da social-democracia, reconhecemos que a liberdade de criticar a teoria social-democrata é absolutamente necessária na literatura do partido, na medida em que esta crítica não contradiga o carácter de classe e o carácter revolucionário desta teoria." (Dois Congressos, p. 10). E os motivos que se apresentam são: a resolução "em sua primeira parte, coincide com a resolução do congresso do Partido em Lübeck", a propósito de Bernstein “... Na sua simplicidade, "os (membros) da União" nem sequer notam o testimonium paupertatis (certificado de indigência) que passam a si próprias!... "mas..., em sua segunda parte, restringe a liberdade de crítica de forma mais estrita do que no congresso de Lübeck". Assim, a resolução da "União" será dirigida contra os bernsteinianos russos? Senão, seria completamente absurdo referir-se a Lübeck!. Mas, é falso que "restringe de forma mais estrita a liberdade de crítica". Pela sua resolução de Hanôver, os alemães rejeitaram, ponto por

ponto, exatamente as emendas de Bernstein, e na resolução de Lübeck, endereçaram uma advertência pessoal a Bernstein mencionando-o na resolução. Entretanto, nossos imitadores "livres" não fazem a menor alusão a uma única das manifestações da "crítica" e do "economismo" especificamente russos. Dada esta reticência, a alusão pura e simples ao carácter de classe e do carácter revolucionário da teoria deixa muito mais margem a falsas interpretações, sobretudo se a "União" recusa-se a classificar no oportunismo a "tendência dita economista" (Dois Congressos, p. 8 § 1). Mas, dizemos isso de passagem. O importante é que as posições dos oportunistas, em relação aos sociais-democratas revolucionários, são diametralmente opostas na Alemanha e na Rússia. Na Alemanha, os sociais- democratas revolucionários, como se

sabe, são favoráveis à manutenção do que existe: ao antigo programa e à antiga táctica conhecidos de todos e explicados em todos os seus detalhes pela experiência de dezenas e dezenas de anos. Ora, os "críticos" desejam fazer modificações e, como estão em ínfima maioria e suas tendências revisionistas são demasiado tímidas, compreende-se os motivos por que a maioria limita-se a rejeitar friamente sua "inovação". Na Rússia, ao contrário, críticos e "economistas" são favoráveis à manutenção do que existe: os "críticos" desejam que se continue a considerá-los marxistas e que se lhes assegure à "liberdade de crítica", da qual se beneficiam sob todos os aspectos (pois, no fundo, nunca reconheceram qualquer coesão dentro do Partido; (8) além disso, não tínhamos um órgão do Partido universalmente reconhecido e capaz de "limitar" a liberdade de crítica, nem sequer por um conselho); os "economistas" desejam que os revolucionários reconheçam "os plenos direitos do movimento no momento atual" (Rab. Dielo n.º. 10, p. 25), isto é, a "legitimidade" da existência do que existe; que os "ideólogos não procurem desviar o movimento do caminho "determinado pela interação recíproca dos elementos materiais e do meio material" ("carta" do número 12 do Iskra); que se reconheça como desejável a luta, "a mesma luta que os operários podem conduzir nas circunstâncias atuais", e como possível aquela "que eles conduzem. “Na realidade, no momento presente” ("Suplemento especial da Rabótchaia Mysl", p. 14). Porém, para nós, sociais-democratas revolucionários, este culto do espontâneo, isto é do que existe "no momento presente", não nos diz nada. Exigimos que seja modificada a táctica que tem prevalecido nesses últimos anos; declaramos que "antes de nos unir, e para nos unir, devemos começar por nos demarcar nítida e resolutamente" (anúncio da publicação do Iskra). Em uma palavra, os alemães conformam-se ao estado atual das coisas e rejeitam as modificações; quanto a nós, rejeitando a

submissão e a resignação ao estado atual das coisas, exigimos a modificação. É esta a "pequena" diferença que nossos "livres" copiadores das resoluções alemãs não notaram!

d) Engels e a Importância da Luta Teórica

"O dogmatismo, o doutrinarismo", a fossilização do Partido, castigo inevitável do estrangulamento forçado do pensamento", tais são os inimigos contra os quais entram na arena os campeões da "liberdade de crítica" do Rabótcheie Dielo. Apreciamos que esta questão tenha sido colocada na ordem do dia; apenas proporíamos completá-la com esta outra questão: Mas, quem são os juízes? Temos diante de nós dois prospectos de edições literárias. O primeiro é o "programa do Rabótcheie Dielo, órgão periódico da 'União dos Sociais-Democratas Russos'" (separata do número 1 do Rab. Dielo). O segundo é o "anúncio da retomada das edições do grupo 'Liberação do Trabalho'". Todos os dois são datados de 1899, época em que a "crise do marxismo" estava, há muito, na ordem do dia. Portanto, em vão procuraríamos na primeira obra as indicações sobre esta questão e uma exposição precisa da posição que pensa tomar, a esse respeito, perante o novo órgão. Quanto ao trabalho teórico e suas tarefas essenciais à hora presente, esse programa e seus complementos adoptados; pelo Terceiro Congresso da "União"(em 1901) nada mencionam (Dois Congressos, p. 15-18). Durante todo esse tempo, a redação do Rabótcheie Dielo deixou de lado as questões de teoria, apesar de essas preocuparem os sociais-democratas do mundo inteiro. O outro prospecto, ao contrário, assinala logo de início o descuro do interesse pela teoria, no decurso desses últimos anos; reclama, insistentemente, "uma atenção vigilante para o aspecto teórico do movimento revolucionário do proletariado", e exorta a urna "crítica implacável das

Tendências anti-revolucionárias, bernsteinianas, e outras", em nosso movimento. Os números publicados da Zaria mostram como este programa foi aplicado. Vê-se assim, portanto, que as grandes frases contra a fossilização do pensamento etc. dissimulam o desinteresse e a impotência para fazer progredir o pensamento teórico. O exemplo dos sociais democratas russos ilustra, de uma forma particularmente notável, esse fenómeno comum à Europa (e de há muito assinalado pelos marxistas alemães), de que a famosa liberdade de crítica não significa a substituição de uma teoria por outra, mas a liberdade com respeito a todo sistema coerente e refletido; significa o ecletismo e a ausência de princípios. Quem conhece, por pouco que seja, a situação de fato de nosso movimento não pode deixar de ver que a grande difusão do marxismo foi acompanhada de certo abaixamento do nível teórico. Muitas pessoas, cujo preparo era ínfimo ou nulo, aderiram ao movimento pelos seus sucessos práticos e importância efetiva. Pode-se julgar a falta de tacto demostrada pelo Rabótcheie Dielo, pela definição de Marx, que lançou de forma triunfante: "Cada passo avante, cada progresso real valem mais que uma dúzia de programas". Repetir

tais palavras nessa época de dissensão teórica equivale a dizer à vista de um cortejo fúnebre: "Tomara que sempre tenham algo para levar!”Além disso, essas palavras são extraídas da carta sobre o programa de Gotha, na qual Marx condena categoricamente o ecletismo no enunciado dos princípios. Se a união é verdadeiramente necessária, escrevia Marx aos dirigentes do partido, façam acordos para realizar os objetivos práticos do movimento, mas não cheguem, ao ponto de fazer comércio dos princípios, nem façam "concessões" teóricas. Tal era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria! Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário. Não seria demasiado insistir sobre essa ideia em uma época, onde o entusiasmo pelas formas mais limitadas da ação prática aparece acompanhado pela propaganda em voga do oportunismo. Para a social-democracia russa em particular, a teoria assume importância ainda maior por três razões esquecidas com muita frequência, a saber: primeiro, nosso partido apenas começou a se constituir. a elaborar sua fisionomia, e está longe de ter acabado com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho certo. Ao contrário, assistimos justamente nesses últimos tempos (como Axelrod já há muito havia predito aos "economistas") ao recrudescimento das tendências revolucionárias não sociais-democratas. Nessas condições, um erro "sem importância" à primeira vista pode acarretar as mais deploráveis consequências, e é preciso ser míope para considerar inoportunas ou supérfluas as controvérsias de facção e a estrita delimitação dos matizes. Da consolidação deste ou daquele matiz pode depender o futuro da social-democracia russa por muitos e longos anos. Segundo, o movimento social-democrata é, pela sua própria essência, internacional. Isso não significa somente que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa, também que um movimento iniciado em um país jovem só pode ter êxito se assimilar a experiência dos outros países. Ora, para tanto não é suficiente apenas conhecer essa experiência, ou limitar-se a copiar as últimas resoluções. É preciso saber proceder à análise crítica dessa experiência e controlá-la por si próprio. Somente quando se constata o quanto se desenvolveu e se ramificou o movimento operário contemporâneo, pode-se compreender a reserva de forças teóricas e de experiência política (e revolucionária) necessárias para se realizar essa tarefa. Terceiro, a social-democracia russa tem tarefas nacionais como nenhum outro partido socialista do mundo jamais o teve. Mais adiante, falaremos das obrigações políticas e da organização que nos impõe essa tarefa: liberar todo um povo do jugo da autocracia. No momento, apenas indicaremos que só um partido

guiado por uma teoria de vanguarda é capaz de preencher o papel de combatente de vanguarda E para se fazer uma ideia mais

concreta do que isso significa, lembre-se o leitor dos predecessores da social-democracia russa, tais como Herzen, Bielínski, Tchernichévski e a brilhante pleiade de revolucionários de 1870-1880; pense na importância mundial de que a literatura, russa atualmente se reveste; e. mas, basta! Citaremos as observações, feitas por Engels em 1874, sobre a importância da teoria no movimento social-democrata. Engels; reconhecia na grande luta da social-democracia não apenas duas formas (política e econômica) - como se faz entre nós - mas três, colocando a luta teórica no mesmo plano. Suas recomendações ao movimento operário alemão, já vigorosa prática e politicamente, são tão instrutivas do ponto de vista dos problemas e discussões atuais, que o leitor, esperamo-lo, não se importará que transcrevamos o longo trecho do prefácio ao livro Der deutsche Bauernkrieg, que há muito já se tornou uma raridade bibliográfica: "Os operários alemães apresentam duas vantagens essenciais sobre os demais operários da Europa. Primeiramente, pertencem, ao povo mais teórico da Europa; além disso, conservaram o senso teórico já quase completamente desaparecido nas classes por assim dizer "cultivadas" da Alemanha. Sem a filosofia alemã que o precedeu, notadamente a de Hegel, o socialismo. alemão - o único socialismo científico que já existiu - não teria sido estabelecido. Sem o sentido teórico dos operários, estes não teriam jamais assimilado esse socialismo científico, como o fizeram. E o que prova esta imensa vantagem é, de um lado, a indiferença com respeito a toda teoria, uma das causas principais do pouco progresso do movimento operário inglês, apesar da excelente organização dos diferentes ofícios, e, de outro lado, a perturbação e a confusão provocadas pelo proudhonismo, em sua forma inicial, entre os franceses e os belgas, e, na sua forma caricaturada, que lhe deu Bakunin, entre os espanhóis e os italianos. A segunda vantagem é que os alemães integraram tardiamente o movimento operário, tendo sido quase os últimos. Do mesmo modo que o socialismo alemão jamais se esquecerá de que foi erigido sobre os ombros de Saint-Simon, de Fourier de Owen, três homens que, apesar de toda a fantasia e a utopia de suas doutrinas, encontram-se entre os maiores cérebros de todos os tempos e se anteciparam genialmente a inumeráveis ideias, cuja exatidão presentemente demonstramos de maneira científica, também o movimento operário prático alemão jamais deve esquecer-se que desenvolveu sobre os ombros dos movimentos inglês e francês, que pôde simplesmente beneficiar-se de suas Experiências adquiridas penosamente e evitar, no presente, seus erros, então na

maioria inevitáveis. Sem o passado dos sindicatos ingleses e das lutas políticas dos franceses, sem o impulso gigantesco dado especialmente pela Comuna de Paris, onde estaríamos nós, hoje? É preciso reconhecer que os operários alemães souberam aproveitar as vantagens de sua situação, com rara inteligência. Pela primeira vez, desde que existe um movimento operário, a luta é conduzida em suas três direções - teórica, política e econômico-prática (resistência contra os capitalistas) - com tanto método e coesão. É neste ataque concêntrico, por assim dizer, que reside a força invencível do movimento alemão. De um lado, em ramo de sua posição vantajosa; de outro, em decorrência das particularidades insulares do movimento inglês e da violenta repressão do movimento francês, os operários alemães, no momento, colocam-se na vanguarda da luta proletária. Não é possível prever durante quanto tempo os acontecimentos, lhes permitirão ocupar esse posto de honra.. Mas, enquanto o ocuparem, é de se esperar que cumprirão seu dever, como convém. Para tanto, deverão redobrar os esforços, em todos os domínios da luta e da agitação. Os dirigentes, em particular, deverão instruir-se cada vez mais sobre todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência das frases tradicionais, pertencentes às concepções obsoletas do mundo, e jamais se esquecer que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado, isto é, estudado, como uma ciência. A tarefa consistirá, a seguir, em difundir com zelo cada vez maior entre as classes

operárias, as concepções sempre mais claras, assim adquiridas, e em consolidar de forma cada vez mais poderosa a organização do partido e dos sindicatos... ... Se os operários alemães continuarem a agir assim, não digo que marcharão à frente do movimento - não é de interesse do movimento que os operários de uma única nação, em particular, marchem à frente -, mas ocuparão um lugar de honra na linha de combate; e estarão armados e prontos se provas difíceis e inesperadas, ou ainda grandes acontecimentos exigirem deles maior coragem, decisão e ação". As palavras de Engels revelaram-se proféticas. Alguns anos mais tarde, os operários alemães foram inesperadamente submetidos à dura provação da lei de exceção contra os socialistas. E os operários alemães encontram-se de fato suficientemente preparados para sair vitoriosos. O proletariado russo terá de sofrer provas ainda infinitamente mais duras, terá de combater um monstro perto do qual o da lei de exceção, em um país constitucional, parece um pigmeu. A história nos atribui, agora, uma tarefa imediata, a mais revolucionária de todas as tarefas imediatas do proletariado de qualquer país. A realização dessa tarefa, a destruição do baluarte mais poderoso, não somente da reação europeia, mas também (podemos agora dize-lo) da reação

asiática, fará do proletariado russo a vanguarda do proletariado revolucionário internacional. E temos o direito de esperar que obteremos este título honorário merecido já pelos nossos predecessores, os revolucionários de 1870-1880, se soubermos animar com o mesmo espírito de decisão e a mesma energia irredutível o nosso movimento, mil vezes mais amplo e mais profundo.

Capítulo 2 - A Espontaneidade das Massas e a Consciência da Social-Democracia

Dissemos que era necessário animar nosso movimento, infinitamente maior e mais profundo que aquele de 1870-1880, com o mesmo espírito de decisão e a mesma energia sem limites. De fato, até o presente parece que ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo estivesse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e sua fraqueza residisse na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Nesses últimos tempos, contudo, foi feita uma descoberta espantosa, que ameaça subverter todas as ideias adquiridas sobre este ponto. Esta descoberta é obra do Rabótcheie Dielo que, em sua polêmica com o Iskra e a Zaria, não se ateve a objecções particulares e tentou reconduzir o "desacordo geral" à sua raiz mais profunda: a uma "apreciação diferente da importância relativa do elemento espontâneo e do elemento conscientemente metódico"'. A tese de acusação do Rabótcheie Dielo expressa o seguinte: "subestimação da importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento". (1) Ao que respondemos: se a polémica do Iskra e da Zaria não tivesse outro resultado senão o de levar o Rabótcheie Dielo a descobrir esse "desacordo geral", este resultado, por si só, dar-nos-ia grande satisfação, a tal ponto esta tese é significativa, e esclarece nitidamente o fundo das divergências teóricas e políticas que separam, hoje, os sociais democratas russos.

Além disso, a questão das relações entre a consciência e a espontaneidade oferece um imenso interesse geral, e exige um estudo detalhado.

a) Ascensão do Espontaneismo

No capítulo anterior assinalamos o entusiasmo generalizado da juventude russa instruída pela teoria marxista, por volta de 1895. Foi também nessa mesma época, que as greves operárias, após a famosa guerra industrial de 1896 em Petersburgo, revestiram-se de um carácter geral. Sua extensão por toda a Rússia atestava claramente a profundidade do movimento popular que de novo surgia, e se falamos do "elemento espontâneo", é certamente nesse movimento de greves que devemos considerá-lo, antes

de tudo. Mas, há espontaneidade e espontaneidade. Houve, na Rússia, greves nas décadas de 1870 e 1880 (e mesmo na primeira metade do século XIX), que foram acompanhadas da destruição "espontânea" de máquinas etc. Comparadas a esses "tumultos", as greves após 1890 poderiam mesmo ser qualificadas de "conscientes", tal foi o progresso do movimento operário nesse intervalo. Isto nos mostra que o "elemento espontâneo", no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente. Os tumultos primitivos já traduziam certo despertar da consciência: os operários, perdiam sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia; começavam... Não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva, e rompiam deliberadamente com a submissão servil às autoridades. Era, portanto. mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta. As greves após 1890 mostram-nos melhor os lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, procura-se prever o momento favorável, discutem-se certos casos e exemplos de outras localidades etc. Se os tumultos constituíam simplesmente a revolta dos oprimidos, as greves sistemáticas já eram o embrião mas, nada além do embrião - da luta de classe. Tomadas em si mesmas, essas greves constituíam uma luta sindical, mas não ainda social-democrata; marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter, consciência da oposição irredutível e de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência social-democrata. Nesse sentido, as greves após 1890, apesar do imenso progresso que representaram em relação aos "tumultos", continuavam a ser um movimento essencialmente espontâneo.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc. (2) Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias

filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. A época de que falamos, isto é, por volta de 1895, essa doutrina constituía não apenas o programa perfeitamente estabelecido do grupo "Liberação do Trabalho", mas também conquistara para si a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, pois, houve ao mesmo tempo um despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada da teoria social-democrata, buscava aproximar-se dos operários. Quanto a isso, é particularmente importante estabelecer este fato esquecido com frequência (e relativamente pouco conhecido), de que os primeiros sociais-democratas desse período, que se dedicavam com ardor à agitação econômica (contando, para isso, com as indicações verdadeiramente úteis do folheto Sobre a Agitação, à época ainda manuscrito) longe de considerar essa agitação como sua tarefa única, atribuíam desde o começo à social-democracia russa as grandes tarefas históricas, em geral, e a tarefa da derrubada da autocracia, em particular. Assim, o grupo dos

Ora, a falta de preparação entre a maior parte dos revolucionários, sendo um fenômeno perfeitamente natural, não podia dar lugar a qualquer apreensão particular. A partir do momento em que as tarefas eram bem definidas; a partir do momento em que se possuía bastante energia para tentar de novo realizá-las, os fracassos momentâneos constituíam apenas meio mal. A experiência revolucionária e a habilidade de organização são coisas que se adquirem. É preciso apenas desenvolver em nós mesmos as qualidades necessárias! É preciso que tenhamos consciência de nossos defeitos, o que, no trabalho revolucionário, já é mais de meio caminho para os corrigir. sociais-democratas de Petersburgo, que fundou a "União de Luta para Liberação de Classe Operária "redigiu, já em fins de 1895, o primeiro número de um jornal intitulado Rabótcheie Dielo. Pronto para ser impresso, esse número foi apreendido pelos policiais numa busca efetuada na noite de 8 para 9 de dezembro de 1895, em casa de um dos membros, do grupo, Anat. Alex. Vaneiev, (3) de forma que o Rabótcheie Dielo do primeiro período não pôde ver a luz do dia. O editorial desse jornal (que,

talvez, em trinta anos uma revista como a Russkaia Starina exumará dos arquivos do departamento de polícia) expunha as tarefas históricas da classe operária na Rússia, entre as quais colocava-se em primeiro plano a conquista da liberdade política. Seguiam-se um artigo, "Em que Pensam Nossos Ministros?" sobre o saque dos Comitês de instrução elementar pela polícia, bem como uma série de artigos de correspondentes, não só de Petersburgo, como de outras localidades da Rússia (por exemplo, sobre um massacre de operários na província de Iaroslavl. Assim, se não me engano, esse "primeiro ensaio" dos sociais-democratas russos de 1890-1900 não era um jornal estritamente local, e ainda menos de caráter "econômico", visava a unir a luta grevista ao movimento revolucionário dirigido contra a autocracia e levar todos os oprimidos, vítimas da política do obscurantismo reacionário, a apoiar a social-democracia. E para quem quer que conheça um pouco o estado do movimento nessa época, está fora de dúvida que um jornal como esse encontrou toda a simpatia dos operários da capital e dos intelectuais revolucionários, e teve a maior difusão. O fracasso do empreendimento provou simplesmente que os sociais-democratas de então eram incapazes de corresponder às exigências do momento, por falta de experiência revolucionária e de preparação prática. O mesmo se deve dizer do Rabótchaia Listok de São Petersburgo, e sobretudo da Rabótchaia Gazeta e do Manifesto do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, fundado na primavera de 1898. Subentenda-se que não nos passa pela cabeça a ideia de censurar os militantes da época pela sua falta de preparação. Mas, para aproveitar a experiência do movimento e daí extrair lições práticas, é preciso considerar extensivamente as causas e a importância desse ou daquele defeito. Por isso, é extremamente importante estabelecer que uma parte (talvez mesmo a maioria) dos sociais-democratas militantes de 1895-1898 considerava com justa razão possível, aquela época, no começo mesmo do movimento "espontâneo", preconizar um programa e uma tática de combate mais extensos.(4)

Mas, o que era meio mal tornou-se um mal verdadeiro, quando esta consciência começou a se obscurecer (porém, ela era bastante viva entre os militantes dos. grupos acima mencionados), quando surgiram pessoas - e mesmo órgãos sociais-democratas - prontas a erigir os defeitos em virtudes, e tentando mesmo justificar teoricamente sua idolatria, seu culto do espontâneo. É tempo de fazer o balanço dessa tendência, caracterizada de maneira muito inexata pelo termo "economismo", demasiado estreito para exprimir o conteúdo.

b) O Culto da Espontaneidade. "Rabotchaia Mysl"

Antes de passar às manifestações literárias desse culto, assinalaremos o seguinte fato característico (cuja fonte foi acima mencionada), que lança certa luz sobre o nascimento e o crescimento entre os camaradas militantes de Petersburgo, de um desacordo entre as duas futuras tendências da social-democracia russa. No início de 1897, A. Vaneiev e alguns de seus camaradas tiveram ocasião de participar, antes de sua partida para o exílio, de uma reunião privada, onde se encontraram os "velhos" e os "jovens " membros da "União de Luta para a Liberação da Classe Operária". A conversa girou principalmente sobre a organização e, em particular, sobre os "estatutos das caixas operárias", publicados sob sua forma definitiva no número 9-10 do Listok "Rabótnika" (p. 46). Entre os "velhos" (os "dezembristas", como eram chamados em tom de gracejo pelos sociais-democratas de Petersburgo) e alguns dos "jovens" (que mais tarde colaboraram ativamente na Rabótchaia Mys1) manifestou-se logo uma divergência muito nítida, e se estabeleceu ardente polêmica. Os "jovens" defendiam os princípios essenciais dos estatutos, tais como tinham sido publicados. Os "velhos" diziam que não era isto o que se colocava em primeiro lugar; que era preciso, inicialmente, consolidar a "União de Luta" para dela fazer uma organização de revolucionários, à qual estariam subordinadas as diversas caixas operárias, os círculos de propaganda entre a juventude das escolas etc. Bem entendido, as duas partes estavam longe de ver nessa divergência o germe de um desacordo; ao contrário, consideravam-na isolada e acidental. Esse fato, porém, mostra que o nascimento e a difusão do "economismo" na Rússia não se fizeram igualmente sem luta contra os "velhos" sociais-democratas (o que os "economistas" de hoje frequentemente esquecem). E se essa luta não deixou, na maior parte dos casos, traços "documentais", é unicamente porque a composição dos círculos em atividade mudava com incrível rapidez, porque não se estabelecera qualquer tradição e porque, em consequência, as divergências de pontos de vista não foram registradas em qualquer documento.

O aparecimento da Rabótchaia Mysl trouxe o "economismo" para a luz do dia, porém tal não se deu imediatamente. É preciso ter, uma ideia concreta das condições de trabalho e da breve existência de numerosos círculos russos (ora, só quem passou por isso, pode ter ideia exata das coisas), para compreender quanto teve de fortuito o sucesso ou o fracasso da nova tendência nas diferentes cidades, e a impossibilidade, a impossibilidade absoluta em que durante muito tempo se encontraram os partidários e os adversários dessa "nova" tendência, de determinar se era ela realmente uma tendência distinta ou simplesmente a expressão da falta de preparação de alguns. Assim, os primeiros números

policopiados da Rabótchaia Mysl permaneceram completamente desconhecidos da imensa maioria dos sociais-democratas, e se agora temos a possibilidade de nos referir ao editorial de seu primeiro número, é unicamente porque tal editorial foi reproduzido no artigo de V.I. (Listok "Rabétnika", n.º. 9-10, p. 47 e seg.), que evidentemente não deixou de louvar com empenho - com empenho inconsiderado - esse novo jornal tão nitidamente diferente dos jornais e projetos de jornais acima citados (5). Ora, esse editorial exprime com tanto relevo lodo o espírito da Rabótchaia Mysl e do "economismo" em geral, que vale a pena aí nos determos.

Após ter indicado que o braço fardado de azul não deteria jamais o progresso do movimento operário, o editorial prossegue: " ... 0 movimento operário deve sua vitalidade ao fato de o próprio operário enfim se encarregar de sua sorte, arrancando-a das mãos de seus dirigentes." Esta tese fundamental é, em seguida, desenvolvida em

seus detalhes. Na realidade, os dirigentes (isto é, os sociais-democratas organizadores da "União de Luta") foram arrancados pela policia, por assim dizer, das mãos dos operários (6), e querem nos fazer acreditar que os operários conduziam a luta contra os dirigentes e se libertavam de seu jugo! Em lugar de estimular a marcha para a frente, de consolidar a organização revolucionária e de ampliar a atividade política, incitou-se a volta para trás, em direção à luta exclusivamente sindical. Proclamou-se que "a base econômica do movimento está obscurecida pela tendência a jamais esquecer o ideal político", que o lema do movimento operário é a luta pela situação económica" (!) ou, melhor ainda, "os operários pelos operários"; declarou-se que as caixas de greve "valem mais para o movimento do que uma centena de outras organizações" (que se compare esta afirmação, feita em outubro de 1897, com a disputa dos "dezembristas" com os jovens, no inicio de 1897) etc. Frases como: é preciso colocar em primeiro plano, não a "nata" dos operários, mas o operário "médio", o operário das fileiras; ou como: "O político segue sempre docilmente o econômico" (7) etc. etc., entraram na moda e exerceram influência sobre a massa dos jovens seduzidos pelo movimento e que, na maioria, não conheciam senão fragmentos do marxismo, tal como era exposto legalmente.

Isto constituiu o completo aniquilamento da consciência pela espontaneidade - pela espontaneidade dos "sociais-democratas" que repetiam as "ideias" do Senhor V.V., a espontaneidade dos operários seduzidos pelo argumento de que mesmo um aumento de um copeque por rublo valia mais que todo socialismo e toda política, de que deviam "lutar sabendo que o faziam não

por remotas gerações futuras mas por eles próprios e por seus filhos" (editorial do n.º. 1 da Rabótchaia Mysl). As frases desse gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (como Hirsch, o "social-político" alemão) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês, e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical (8) é uma luta por eles próprios e por seus filhos, e não por remotas gerações futuras com vistas a um incerto socialismo futuro. E agora os "V.V. da social-democracia russa" se põem a repetir essas frases burguesas. Aqui, é importante assinalar três pontos que nos serão de grande utilidade para a continuação de nossa análise sobre as divergências atuais (9).

Em primeiro lugar, o aniquilamento da consciência pela espontaneidade, de que falamos, também se deu de maneira espontânea. Isto parece um jogo de palavras, mas infelizmente é uma verdade amarga. O que provocou esse aniquilamento não foi uma luta declarada entre duas concepções absolutamente opostas, nem a vitória de uma sobre a outra, mas o desaparecimento de um número cada vez maior de "velhos" revolucionários "colhidos" pelos policiais, e a entrada em cena, cada vez mais frequente, dos "jovens" "V.V. da social-democracia russa". Quem quer que tenha, não direi participado do movimento russo contemporâneo, mas simplesmente respirado o seu ar, sabe perfeitamente que esta é precisamente a situação. E se, apesar disso, insistimos particularmente para que o leitor considere com cuidado esse fato conhecido de todos, se para maior evidência referimo-nos, de algum modo, aos dados sobre o Rabótcheie Dielo do primeiro período, e sobre a discussão entre "jovens" e "velhos" no início de 1897, é porque as pessoas que se gabam de espírito democrático" especulam sobre a ignorância desse fato pelo grande público (ou entre os adolescentes). Mais adiante, ainda voltaremos a esse ponto.

Em segundo lugar, desde a primeira manifestação literária do "economismo" podemos observar um fenômeno eminentemente original e extremamente característico para a compreensão de todas as divergências entre sociais-democratas da atualidade: os partidários do "movimento puramente operário", os adeptos da ligação mais estreita e mais "orgânica" (expressão do Rab. Dielo) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que fossem intelectuais socialistas) foram obrigados, para defender sua posição, a recorrer aos argumentos burgueses "exclusivamente sindicais". Isto nos mostra que, desde o princípio, a Rabótchaia Mysl começara - insistentemente - a realizar o programa do Credo. Isto mostra (o que não pode chegar a compreender o Rabótcheie Dielo), que todo culto da espontaneidade do

movimento operário, toda diminuição do papel do "elemento consciente", do papel da social-democracia significa - quer se queira ou não - um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de "sobrestimação da ideologia"(10), de exagero do papel do elemento consciente (11) etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si, uma ideologia independente, com a única condição de que os operários "arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes". Mas, isto constitui um erro profundo. Para completar o que dissemos acima, citaremos ainda as palavras profundamente justas e significativas de K. Kautsky, a propósito do projeto do novo programa do partido social-democrata austríaco (12).

"Muitos de nossos críticos revisionistas atribuem a Marx a afirmação de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes não somente criam as condições da produção socialista, mas engendram diretamente a consciência (o grifo é de K.K.) de sua necessidade. E eis que esses críticos objetam que a Inglaterra, país do mais avançado desenvolvimento capitalista, está mais alheia do que qualquer outro país a essa consciência. O projeto do programa leva a crer que a comissão que elaborou o programa austríaco partilha, também, desse ponto de vista dito marxista ortodoxo, que refuta o exemplo da Inglaterra. O projeto afirma: "Quanto mais o proletariado aumenta em consequência do desenvolvimento capitalista, mais é obrigado e tem a possibilidade de lutar contra o capitalismo. O proletariado adquire a "consciência" da possibilidade e da necessidade do socialismo. Por conseguinte, a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto da luta proletária de classe. Ora, isto é inteiramente falso. Como doutrina, o socialismo evidentemente tem suas raízes nas relações econômicas atuais, da mesma forma que a luta de classe do proletariado; do mesmo modo que esta última, resulta da luta contra a pobreza e a miséria das massas, provocadas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. De fato, a ciência económica contemporânea constitui tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e, apesar de todo o seu desejo, o proletariado não pode criá-las; ambas surgem do processo social contemporâneo. Ora, o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses (o grifo é de KA.): foi do cérebro de certos indivíduos dessa categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmente mais evoluídos,

que o introduziram, em seguida, na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiram. Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora (von Aussenhineigetranes) na luta de classe do Proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente (ur wüchsig). Também o antigo programa de Heinfeld dizia, muito justamente, que a tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado (literalmente:

preencher o proletariado com) a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe. Ora, o novo projeto emprestou essa tese do antigo programa e juntou-se à tese acima citada. O que interrompeu completamente o curso do pensamento...

No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento (13), o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não elaborou uma "terceira" ideologia; e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso, toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do "Credo", pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo, a Nur-Gewerkschafilerei: ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da social-dernocracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a social-democracia revolucionária. Por conseguinte, a frase dos autores da carta "econômica" do n.º. 12 do Iskra, afirmando que todos os esforços dos mais inspirados ideólogos não poderão desviar o movimento operário do caminho determinado pela ação recíproca dos elementos materiais e do meio material, equivale exatamente a abandonar o socialismo, e se esses autores fossem capazes de meditar no que dizem, até às ultimas consequências, com lógica e destemor, como deve fazer quem se dedica ao campo da ação literária e social, não lhes restaria senão cruzar sobre o peito vazio seus braços inúteis “" e... deixar o campo livre aos senhores Struve e Prokopovitch, que arrastam o movimento operário "no sentido do mínimo esforço", isto é, no sentido do sindicalismo burguês, ou aos senhores Zubatov, que o arrastam no

sentido da "ideologia" cléricopolicial.

Recorde-se o caso da Alemanha. Qual foi o mérito histórico de Lassalle diante do movimento operário alemão? Foi ter desviado este movimento do caminho do sindicalismo progressista e do cooperativismo, para onde se dirigia espontaneamente (com a ajuda benévola dos Schulze-Delitzsch e consortes). Para realizar essa tarefa, foi preciso mais do que frases a respeito da subestimação do elemento espontâneo, sobre a tática-processo, sobre a ação recíproca dos elementos e do meio etc. Para isso foi preciso uma luta encarniçada contra a espontaneidade, e só após essa luta de longos e longos anos que se chegou, por exemplo, a fazer da população operária de Berlim o baluarte do partido progressista, uma das melhores cidadelas da social-democracia. E esta luta está ainda longe de terminar (como poderiam supor os estudiosos da história do movimento alemão através de Prokopovitch, e da filosofia desse movimento através de Strouve). Ainda agora, a classe operária alemã está dividida, se assim se pode dizer, entre diversas ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos operários católicos e monarquistas; outra, nos sindicatos Hirsch-Duncker, fundados pelos admiradores burgueses do sindicalismo inglês; uma terceira, nos sindicatos sociais-democratas. Esta última parte é infinitamente mais numerosa que todas as outras, mas a ideologia social-democrática não pode obter, e não poderá conservar essa supremacia, senão através de uma luta incansável contra todas as outras ideologias.

Mas, por que - perguntará o leitor - o movimento espontâneo, que se dirige para o sentido do mínimo esforço, conduz exatamente à dominação da ideologia burguesa? Pela simples razão de que, cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores (14). Quanto mais jovem for o movimento socialista em um país, mais energicamente terá que lutar contra todas as tentativas feitas para consolidar a ideologia não socialista; tanto mais resolutamente será preciso colocar os operários em guarda contra os maus conselheiros que gritam contra a "sobrestimação do elemento consciente" etc. Com o Rabótcheie Dielo, os autores da carta econômica gritam em uníssono contra a intolerância própria à infância do movimento. A isto responderemos: de fato, nosso movimento ainda está em sua infância, e para atingir sua virilidade deve justamente imbuir-se de intolerância em relação àqueles que, através de seu culto da espontaneidade, retardam seu desenvolvimento. Nada há de mais ridículo e de mais prejudicial para se colocar ao velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!

Em terceiro lugar, o primeiro número da Rabótchaia Mysl mostra-nos que a denominação de "economismo" (à qual, evidentemente, não temos intenção de renunciar, pois de qualquer modo este vocábulo já adquiriu direito de ser citado) não traduz com exatidão suficiente o fundo da nova tendência. A Rabótchaia Mys1 não nega completamente a luta política: os estatutos da caixa que pública em seu primeiro número falam da luta contra o governo. A Rabótchaia Mysl considera somente que "o político segue sempre docilmente o econômico". (E o Rabótcheie Dielo dá uma variação dessa tese, afirmando em seu programa que "na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta econômica é inseparável da luta política"). Essas teses da Rabótchaia Mysl e do Rabótcheie Dielo são absolutamente falsas, se por política se entende a política social-democrata. Com muita frequência, a luta econômica dos operários, como já vimos, está ligada, (não de forma indissolúvel, é verdade) à política burguesa, clerical, ou outra. As teses do Rabótcheie Dielo são justas, se por política se entende a política sindical, isto é, a aspiração geral dos operários a obter do Estado as medidas suscetíveis de remediar os males inerentes à sua situação, mas, que não suprimem tal situação, isto é, não suprimem a submissão do trabalho ao capital. Essa aspiração é, de fato, comum aos sindicalistas ingleses hostis ao socialismo, aos operários católicos e aos operários "de Zubatov", etc. Há política e política. Assim, pois, vemos que a Rabótchaia MysI, mesmo no que concerne à luta política, mais do que repudiá-la, inclina-se diante de sua espontaneidade, sua inconsciência. Reconhecendo inteiramente a luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, mais ainda: os anseios e reivindicações políticas dos operários) recusa-se por completo a elaborar ela própria uma política social-democrata específica, que responda às tarefas gerais do socialismo e as condições russas atuais. Mais adiante mostraremos que esta também é a falta cometida pelo Rabótcheie Dielo.

c) O grupo da Autoemacipação e o "Rabotcheie Delo"

Se analisamos com tantos detalhes o editorial pouco conhecido e hoje quase esquecido do primeiro número da Rabótchaia Mysl é porque ele foi o primeiro a expressar de forma relevante a corrente geral, que mais tarde surgiria à luz sob a forma de uma infinidade de riachos. V. I. tinha absoluta razão quando, louvando esse primeiro número

e esse editorial da Rabótchaia MysI, constatou "a(sua) veemência e o seu ardor" (Listok "Rabótchaia" n.º. 9-10, p. 49). Todo homem de convicções firmes, que acredita trazer algo de novo quando escreve com "ardor", coloca em relevo o seu ponto de vista. Somente aqueles habituados a permanecer sentados entre duas cadeiras carecem de "ardor"; somente estes, após terem elogiado, ontem, o ardor da Rabótchaia Mysl, são capazes, hoje, de censurar o "ardor polêmico" de seus adversários.

Sem nos determos no "suplemento especial da Rabótchaia Mys1 (a seguir, teremos de nos referir, por diferentes motivos, a essa obra que expõe com a maior lógica as ideias dos "economistas"), limitarnos-mos a assinalar sumariamente o "Apelo do Grupo da Autoliberação dos Operários" (março de 1899, reproduzido no Nakanune de Londres, n.º. 7, julho de 1899). Os autores deste apelo dizem, com toda a razão, que "a Rússia operária, que apenas começa a se sacudir de seu torpor e a olhar à sua volta, apega-se instintivamente aos primeiros meios de luta que se lhe oferecem", mas daí tiram a mesma conclusão errônea que a Rabótchaia Mysl esquecendo-se que o instintivo é exatamente o inconsciente (o espontâneo), em ajuda do qual devem correr os socialistas; que os "primeiros" meios de luta "que se lhe oferecem" serão sempre, na sociedade contemporânea, os meios sindicalistas de luta e a "primeira" ideologia, a ideologia burguesa (sindicalista). Esses autores não "negam" mais a política, dizem somente (somente!) de acordo com o Senhor V. V., que a política é uma superestrutura e que, por conseguinte, "a agitação política deve ser a superestrutura da agitação em favor da luta econômica, que deve surgir no campo dessa luta e marchar atrás dela".

Quanto ao Rabótcheie Dielo, começou sua atividade diretamente pela "defesa" dos "economistas". Após ter enunciado uma contra verdade manifesta declarando desde seu primeiro número (n.º. 1, p. 141-142) "ignorar a que jovens camaradas referia-se Axelrod", que em seu conhecido folheto (15) fazia uma advertência aos "economistas", o Rabótcheie Dielo teve, no curso de sua polêmica com Axelrod e Plekhânov a propósito dessa contraverdade, de reconhecer que "simulando não saber de quem se tratava, desejava defender todos os

Jovens sociais-democratas do estrangeiro contra essa acusação injusta" (a acusação de estreiteza de Axelrod aos "economistas"). Na realidade, esta acusação era perfeitamente justa, e o Rabótcheie Dielo sabia muito bem que ela visava, entre outros, V. I., membro de sua redação. Notarei de passagem, a esse respeito, que na polêmica em questão Axelrod tinha inteira razão, e o Rabótcheie Dielo estava completamente errado na interpretação de meu trabalho, As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos. Este trabalho foi escrito em 1897, ainda antes do aparecimento da Rabótchiai Mysl quando eu considerava, com toda a razão, que a tendência inicial da "União de Luta" de São Petersburgo, tal como a caracterizei acima, era a predominante. Efetivamente, esta tendência foi preponderante pelo menos até meados de 1898. Ademais, o Rabótcheie Dielo não fora inutilmente fundado para desmentir a existência e o perigo do "economismo", para se referir a um trabalho que expunha os pontos de vista que foram suplantados em São Petersburgo, em 1897-1898, pelos "economistas"? (16)

Mas, o Rabótcheie Dielo não apenas "defendia" os "economistas"; também incorria, ele próprio, constantemente em seus principais erros. O que se encontrava na origem desse desvio, era a interpretação ambígua da seguinte tese de seu programa: "O fenômeno essencial da vida russa, designado principalmente para definir as tarefas (o grifo é nosso) e o caráter da atividade literária da "União", é, em nossa opinião, o

movimento operário de massas (grifado pelo Rabótcheie Dielo), que surgiu esses últimos anos". Está fora de discussão, que o movimento de massas seja um fenômeno muito importante. Mas, a questão é saber como compreender a "definição das tarefas" para esse movimento de massas. Pode ser compreendida de duas maneiras: ou nos inclinamos diante da espontaneidade desse movimento, isto é, reconduzimos o papel da social-democracia ao de um simples criado do movimento operário como tal (assim o entendem o Rabótchaia Mysl o "Grupo da Autoliberação" e os outros "economistas"); ou admitimos que o movimento de massas nos impõe novas tarefas teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas do que as com que podíamos contentar-nos antes do aparecimento do movimento de massas. O Rabótcheie Dielo sempre tendeu, e tende, precisamente pela primeira interpretação; jamais falou com precisão de novas tarefas, e sempre raciocinou como se esse "movimento de massas" nos eximisse da necessidade de conceber com nitidez e de realizar as tarefas que ele impõe. Será suficiente indicar que, o Rabótcheie Dielo julgou impossível atribuir como primeira tarefa do movimento operário de massas a

derrubada da autocracia, tarefa que rebaixou (em nome do movimento de massas) ao nível da luta pelas reivindicações políticas imediatas ("Resposta", p. 25).

Deixando de lado o artigo de B. Krítchévski, redator-chefe do Rabótcheie Dielo - "A Luta Econômica e Política no Movimento Russo" - aparecido no número 7, artigo onde se encontram os mesmos erros (17), passaremos diretamente ao número l0 do Rabótcheie Dielo. É claro que não examinaremos uma a uma as objeções de B. Kritchévski e de Martynov contra a Zaria e o Iskra. O que nos interessa aqui, é unicamente a posição de princípio adotada pelo Rabótcheie Dielo em seu número 10. Assim, não examinaremos este fato curioso, de o Rabótcheie Dielo ver uma "contradição fundamental" entre a tese seguinte:

"A social-democracia não une as mãos, não limita sua atividade a um plano preconcebido ou a um procedimento de luta política preestabelecido; admite todos os meios de luta, contanto que correspondam às forças disponíveis do Partido"., etc. (Iskra n.º. 1)

e esta tese: " ...sem uma organização sólida, habilitada à luta política em todas as circunstâncias e em todos os períodos, não seria possível sequer falar desse plano de ação sistemática estabelecido à luz de princípios severos, e seguido sem fraquejamentos, o único a merecer o nome de tática" (Iskra, n.º. 4).

Confundir em princípio o reconhecimento de todos os meios, de todos os planos e procedimentos da luta, desde que sejam racionais, com a necessidade de se guiar em um determinado momento político a partir de um plano rigorosamente aplicado, se se quer falar de tática, equivaleria a confundir o reconhecimento pela medicina de todos os sistemas de tratamento, com a necessidade de se ter de seguir um determinado sistema no tratamento de uma dada doença. Mas, é o próprio Rabótcheie Dielo que sofre da doença que denominamos o culto do espontâneo, sem querer admitir qualquer "sistema de tratamento" dessa doença. Ademais, fez esta descoberta notável, que "a tática-plano contradiz o espírito fundamental do marxismo" (n.º. 10, p. 18); que a tática é "o processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao mesmo tempo que ele" (p. 11, grifado pelo Robótcheie Dielo). Esta última frase tem todas as possibilidades de se tornar famosa, um monumento indestrutível da "tendência" do Rabótcheie Dielo. À pergunta: "para onde ir?" este órgão dirigente responde: o movimento é o processo de

variação de distância entre o ponto de partida e o ponto seguinte do movimento. Esta reflexão de incomparável profundidade não é apenas curiosa

(não valeria a pena nela nos determos), constitui, ainda, o programa de toda uma tendência, programa que R. M.(no "Suplemento especial à Rabótchaia Mysl") expressou: nesses termos: a luta é desejável se ela é possível; aquela que se trava, nesse momento, é possível. É exatamente esta a tendência do oportunismo ilimitado, que se adapta passivamente à espontaneidade.

"A tática-plano contradiz o espírito fundamental do marxismo!" Mas, isto é caluniar o marxismo, é convertê-lo em uma caricatura análoga àquela que nos opunham os populistas em sua guerra contra nós. É, precisamente, rebaixar a iniciativa e a energia dos militantes conscientes, enquanto o marxismo, ao contrário, estimula enormemente e a energia do social-democrata, abrindo-lhe as maiores perspectivo, pondo (se assim podemos dizer) à sua disposição as forças prodigiosas de milhões e milhões de operários que se preparam espontaneamente para a luta! Toda a história da social-democracia internacional fervilha de planos formulados por este ou aquele chefe político, planos que atestam a clarividência de alguns e a exatidão dos seu pontos de vista políticos e de organização, ou que revelam a miopia e os erros políticos de outros. Quando a Alemanha conheceu uma das maiores reviravoltas de sua história - formação do Império, abertura do Reichstag, concessão do sufrágio universal - Liebknecht tinha um plano da política e da ação social-democrata em geral, e Schweitzer tinha outro. Quando a lei da exceção se abateu sobre os socialistas alemães, Most e Hasselmann tinham um plano: o apelo puro e simples à violência e ao terror: Höchberg, Schramm e (em parte) Bernstein tinham outro: os sociais-democratas tendo provado, pela sua violência insensata e seu revolucionarismo, a lei que os atingia, deviam agora, através de um comportamento exemplar, obter seu perdão; enfim, existia um terceiro plano: o dos homens que prepararam e realizaram - a publicação de um órgão ilegal. Retrospectivamente, recuando muitos anos, após terminada a luta pela escolha do caminho a seguir, e agora que a história pronunciou-se definitivamente sobre o valor da direção escolhida. é claro que não é difícil manifestar profundidade declarando, sentenciosamente, que as tarefas do Partido crescem ao mesmo tempo que ele. Mas, nas horas de confusão (18), quando os "críticos" e "economistas" russos rebaixam a social-democracia ao nível do sindicalismo, e os terroristas pregam com ardor a adoção de uma "tática-plano", que apenas retoma os erros antigos - ater-se em semelhante momento a tais frases é passar a si próprio um "certificado de indigência". No momento em que inúmeros sociais-democratas russos carecem exatamente de iniciativa e energia, de "extensão, da propaganda, da agitação e da organização política", de "planos" para pôr em execução. de forma mais ampla, o trabalho revolucionário - dizer

em semelhante que "a tática-plano contradiz o espírito fundamental do marxismo" não é apenas aviltar teoricamente o marxismo. mas praticamente puxar o Partido para trás.

"0 social-democrata revolucionário, ensina-nos adiante o Rabótcheie Dielo, tem como tarefa unicamente acelerar, pelo seu trabalho consciente, o desenvolvimento objetivo, e não suprimi-lo ou substituí-lo por planos subjetivos. O Iskra, em teoria, conhece tudo isso. Mas a importância considerável que o marxismo atribui, com razão, ao trabalho revolucionário consciente, leva de fato o Iskra, em consequência de seu doutrinarismo em matéria de tática, a subestimar o valor do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento" (p. 18).

Eis-nos, de novo, diante de uma confusão teórica extraordinária, digna dos senhores V. V. e consortes. Mas, perguntaremos a nosso filósofo, em que pode consistir a "subestimação" do desenvolvimento objetivo para o autor de planos subjetivos? Evidentemente, em perder de vista o fato de que este desenvolvimento objetivo cria ou consolida, arruina ou enfraquece estas ou aquelas classes, categorias, grupos, essas ou aquelas nações, grupos de nações etc., determinando assim o aparecimento desse ou daquele agrupamento político internacional de forças, essa ou aquela posição dos partidos revolucionários etc. Mas, o erro desse autor será, então, de ter subestimado não o elemento espontâneo, mas, ao contrário, o elemento consciente, pois a ele terá faltado a "consciência" para uma justa: compreensão do desenvolvimento objetivo. É por isso que somente o fato de se falar "da apreciação da importância relativa" (grifado pelo Rabótcheie Dielo) assinala uma ausência completa de "consciência". Se certos "elementos espontâneos do desenvolvimento" são acessíveis em geral à consciência humana, a apreciação errônea desses elementos equivalerá a uma "subestimação do elemento consciente". E se são inacessíveis a consciência, não os conhecemos, e não podemos falar deles. Que deseja, pois, B Kritchévski? Se considera errados os "planos subjetivos" do Iskra (e de fato os declara errados), deveria mostrar, precisamente, quais os fatos objetivos que não são levados em conta por esses planos, e acusar o "Iskra" de falta de consciência, de "subestimação do elemento consciente", para utilizar sua linguagem. Mas, se descontente com os planos subjetivos, não tem outros argumentos senão os da "subestimação do elemento espontâneo" (!!), somente poderá provar através disso que: 1º.) teoricamente, compreende o marxismo à maneira dos Karéiev e dos Mikhailóvski, suficientemente escarnecidos por Beltov; 2º.) praticamente, está inteiramente satisfeito com os "elementos

espontâneos do desenvolvimento", que arrastaram nossos marxistas legais ao bernsteinismo e nossos sociais-democratas ao "economismo", e que está "muito indignado" contra os que decidiram desviar, a qualquer custo, a social-democracia russa dos caminhos do desenvolvimento "espontâneo".

A seguir, aparecem coisas verdadeiramente divertidas. "Do mesmo modo que os homens, apesar de todo o progresso das ciências naturais, continuarão a se multiplicar através de procedimentos ancestrais, do mesmo modo que o nascimento de uma nova ordem social, apesar de todo o progresso das ciências sociais e do aumento do número de combatentes, será sempre e sobretudo o resultado de explosões espontâneas (19). Da mesma forma que a sabedoria ancestral diz: A quem faltará inteligência para ter filhos? - também a sabedoria dos "socialistas modernos" (à maneira de NarcisseTuporilov) diz: para participar do nascimento espontâneo de uma nova ordem social, não faltará inteligência a ninguém. Também pensamos assim. Para participar dessa maneira, basta se laisser aller pelo "economismo", quando reina o "economismo", pelo terrorismo, quando surge o terrorismo. Assim, o Rabótcheie Dielo, na última primavera, quando era tão importante pôr-se em guarda contra o entusiasmo pelo terror, encontrou-se perplexo, diante de uma questão "nova" para ele. E agora, seis meses mais tarde, quando a questão deixou de ter atualidade tão palpitante, apresenta-nos ao mesmo tempo esta declaração: "pensamos que a tarefa da social-democracia não pode, nem deve opor-se à ascensão de tendências terroristas" (Rabótcheie Dielo, n.º. 10, p. 23), bem como a resolução do congresso: "O congresso reconhece como inoportuno o terror ofensivo sistemático" (Dois Congressos, p. 18). Que clareza e coerência admiráveis! Não nos opomos, mas declaramos inoportuno, e declaramos isso de forma que a "resolução" não inclua o terror não sistemático e defensivo. Concordamos que tal resolução não oferece qualquer perigo, e que constitui garantia contra todo erro, como o de falar sem nada dizer! E para

redigir tal resolução, não é preciso senão uma coisa: saber segurar-se à cauda do movimento. Quanto o Iskra zombou do Rabótcheie Dielo, que declarou que a questão do terror era uma questão nova, o Rabótcheie Dielo acusou severamente o Iskra "de ter a pretensão verdadeiramente incrível de impor à organização do Partido a solução de problemas táticos, apresentada há mais de quinze anos por um grupo de escritores emigrados" (p. 24). De fato, que atitude pretensiosa e que exagero do elemento consciente: resolver teoricamente e de antemão as questões, a fim de convencer em seguida a organização, o partido e as massas de que essa solução é bem fundamentada(19)! Outra coisa é

simplesmente repetir coisas já ditas, e sem nada "impor" a ninguém, e obedecer a qualquer "virada" tanto para o "economismo" como para o terrorismo. O Rabótcheie Dielo chega a sintetizar esse grande preceito da sabedoria humana e acusa o Iskra e a Zaria "de opor ao movimento o seu programa, como um espírito pairando acima do caos informe" (p. 29). Mas, qual é o papel da social-democracia, senão o de ser o "espírito" que não somente paira acima do movimento espontâneo, mas, eleva este ao nível de "seu programa"? Não é, portanto, de se arrastar na cauda do movimento; coisa inútil, no melhor dos casos, e, no pior, extremamente prejudicial para o movimento. O Rabótcheie Dielo não se limita a seguir essa "tática-processo"; eleva-a mesmo em princípio, de forma que sua tendência deveria ser qualificada não de oportunismo, mas, antes, de caudismo (da palavra cauda). É forçoso reconhecer que aqueles firmemente decididos a sempre marchar à cauda do movimento, estão absolutamente e para sempre, contra o defeito de "subestimar o elemento espontâneo do desenvolvimento".

Constatamos, assim, que o erro fundamental da "nova tendência" da social-democracia russa é inclinar-se diante da espontaneidade; é não compreender que a espontaneidade da massa exige de nós, sociais-democratas, uma consciência elevada. Quanto maior for o impulso espontâneo das massas, mais amplo será o movimento, e de forma ainda mais rápida afirmar-se-á a necessidade de uma consciência elevada no trabalho teórico, político e de organização da social-democracia.

O impulso espontâneo das massas na Rússia foi (e continua a ser) tão rápido que a juventude social-democrata encontrou-se pouco preparada para realizar essas imensas tarefas. A falta de preparação, nossa infelicidade comum, constituí a infelicidade de todos os sociais-democratas russos. O impulso das massas não cessou de crescer e de se estender sem solução de continuidade; e longe de interromper-se onde foi iniciado, estendeu-se a novas localidades, a novas camadas da população (o movimento operário provocou um redobramento da efervescência entre a juventude das escolas, dos intelectuais em geral, e mesmo entre os camponeses). Os revolucionários atrasaram-se quanto à progressão do movimento, e em suas "teorias" e atividade, não souberam criar uma organização que funcionasse sem solução de continuidade, capaz de dirigir todo o movimento.

No primeiro capítulo, constatamos que o Rabótcheie Dielo rebaixa nossas tarefas teóricas e repete "espontaneamente" o grito em moda: "liberdade de crítica"; mas aqueles que o repetem não tiveram "consciência" suficiente para

compreender a oposição diametral existente entre as posições dos "críticos" - oportunistas e os revolucionários na Alemanha e na Rússia.

Nos capítulos seguintes, veremos como esse culto da espontaneidade manifestou-se no domínio das tarefas políticas e no trabalho de organização da social-democracia.

Capítulo 3 - Política Sindical e Política Social-democrata

Mais uma vez, começaremos elogiando o Rabótcheie Dielo. "Literatura de Denúncia e Luta Proletária", assim denominou Martynov seu artigo do Rabótcheie Dielo (n.º. 10),

sobre as divergências com o Iskra "Não podemos nos limitar a denunciar o regime que entrava seu desenvolvimento (do partido operário). Devemos, igualmente, fazer de nós o eco dos interesses correntes e urgentes do proletariado" (p. 63). É assim que Martynov formula a essência dessas divergências. "...O Iskra.... é efetivamente o órgão da oposição revolucionária que denuncia nosso regime e principalmente nosso regime político... Trabalhamos e trabalharemos, no que nos diz respeito, pela causa operária, em estreita ligação orgânica com a luta proletária". (Ibid.). Não é possível deixar de agradecer a Martynov por essa formulação. Ela adquire um grande interesse geral, pelo fato de abranger, no fundo, não somente nossas divergências de pontos de vista com o Rabótcheie Dielo, mas todas as divergências que existem, de maneira geral, entre nós e os "economistas" sobre a questão da luta política. Já mostramos que os "economistas" não negam absolutamente a "política", mas que se desviam constantemente da concepção social-democrata em direção à concepção sindical da política. É exatamente assim que o faz Martynov; e por isso queremos tomá-lo como espécime dos erros "economistas" na questão de que nos ocupamos. Tentaremos demonstrar que nem os autores do "Suplemento especial da Rabótchaia Mysl", nem os da declaração do "Grupo da Autoliberação", nem tampouco os da carta econômica do n.º. 12 do Iskra têm o direito de nos reprovar tal escolha.

a) A Agitação Politica e o Seu Estreitamento pelos "Economistas"

Ninguém ignora que a extensão e a consolidação da luta econômica (1) dos operários russos marcharam de par com a eclosão da "literatura" de denúncia econômica (referente às fábricas e à vida profissional). As "folhas volantes" denunciavam principalmente o regime das fábricas, e logo isto deu origem a uma verdadeira paixão pelas denúncias entre os operários. Quando estes últimos viram que os círculos sociais-democratas queriam e podiam fornecer-lhes; "folhas volantes" de um novo gênero, dizendo toda a verdade sobre sua vida miserável, seu trabalho fatigante e sua servidão, fizeram de certo modo chover cartas das fábricas e das oficinas. Esta "literatura de denúncia" fez sensação não somente na fábrica, cuja "folha volante" fustigava o regime, mas em todas as empresas onde havia rumores dos fatos denunciados. Ora, como as necessidades e a miséria dos operários de diferentes empresas e profissões têm muitos pontos comuns, a "verdade sobre a vida operária" maravilhou todo o mundo. Uma verdadeira paixão de "aparecer em letra de forma" tomou conta dos operários mais atrasados, nobre paixão por essa forma embrionária de guerra contra toda a ordem de coisas existente, baseada na pilhagem e na opressão. E as "folhas volantes" constituíram, efetivamente, na imensa maioria dos casos, uma declaração de guerra, porque o que divulgavam entusiasmava vivamente os operários, impelia-os a reclamar a supressão dos abusos mais gritantes e apoiar suas reivindicações através de greves. Os próprios donos das fábricas foram, afinal, obrigados a reconhecer nesses panfletos uma declaração de guerra a ponto de muitas vezes não desejarem sequer aguardar a própria guerra. Como sempre, simplesmente através de sua publicação, tais revelações adquiriram vigor e exerceram forte pressão moral. Não era raro o fato de a simples aparição de um panfleto obter a satisfação total ou parcial das reivindicações dos operários. Em uma palavra, as denúncias econômicas (das fábricas) eram e continuam a ser unia poderosa alavanca da luta econômica. E assim o será, enquanto existir o capitalismo, que impele necessariamente os operários à autodefesa. Nos países europeus mais avançados, pode-se ainda agora observar que a denúncia de condições escandalosas de trabalho em algum "oficio" em desuso, ou em um ramo de trabalho a domicílio esquecido de todos, leva ao despertar da consciência de classe, à luta sindical,

. A grande maioria dos sociais-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. É bastante lembrar a Rabótchaia Mysl para se ver a que ponto chegou tal absorção; esquecia-se que, no fundo, essa atividade não era ainda em si mesma social-democrata, mas apenas sindical. As denúncias referiam-se, no fundo,

somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram, outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta "mercadoria" de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial. Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação social-democrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta "exclusivamente profissional" e a um movimento operário, não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. A social-democracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política. Quanto a esse ponto,. após a primeira ofensiva da Zaria e do Iskra contra o "economismo", "todos estão de acordo", agora (acordo por vezes apenas verbal, como o veremos em seguida). A questão que se coloca é: em que, portanto, deve consistir a educação política? Podemos nos limitar a difundir a ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente, não. Não é suficiente esclarecer os operários sobre sua opressão política (como não o seria esclarecê-los sobre a oposição de seus interesses em relação aos de seus patrões). É necessário fazer a agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão (como fizemos em relação às manifestações concretas da opressão econômica). Ora, como esta opressão se exerce sobre as mais diversas classes da sociedade, manifesta-se nos mais diversos aspectos da vida e da atividade profissional, civil, privada, familiar, religiosa, científica etc. etc., não se torna evidente que não realizaremos nossa tarefa que é desenvolver a consciência política dos operários, se não nos encarregarmos de organizar uma ampla campanha política de denúncia da autocracia? De fato, para fazer a agitação sobre as manifestações concretas da opressão, é preciso denunciar essas manifestações (da mesma forma que para conduzir a agitação econômica, era preciso denunciar os abusos cometidos nas fábricas). Acho que isto está claro.

Mas verifica-se justamente que a necessidade de desenvolver amplamente a consciência política não é reconhecida "por todos", senão em palavras. Verifica-se, por exemplo, que o Rabótcheie Dielo longe de se encarregar de organizar, ele próprio, uma ampla campanha de denúncias políticas (ou de tomar a iniciativa com vistas a essa organização) põe-se a puxar para trás o Iskra, que já tinha iniciado essa tarefa. Escutem: "A luta política da classe operária é apenas" (justamente ela não é "apenas") "a forma mais desenvolvida, a forma maior e mais efetiva da luta econômica" (programa do Rabótcheie Dielo, R D., n.º. 1, p. 3). "Agora, para os sociais-democratas trata-se de saber como conferir à própria luta econômica, sempre que possível, um caráter político" (Martynov, no número 10, p. 42). "A luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para levar as massas à luta política ativa" (resolução do Congresso da União e "emendas": Dois Congressos, p.11 e 17). O Rabótcheie Dielo, e à difusão do socialismo (2).
"o meio mais amplamente aplicável" para levar as massas à luta política? Isto é absolutamente falso. Todas as manifestações, quaisquer que sejam elas, da opressão policial e do arbitrarismo absolutista, e não apenas as ligadas à luta econômica, constituem um meio não menos "amplamente aplicável" para tal "integração". Por que os zemskie natchaIniki e os castigos corporais infligidos aos camponeses, a corrupção dos funcionários e a maneira como a polícia trata a "plebe" das cidades, a luta contra os famintos, a campanha repelindo a aspiração do povo à instrução e à ciência, a extorsão dos impostos, a perseguição às seitas, o adestramento dos soldados e o regime de caserna imposto aos estudantes e aos intelectuais liberais - por que todas essas manifestações de opressão, e milhares de outras mais, não diretamente ligadas à luta "econômica", constituem em geral os meios e as ocasiões menos "amplamente aplicáveis" de agitação política, de integração da massa à luta política? Muito pelo contrário; na soma total dos casos quotidianos em que o operário sofre (ele próprio, ou os ligados a ele) a servidão, a arbitrariedade e a violência, os casos de opressão policial que se aplicam precisamente à luta profissional não constituem, certamente, senão uma pequena minoria. Por que, então, restringir de antemão a amplitude da propaganda política, proclamando como "o mais amplamente aplicável" apenas um único meio, ao lado do qual, para o social-democrata, deveria haver outros que, de forma geral, não são menos "amplamente aplicáveis?" Em época já muito remota (há um ano! ...), o Rabótcheie Dielo escrevia: "As reivindicações políticas imediatas tornam-se acessíveis à massa após uma, ou na pior das hipóteses, após várias greves", "desde que o governo utilize a polícia e o corpo policial" (n.º. 7, p. 15, agosto de 1900). Essa teoria oportunista dos estádios foi

rejeitada pela União, que nos faz uma concessão declarando: "não há nenhuma necessidade, desde o início, de se fazer a agitação política exclusivamente no terreno econômico" (Dois Congressos, p. 11). Esta única negação pela União de uma parte de seus antigos erros mostrará ao futuro historiador da, social-democracia russa, melhor do que toda a espécie de longas dissertações, a que ponto nossos "economistas" rebaixaram o socialismo! Mas, que ingenuidade da União imaginar que, a troco do abandono de uma forma de estreitamento da política, poderia fazer-nos aceitar outra forma de estreitamento! Não teria sido mais lógico dizer, também, que é preciso sustentar uma luta econômica, da forma mais ampla possível; que é preciso sempre utilizá-la para os fins de agitação política, mas que "não há nenhuma necessidade' de se considerar a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar a massa à luta política ativa? A União considera importante o fato de ter substituído a expressão "o meio mais amplamente aplicável", pela expressão "o melhor meio", que figura na resolução correspondente ao Quarto Congresso da União Operária Judaica (Bud). Na verdade, seria embaraçoso para nós dizer qual dessas duas resoluções é a melhor: em nossa opinião são as duas piores. Tanto a União como o Bund perdem-se no que diz respeito a uma interpretação economista, sindical da política (em parte, talvez inconscientemente, sob a influência da tradição). No fundo, a questão em nada se altera, quer se empregue as palavras "o melhor", ou "o mais amplamente aplicável". Se a União tivesse dito que "a agitação política no terreno econômico" constitui o meio mais amplamente aplicado (e não "aplicável") teria razão quanto a certo período de desenvolvimento de nosso movimento social-democrata. Teria razão precisamente no que concerne aos "economistas", no que diz respeito a muitos (senão a maior parte) dos como se vê, desde o seu nascimento até as últimas "instruções à redação", esteve sempre impregnado dessas teses, que evidentemente exprimem, todas, um único ponto de vista sobre a agitação e a luta políticas. Considerem este ponto de vista sob o ângulo da opinião que prevalece entre todos os "economistas", opinião segundo a qual à agitação política deve seguir a agitação econômica. Será verdade que a luta econômica é, em geral(3), de se lamentar em diante de todos que lhes fizemos uma afronta atroz, e declarar em quase jurando a seus grandes deuses: "decididamente, hoje, nenhuma organização social-democrata está contaminada pelo economismo". Ali! esses caluniadores, esses políticos malévolos! Não terão eles inventado todo esse "economismo" para infringir às pessoas, por simples ódio à humanidade, afrontas atrozes? Qual é o sentido concreto, real da tarefa que Martynov atribui à social-democracia: "Conferir à própria luta econômica

um caráter político"? A luta econômica é a luta coletiva dos operários contra os patrões, para vender vantajosamente sua força de trabalho, para melhorar suas condições de trabalho e de existência. Essa luta é necessariamente uma luta profissional, porque as condições de trabalho são extremamente variadas, de acordo com as profissões e, portanto, a luta pela melhoria de suas condições deve ser forçosamente conduzida pela profissão (pelos sindicatos no Ocidente, pelas uniões profissionais provisórias, por intermédio das "folhas volantes" na Rússia etc.). Conferir "à própria luta econômica um caráter político significa, portanto, procurar conseguir as mesmas reivindicações profissionais, melhorar as condições de trabalho em cada profissão através de "medidas legislativas e administrativas" (como se exprime Martynov, à página seguinte - 43 -de seu artigo). É exatamente o que fazem e sempre fizeram os sindicatos operários. Leiam a obra de seus profundos conhecedores (e de "profundos" oportunistas), como o casal Webb, e verão que há muito os sindicatos operários da Inglaterra compreenderam e realizam a tarefa de "conferir à própria luta econômica um caráter político": que há muito e muito tempo lutam pela liberdade das greves, pela supressão dos obstáculos jurídicos. de todo gênero e de toda ordem, ao movimento cooperativista e sindical, pela promulgação de leis para a proteção da mulher e da criança. pela melhoria das condições do trabalho através de uma legislação sanitária, industrial etc. Assim, pois, sob um aspecto "terrivelmente" profundo e revolucionário, a frase pomposa - "Conferir à própria luta econômica um caráter político" - dissimula na realidade a tendência tradicional de rebaixar a política social-democrata ao nível da política sindical! Sob o pretexto de corrigir a estreiteza do Iskra, que prefere - vejam vocês; "revolucionar o dogma do que revolucionar a vida"militantes práticos de 1898-1901; de fato, esses "economistas" práticos aplicaram a agitação política (se é que a aplicaram de algum modo), quase exclusivamente no terreno econômico. Como vimos, a Rabótchaia Mysl e o "Grupo da Autoliberação" admitiam, também eles, e até recomendavam uma agitação política desse gênero! O "Rabótcheie Dielo" devia condenar resolutamente o fato de a agitação econômica, útil em si mesma, ter sido acompanhada de uma restrição prejudicial da luta política; ora, ao invés disso, declara o meio mais aplicado (pelos "economistas") como o mais aplicável! Não é de se surpreender que, quando damos a esses homens o nome de "economistas", não lhes resta senão insultar-nos, chamando-nos de "mistificadores" e "desorganiza dores", e de, "núncios do papa" e "caluniadores" (4) (5) (6) , servem-nos como novidade a lula pelas reformas econômicas. Na realidade, a frase - "Conferir à própria luta econômica um caráter político" -

implica apenas a luta pelas reformas econômicas. E o próprio Martynov poderia ter chegado a essa conclusão pouco sutil, se tivesse meditado profundamente em suas próprias palavras. "Nosso partido", diz ele apontando sua arma mais terrível contra o Iskra, "poderia e deveria exigir do governo medidas legislativas e administrativas concretas contra a exploração econômica, o desemprego, a fome etc. "(Rabótcheie Dielo. N.º. 10, p. 42-43). Reivindicar medidas concretas não significa reivindicar reformas sociais? E mais uma vez tomamos o testemunho do leitor imparcial: caluniamos nós os rabotchediélentsi - perdoem-me esta infeliz palavra em voga! - qualificando-os de bernsteinianos disfarçados, quando pretendem que seu desacordo com o Iskra repousa na necessidade de lutar por reformas econômicas? A social-democracia revolucionária sempre

Se a resposta for sim, isto constitui um erro estranho: as concessões são possíveis e também se fazem no aspecto legislativo, quando se trata de aplicar a chibata, quando se trata de passaportes, de resgates, de seitas, da censura, etc. As concessões (ou pseudoconcessões) "econômicas" são evidentemente as menos dispendiosas e as mais vantajosas para o governo, pois, dessa forma, espera ganhar a confiança das massas operárias. Mas é precisamente por isso que nós, os sociais-democratas, não devemos de forma alguma e por motivo algum ceder a essa opinião (ou a um mal-entendido) de que as reformas econômicas pretensamente nos agradam, e que as consideramos as mais importantes etc. "Tais reivindicações" - diz Martynov falando das medidas legislativas e administrativas concretas que mencionou anteriormente - "não seriam uma frase oca, porque, prometendo resultados tangíveis, poderiam ser apoiadas ativamente pela massa operária"... Não somos "economistas", oh, não! Simplesmente prostramo-nos diante da "tangibilidade" dos resultados concretos, tão servilmente como o fazem os senhores Bernstein, Prokopovitch, Struve, R. M., e tutti quanti. Simplesmente damos a entender (com Narciso Tuporilov) que tudo o que "não promete resultados tangíveis" não é mais do que uma "frase oca"! Simplesmente expressamo-nos como se a massa operaria fosse incapaz (e não provou até agora sua capacidade, a despeito daqueles que atiram sobre ela seu próprio filistinismo) de apoiar ativamente todo protesto contra a autocracia, mesmo aquele que não lhe promete absolutamente qualquer resultado tangível! Tomemos os mesmos exemplos lembrados pelo próprio Martynov, relativos às "medidas" contra o desemprego e a fome. Enquanto o Rabótcheie Dielo trabalhava, segundo fazia crer, para elaborar e desenvolver "reivindicações concretas (sob a forma de projetos de lei?) referentes a medidas legislativas e administrativas", "prometendo resultados tangíveis", o Iskra, que "prefere

invariavelmente revolucionar o dogma do que revolucionar a vida", dedicava-se a explicar a ligação estreita entre o desemprego e o regime capitalista, advertindo que a "fome se aproxima", denunciando a "luta contra as famintos" desencadeada pela polícia e os escandalosos "regulamentos provisórios draconianos", e a Zaria lançava em tiragem especial, como folheto de propaganda, uma parte da Revista da Situação Interior, dedicada à fome. Mas, meu Deus, como foram "unilaterais", nesse caso, os ortodoxos incorrigivelmente estreitos, os dogmáticos surdos às injunções da - "própria vida"! Nenhum de seus artigos contém - que horror! - nem uma única, vejam bem, compreendeu e compreende em sua atividade a luta pelas reformas. Usa, porém, a agitação "econômica" não somente para exigir do governo medidas de toda espécie, mas, também (e sobretudo), para dele exigir que deixe de ser um governo autocrático. Além disso, acredita dever apresentar ao governo essa reivindicação não somente no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações, quaisquer que sejam, da vida política e social. Em uma palavra, subordina a luta pelas reformas, como a parte ao todo, à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo. Martynov ressuscita sob uma forma diferente a teoria dos estádios e tenta prescrever à luta política que torne resolutamente um caminho por assim dizer econômico. Preconizando, desde o impulso revolucionário, a luta pelas reformas como uma "tarefa" pretensamente especial, arrasta o partido para trás, e faz o jogo do oportunismo "economista" e liberal. Prossigamos. Após ter dissimulado pudicamente a luta pelas reformas sob a frase pomposa,- "Conferir à própria luta econômica um caráter político" -, Martynov apresentou como algo de particular as reformas econômicas, simplesmente (e mesmo as simples reformas no interior da fábrica). Por que teria feito isso? Ignoramos. Talvez por negligência? Mas se não tivesse considerado unicamente as reformas "fabris", toda a sua tese, que acabamos de mencionar acima, perderia seu sentido. Talvez porque, da parte do governo, julgue possíveis e prováveis apenas as "concessões" no aspecto econômico? (7)

, passando pela teoria dos estádios, para finalizar com a resolução do congresso sobre o "meio mais amplamente aplicável" etc. "A luta econômica contra o governo" constitui exatamente a política sindical, que ainda se encontra muito e muito longe da política social-democrata. "reivindicação concreta", "prometendo resultados tangíveis"! Os infelizes dogmáticos! É preciso enviá-los à escola de Kritchévski e Martynov para convencê-los; de que a tática é um processo de crescimento, do que cresce etc., e que é preciso conferir à própria luta econômica um caráter político! "Além de sua importância revolucionária

direta, a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo ("a luta econômica contra o governo"!!) apresenta ainda a utilidade de incitar os operários a pensar constantemente que estão frustrados em seus direitos políticos" (Martynov, p. 44). Citamos essa frase não a fim de repetir pela centésima ou milésima vez o que dissemos acima, mas a fim de agradecer muito particularmente a Martynov por essa nova e excelente frase: "A luta econômica dos operários contra os patrões e o governo". Que maravilha! Com que talento inimitável, com que magistral eliminação de todas as diferenças parciais, de todas as variedades de matizes entre "economistas", encontra-se expressa aqui, em uma proposição breve e límpida, toda a essência do "economismo", desde o apelo instigando os operários à "luta política que conduzem no interesse geral, a fim de melhorar a sorte de todos os operários" (8).

b) Como Martynov Aprofundou Plekhanov

Que quantidade de Lomonossovs sociais-democratas surgiram entre nós, nos últimos tempos!" observou um dia um camarada, referindo-se à inclinação surpreendente de muitos daqueles que se voltam para o "economismo", para chegar apenas "pela sua própria inteligência" às grandes verdades (como, por exemplo, aquela de que a luta econômica instiga os operários a pensar que estão frustrados em seus direitos), desconhecendo, com soberano desprezo próprio ao talento nato, tudo o que já foi dado pelo desenvolvimento anterior do pensamento e do movimento revolucionários. Esse talento nato é justamente Lomonossov-Martynov. Olhem seu artigo, "As Questões Imediatas", e verão como chega "pela sua própria inteligência" àquilo que há muito foi dito por Axelrod (a propósito de quem nosso Lomonossov, bem entendido, guarda um silêncio absoluto); como começa, por exemplo, a compreender que não podemos desconhecer o espírito de oposição dessas ou daquelas camadas da burguesia (R. D. nº.9, p. 61, 62, 71 - comparem à "Resposta" da redação do R D. a Axelrod, p. 22, 23-24) etc. Mas, ai! só chega e só começa; pois, compreendeu tão pouco do pensamento de Axelrod, que fala da "luta econômica contra os patrões e o governo". Durante três anos (1898-1901) o Rabótcheie Dielo esforçou-se para compreender Axelrod, e ainda não o compreendeu! Será que isto ocorre talvez porque para a social-democracia, da mesma forma que para a humanidade", sempre são colocados tarefas realizáveis? Mas, os Lomonossovs não somente ignoram de maneira particular as coisas (isto seria apenas meio mal!), como também não se dão conta de sua ignorância. Isto constitui uma verdadeira desgraça, que os leva a empreender repentinamente a tarefa de "aprofundar" Plekhânov. "Depois que Plekhânov escreveu o opúsculo em questão (As Tarefas dos Socialistas na Luta Contra a Fome na Rússia) muita água correu", diz Lomonossov-Martynov. "Os sociais-democratas que dirigiram durante dez anos a luta econômica da classe operária... ainda não tiveram tempo de dar amplo fundamento teórico à tática do Partido. Agora essa questão chegou à maturidade, e se quisermos conferir tal fundamento teórico, devemos aprofundar de forma segura os princípios táticos que, em seu tempo, Plckhânov desenvolveu... Devemos agora diferenciar entre a propaganda e a agitação, de maneira distinta do que o fez Plekhánov. (Martynov acaba de citar as palavras de Plekhânov: 'O propagandista inculca muitas ideias em uma única pessoa, ou em um pequeno número de pessoas: o agitador inculca apenas uma única ideia. ou um pequeno número de ideias: em troca, inculca-as em toda uma massa de pessoas'). 'Por propaganda entendemos a explicação revolucionária de todo o regime atual, ou de suas manifestações parciais, quer feita de forma acessível a apenas algumas

pessoas, ou às grandes massas. pouco importa. Por agitação, no sentido estrito da palavra (sic), entendemos o apelo dirigido às massas para certos atos concretos, a contribuição para a intervenção revolucionária direta do proletariado na vida social'." Nossas felicitações à social-democracia russa - e internacional - que recebe assim, graças a Martynov, uma nova terminologia mais estrita e mais profunda. Até agora, pensávamos (com Pekhânov e todos os dirigentes do movimento operário internacional) que um propagandista, ao tratar por exemplo do problema do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, mostrar o que as torna inevitáveis na sociedade moderna, mostrar a necessidade da transformação dessa sociedade em sociedade socialista etc. Em uma palavra, deve fornecer "muitas ideias", um número tão grande de ideias que, de momento, todas essas ideias tomadas em conjunto apenas poderão ser assimiladas por um número (relativamente) restrito de pessoas. Tratando da mesma questão, o agitador tomará o fato mais conhecido de seus ouvintes, e o mais palpitante, por exemplo uma família de desempregados morta de fome, a indigência crescente etc., e apoiando se sobre esse fato conhecido de todos, fará todo o esforço para dar à "massa" uma única ideia": a da contradição absurda entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; esforçar-se-á para suscitar o descontentamento, a indignação da massa contra essa injustiça gritante, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. Por isso, o propagandista age principalmente por escrito, e o, agitador de viva voz. Não se exige de um propagandista as mesmas qualidades de um agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores. Distinguir um terceiro domínio, ou uma terceira função da atividade prática, função que consistiria em "atrair as massas para certos atos concretos", é o maior dos absurdos, pois o "apelo" sob forma de ato isolado, ou é o complemento natural e inevitável do tratado teórico, do folheto e propaganda, do discurso de agitação, ou é uma função pura e simples de execução. De fato, tomemos, por exemplo, a luta atual dos sociais-democratas alemães contra os direitos alfandegários sobre os cereais. Os teóricos redigem estudos especiais sobre a política alfandegária, onde "apelam", digamos assim, para se lutar por tratados comerciais e pela liberdade do comércio; o propagandista faz o mesmo em uma revista, e o agitador nos discursos públicos. Os "atos concretos" da massa são, nesse caso, a assinatura de uma petição endereçada ao "Reichstag" contra a majoração dos direitos alfandegários sobre os cereais. O apelo a essa ação emana indiretamente dos teóricos, dos propagandistas e dos agitadores, e diretamente dos operários que passam as listas de petição nas fábricas e

domicílios particulares. Segundo a "terminologia de Martynov", Kautsky e Bebel seriam ambos propagandistas e portadores das listas dos agitadores. Não é isso? Esse exemplo dos alemães me faz pensar na palavra alemão Verbalhornung, literalmente: "balhornização". Jean Balhorn foi um editor, que viveu no século XVI, em Leipzig; publicou um abecedário onde, segundo o hábito, figurava entre outros desenhos um galo; mas, o galo era representado sem esporões e com dois ovos ao lado. No frontispício fora acrescentado: "Edição corrigida de Jean Balhorn." Desde essa época, os alemães qualificam de Verbalhornung uma "correção" que, na verdade, é o contrário de uma melhoria. A história de Balhorn me vem à mente de maneira involuntária, quando vejo como os Martynov "aprofundam" Plekhànov... Por que nosso Lomonossov "imaginou" essa terminologia confusa? Para mostrar que o Iskra, "da mesma maneira que Plekhânov há quinze anos, não considera senão um lado das coisas" (39). "No Iskra, ao menos agora, as tarefas da propaganda relegam a segundo plano as da agitação" (52). Se traduzirmos essa última tese da língua de Martynov para linguagem humana (pois a humanidade ainda não teve tempo de adotar a terminologia que acaba de ser descoberta), chegamos ao seguinte: no Iskra, as tarefas de propaganda e da agitação política relegam para segundo plano a que consiste "em apresentar ao governo reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas", "prometendo resultados tangíveis" (dito de outra forma, reivindicações de reformas sociais, se nos é permitido, ainda uma vez mais, empregar a antiga terminologia da antiga humanidade, que ainda não chegou à altura de Matynov.) Que o leitor compare a essa tese a seguinte passagem "0 que nos espanta nesses programas" (os programas dos sociais-democratas revolucionários), "é que colocam constantemente em primeiro plano as vantagens da ação dos operários para o Parlamento (inexistente entre nós) e desconhecem totalmente (em decorrência de seu niilismo revolucionário) a importância que teria a participação dos operários nas assembleias legislativas patronais - existentes entre nós - nos assuntos da fábrica... ou mesmo simplesmente sua participação na administração municipal"... 0 autor dessa passagem exprime, de maneira um pouco mais aberta, um pouco mais clara e franca, a mesma ideia a qual chegou Lomonossov-Martynov pela sua própria inteligência. O autor é R. M. do "Suplemento especial da Rabótchaia Mysl" (p. 15).

C) As Revelações Políticas e "A Educação para a Atividade Revolucionária"

Dirigindo contra o Iskra sua "teoria" da "elevação da atividade da massa operária", Martynov revelou, na realidade, sua tendência de rebaixar essa atividade declarando que o meio melhor, de especial importância, "o mais amplamente aplicável- para suscitá-la, e o próprio campo dessa atividade era essa mesma luta econômica diante da qual prostram-se todos os "economistas". Erro característico, pois está longe de ser unicamente próprio à Martynov. Na realidade, a "elevação da atividade da massa operária" será possível unicamente se não nos limitarmos à "agitação política no terreno econômico". Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção. Assim, o partido alemão, graças à constante energia com que prossegue sua campanha de revelações políticas, fortifica de modo particular suas posições e estende sua influência. A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista social-democrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a

análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população. Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria, não é um social-democrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea, conhecimento não apenas teórico... ou melhor: não só teórico, como fundamentado na experiência da vida política. Eis porque nossos "economistas", que pregam a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político, realizam um trabalho profundamente prejudicial e reacionário em seus resultados práticos. Para tornar-se um social-

democrata, o operário deve ter uma ideia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do pope, do dignatário, e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas e sua "natureza" verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa "ideia clara": ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas revelações ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vereditos, e assim até o infinito. Essas revelações políticas abrangendo todos os aspectos são a condição necessária e fundamental para educar as massas em função de sua atividade revolucionária. Por que o operário russo ainda manifesta tão pouco sua atividade revolucionária face às violências selvagens exercidas pela polícia contra o povo, face à perseguição das seitas, às "vias de fato- quanto aos camponeses, aos abusos escandalosos da censura, às torturas infligidas aos soldados, à guerra feita às iniciativas mais inofensivas em matéria de cultura, e assim por diante? Será porque a "luta econômica" não o "incita" a isso, porque lhe "promete" poucos "resultados tangíveis", oferece-lhe poucos resultados "positivos"? Não, repetimos, pretender isso é querer atribuir a outrem suas próprias faltas, é atribuir à massa operária o seu próprio filistinismo (ou bernisteinismo). Até agora, não soubemos organizar campanhas de denúncias suficientemente amplas, ruidosas e rápidas contra todas essas infâmias; a culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao movimento de massas. E se o fizermos (devemos e podemos faze-lo), o operário mais atrasado compreenderá ou sentirá que o estudante e o membro de uma seita, o mujique e o escritor estão expostos às injúrias e à arbitrariedade da mesma força tenebrosa que o oprime e pesa sobre ele a cada passo, durante toda sua vida; e, tendo sentido isso, desejará, desejará irresistivelmente e saberá ele próprio reagir; hoje, ele fará "arruaças" contra os censores, amanhã fará manifestações diante da casa do governador, que terá reprimido uma revolta camponesa, depois de amanhã castigará os policiais de sotaina que fazem o trabalho da santa inquisição etc. Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para lançar entre as massas operárias revelações sobre todos os aspectos da atualidade. Muitos dentre, nós não têm nem mesmo consciência dessa obrigação que lhes cumpre, e arrastam se cegamente em consequência da "obscura luta cotidiana" no estreito quadro da vida da fábrica. Daí dizer - "o

Iskra tem tendência a subestimar a importância da marcha progressiva da obscura luta cotidiana, comparada à propaganda das brilhantes ideias acabadas (Martynov, p. 61)" - é arrastar o Partido para trás, é defender e glorificar nossa falta de preparo, nosso atraso. Quanto ao apelo às massas para a ação, isto será feito por si, desde que haja uma agitação política enérgica, revelações vivas e precisas. Apanhar alguém em flagrante delito e acusá-lo perante todos e em toda parte é mais eficaz do que

qualquer apelo, e constitui uma forma de agitação, onde muitas vezes, e impossível estabelecer quem precisamente "atraiu" a multidão e colocou em andamento esse ou aquele plano de manifestação etc. Fazer o apelo, não de forma geral, mas no sentido próprio da palavra, não é possível senão em lugar da ação: não se pode impelir os outros a agir, se não se dá imediatamente o próprio exemplo. Para nós, publicistas (escritores políticos) sociais-democratas, cabe aprofundar, ampliar e intensificar as revelações políticas e a agitação política. A propósito dos "apelos". O único órgão que, antes dos acontecimentos da primavera, chamou os operários a intervir ativamente em urna questão que não lhes prometia de modo algum qualquer resultado tangível, como o recrutamento forçado dos estudantes no exército, foi o "Iskra " Imediatamente após a publicação da ordem de 11 de janeiro sobre "o recrutamento forçado de 183 estudantes ao exército", o Iskra, antes de toda manifestação, publicou um artigo a esse respeito (n.º 2, fevereiro) e apelou abertamente "para operário para vir em auxílio do estudante", apelou ao "povo" para contestar o insolente desafio do governo. Perguntamos a todos: como e através do que explicar o fato marcante de Martynov, que fala tanto dos "apelos" como uma forma especial de atividade, nada ter dito sobre esse apelo? Depois disso, não será filistinismo da parte de Martynov, declarar que o Iskra é unilateral pela razão exclusiva de não "apelar" suficientemente à luta pelas reivindicações "que prometem resultados tangíveis?" Nossos "economistas", aí incluído o Rabótcheie Dielo, tiveram êxito porque dobraram-se à mentalidade dos operários atrasados. Mas o operário social-democrata, o operário revolucionário (o número desses operários aumenta dia a dia) repudiará com indignação todos esses raciocínios sobre a luta pelas reivindicações "que prometem resultados tangíveis" etc., pois compreenderá que não são mais do que variações sobre o velho tema do aumento de um copeque por rublo. Este operário dirá a seus conselheiros da Rabótchaia Mysl e do Rabótcheie Dielo: "Não é justo que os senhores se dêem a tanto ,trabalho e intervenham com tanto zelo em assuntos dos quais nós mesmo nos ocupamos, e deixem de cumprir seus próprios deveres. Não é muito inteligente dizer, como os

senhores fazem, que a tarefa dos sociais-democratas é conferir um caráter político à própria luta econômica; isso é apenas o princípio, e não constitui a tarefa essencial dos sociais-democratas, pois no mundo inteiro, e aí também está incluída a Rússia, é a própria polícia que começa a conferir à luta econômica um caráter político; os próprios operários aprendem a compreender para quem é o governo (9) . De fato,"a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo", que os senhores louvam como se tivessem descoberto uma nova América, é conduzida em todos os recantos da Rússia pelos próprios operários, que ouviram falar de greves, mas, provavelmente, ignoram tudo sobre o socialismo. Nossa "atividade" de operários, atividade que os senhores obstinam-se a querer apoiar lançando reivindicações concretas, que prometem resultados tangíveis, já existe entre nós; e em nossa ação profissional ordinária, de todos os dias, apresentamos nós próprios essas reivindicações concretas, a maior parte das vezes sem qualquer ajuda dos intelectuais. Mas essa atividade não nos satisfaz; não somos crianças que podem ser alimentadas apenas com a "sopinha" da política "econômica"; queremos saber tudo o que os outros sabem, queremos conhecer em detalhe todos os aspectos da vida política e participar ativamente de cada acontecimento político. Para isso, é necessário que os intelectuais nos repitam um pouco menos do que já sabemos (10) , e que nos dêem um pouco mais do que ainda ignoramos, daquilo que nossa experiência "econômica", na fábrica, jamais nos ensinará: os conhecimentos políticos. Esses conhecimentos apenas os senhores, intelectuais, podem adquirir, é seu dever fornecer-nos tais conhecimentos em quantidades cem, mil vezes maior do que o fizeram até agora, e não apenas sob a forma de raciocínios, folhetos e artigos (os quais frequentemente costumam ser - perdoem a franqueza! - maçantes), mas - e isto é imperioso - sob a forma de revelações vivas sobre o que fazem nosso governo e nossas classes dominantes exatamente no momento atual, em todos os aspectos da vida. Portanto, ocupem-se um pouco mais ciosamente da tarefa que lhes; pertence, e fazem menos "de elevar a atividade da massa operária". Da atividade, sabemos muito mais do que os senhores pensam, e sabemos mantê-la através de uma luta aberta, dos combates de rua, e até através das reivindicações que não deixam entrever nenhum "resultado tangível"! E não lhes compete "elevar- nossa atividade, pois, é exatamente atividade que lhes falta. Não se inclinem tanto diante da espontaneidade, e pensem um pouco mais em elevar sua própria atividade, Senhores!

d) O Que Há de Comum Entre o Economismo e o Terrorismo.

Confrontamos anteriormente, em uma nota, um "economista" e um não social-democrata terrorista que, por acaso, fossem solidários. Mas, de forma geral, existe entre eles uma ligação interna, não acidental, mas necessária, a respeito da qual voltaremos exatamente a propósito da educação da atividade revolucionária. Os "economistas" e terroristas de hoje possuem uma raiz comum, a saber, esse culto da espontaneidade de que falamos no capítulo anterior, como de um fenômeno geral, e que iremos agora examinar em relação à sua influência sobre a ação e a luta políticas. À primeira vista, nossa afirmação pode parecer paradoxal, tão grande parece a diferença entre os que colocam em primeiro plano "a obscura luta cotidiana", e os que induzem o indivíduo isolado a lutar com a maior abnegação. Mas tal ponto não constitui um paradoxo. "Economistas" e terroristas inclinam-se perante os dois pólos opostos e da tendência espontânea: os "economistas", diante da espontaneidade do "movimento operário puro"; os terroristas, diante da espontaneidade da mais ardente indignação dos intelectuais que não sabem ou não podem conjugar o trabalho revolucionário e o movimento operário. De fato, é difícil para os que perderam a fé nessa possibilidade, ou que nela jamais acreditaram, encontrar outra saída para sua indignação e energia revolucionária, que não o terrorismo. Assim, pois, nessas duas tendências o culto da espontaneidade é apenas o começo da realização do famoso programa do Credo: os operários conduzem sua "luta econômica contra os patrões e o governo" (que o autor do Credo nos, perdoe exprimir seu pensamento na língua de Martynov! Julgamo-nos no direito de fazê-lo, uma vez que no Credo também se fala que na luta econômica os operários "entram em choque com o regime político"), e os intelectuais conduzem a luta política através de suas próprias forças, naturalmente por intermédio do terror! Dedução absolutamente lógica e inevitável sobre a qual não será demais insistir, mesmo quando aqueles que começam a realizar esse programa não compreendem o caráter inevitável dessa conclusão. A atividade política tem sua lógica, independente da consciência daqueles que, com as melhores intenções do mundo, ou apelam ao terror, ou pedem que se confira à própria luta econômica um caráter político. O inferno está cheio de gente de boas intenções e, nesse caso, as boas intenções não impedem que as pessoas se deixem seduzir pela linha do mínimo esforço", pela linha do programa puramente burguês do Credo. De fato, não é por acaso que muitos liberais russos - liberais declarados, ou liberais que trazem a máscara do marxismo - simpatizam de todo o coração com o terrorismo e esforçam-se, no momento atual, para apoiar o crescimento da mentalidade terrorista. O aparecimento do

"Grupo Revolucionário-Socialista Svoboda", que se atribui a tarefa de ajudar, através de todos os meios, o movimento operário, mas que inscreveu em seu programa o terrorismo e, por assim dizer, emancipou-se da social-democracia, confirmou uma vez

mais a notável clarividência de P. Axelro que, já no final de 1897, previra com toda a exatidão esse resultado das flutuações da social-democracia ("A propósito dos objetivos atuais e da tática"), e esboçou suas célebres "Duas Perspectivas". Todas as discussões e divergências ulteriores entre os sociais-democratas russos estão contidas, como a planta na semente, nessas duas perspectivas (11). A partir daí concebe-se que o Rabótcheie Dielo não tenha resistido à espontaneidade do "economismo", nem tenha podido resistir à espontaneidade do terrorismo. É interessante notar a argumentação original com que a Svoboda apoia o terrorismo. Nega completamente o papel de intimidação do terror (Renascimento do Revolucionismo, p. 64); mas por outro lado valoriza seu "caráter excitativo". Isto é característico, em primeiro lugar, como uma das fases da desagregação e da decadência desse círculo tradicional de ideias (pré-social-democrata) que fazia com que se mantivesse a ligação com o terrorismo. Admitir que agora é impossível "intimidar" e, por conseguinte, desorganizar o governo através do terrorismo, significa, no fundo, condenar completamente o terrorismo como método de luta, como esfera de atividade consagrada por um programa. Em segundo lugar, o que ainda é mais característico, como exemplo de incompreensão de nossas tarefas prementes no que diz respeito a "educação da atividade revolucionária das massas". A Svoboda prega o terrorismo como meio de "excitar" o movimento operário, de imprimir-lhe impulso vigoroso. Seria difícil imaginar uma argumentação que se refutasse a si própria com mais evidência! Pergunta-se: haveria, portanto, tão poucos fatos escandalosos na vida russa para ser preciso inventar meios especiais de "excitação"? Por outro lado, é evidente que aqueles que não se excitam, nem são excitáveis mesmo pela arbitrariedade russa, observarão da mesma forma, "cruzando os braços", o duelo do governo com um punhado de terroristas. Ora, exatamente as massas operárias estão bastante excitadas pelas infâmias da vida russa, mas não sabemos recolher, se é possível falar assim, e concentrar todas as gotas e os pequenos córregos da efervescência popular, que a vida russa verte em quantidade infinitamente maior do que imaginamos ou acreditamos, e que é preciso reunir em uma única torrente gigantesca. Que isso é realizável, prova-o incontestavelmente o impulso prodigioso do movimento operário e a sede, já assinalada anteriormente, que os operários manifestam pela literatura política. Por isso, os apelos ao terrorismo,

bem corno., os apelos para conferir à própria luta econômica um caráter político, são apenas pretextos diferentes para se fugir ao dever mais imperioso dos revolucionários russos: organizar a agitação política sob todas as suas formas. A Svoboda quer substituir a agitação pelo terrorismo, reconhecendo abertamente que "desde que uma agitação enérgica e intensa atraia as massas, o papel excitativo do terror terá fim" (p. 68 do Renascimento do Revolucionismo). Isto mostra precisamente que terroristas e "economistas" subestimam a atividade revolucionária das massas, a despeito do testemunho evidente dos acontecimentos da primavera (12). Uns lançam-se à procura de "excitantes" artificiais, outros falam de "reivindicações concretas". Tanto uns como outros não prestam atenção suficiente ao desenvolvimento de sua própria atividade em matéria de agitação política e de organização de revelações políticas. E não há nada que possa substituir isso, nem agora, nem em qualquer outro momento.

e) A Classe Operária como Combatente de Vanguarda pela Democracia

Vimos que a agitação política mais ampla e, por conseguinte, a organização de grandes campanhas de denúncias políticas constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária à atividade, se esta atividade for verdadeiramente social-democrata. Mas, chegamos a . essa conclusão partindo unicamente da necessidade mais premente da classe operária, necessidade de conhecimentos políticos e de educação política. Ora, essa forma de colocar a questão, em si mesma, seria demasiado restrita, pois desconheceria as tarefas democráticas de toda a social-democracia em geral, e da social-democracia russa atual, em particular. Para esclarecer essa tese, da maneira mais concreta possível, tentaremos abordar a questão do ponto de vista mais "familiar" aos "economistas", do ponto de vista prático. "Todo o mundo está de acordo" que é preciso desenvolver a consciência política da classe operária. A questão é saber como faze-lo e o que é preciso para isso. A luta econômica "incita" os operários "a pensar" unicamente na atitude do governo em relação à classe operária, por isso, quaisquer que sejam os esforços que façamos para "conferir à própria luta econômica um caráter político", jamais poderemos, dentro desse objetivo, desenvolver a consciência política dos operários (até o nível da consciência política social-democrata), pois, os próprios limites desse objetivo são demasiado estreitos. A fórmula de Martynov nos é preciosa, não como ilustração do talento confuso de seu autor, mas porque traduz de forma relevante o erro capital de todos os "economistas", a saber a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários, por assim dizer, a partir do interior de sua luta econômica, isto é, partindo unicamente (ou, ao menos, principalmente) dessa luta, baseando-se unicamente (ou, ao menos, principalmente) nessa luta. Essa perspectiva é radicalmente falsa, justamente porque os "economistas", extenuados por nossa polêmica contra eles, não querem refletir seriamente sobre a origem de nossas divergências, e sobre o que resultou disso: literalmente não nos compreendemos, e falamos línguas diferentes. A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. 0 único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações de todas as classes entre si. Por isso, à questão: que fazer para levar aos operários os conhecimentos políticos? - não se poderia simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os práticos, sem falar daqueles dentre eles que se inclinam para o "economismo", a saber: "ir até os operários". Para levar aos operários os

conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar em todas as direções os destacamentos de seu exército. Se escolhemos essa fórmula rude, se nossa linguagem é cortante, deliberadamente simplificada, não é absolutamente pelo prazer de enunciar paradoxos, mas para "incitar" os "economistas" a pensar nas tarefas que desdenham de maneira tão imperdoável, na diferença existente na política sindical e na política social-democrata, que não querem compreender. Por isso, pedimos ao leitor não se impacientar e seguir-nos atentamente até o fim. Consideremos o tipo de círculo social-democrata mais difundido nesses últimos anos e vejamos sua atividade. Tem "contatos com os operários" e se atém a isso, editando "folhas volantes" onde condena os abusos nas fábricas, o partido que o governo toma em favor dos capitalistas e violências da polícia. Nas reuniões com, os operários, é sobre tais assuntos que se desenrola ordinariamente a conversa, sem quase sair disso; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política interna e externa de nosso governo, sobre a evolução econômica da Rússia e da Europa, sobre a situação dessas ou daquelas classes na sociedade contemporânea etc., constituem exceções extremas, e ninguém pensa em estabelecer e desenvolver sistematicamente relações no seio das outras classes da sociedade. Para dizer a verdade, o ideal do militante, para os membros de tal círculo, aproxima-se na maioria dos casos muito mais ao do secretário

de sindicato do que do dirigente político socialista. De fato, o secretário de um sindicato inglês, por exemplo, ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza revelações sobre a vida de fábrica, explica a injustiça das leis e disposições que entravam a liberdade de greve, a liberdade dos piquetes (para prevenir a todos que há greve em uma determinada fábrica); mostra o partido tomado pelos árbitros que pertencem às classes burguesas etc. etc. Em uma palavra, todo secretário de sindicato conduz e ajuda a conduzir a "luta econômica contra os patrões e o governo". E não seria demais insistir que isto ainda não é "social-democratismo"; que o social-democrata não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democratas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado. Comparemos,

por exemplo, os militantes como Robert Knight (o secretário e líder bem conhecido da "União dos Caldereiros", um dos sindicatos mais poderosos da Inglaterra) e Wilhelm Liebknecht, e tentemos aplicar-lhes as teses opostas às quais Martynov reduz suas divergências com o Iskra. Veremos - começo a folhear o artigo de Martynov - que R. Knight "conclamou" muito mais "as massas a determinadas ações concretas, e que W. Liebknecht ocupou-se principalmente" em apresentar como revolucionário todo regime atual ou suas manifestações parciais"; que R. Knight "formulou as reivindicações imediatas do proletariado e indicou os meios de atingi-las" , e que W. Liebknecht, ocupando-se igualmente dessa tarefa, não se recusou a "dirigir ao mesmo tempo a ação das diferentes camadas e a oposição", a "ditar-lhes um programa de ação positiva (13) " , que R. Knight dedicou-se precisamente a "conferir, tanto quanto possível, à própria luta econômica um caráter político", e soube perfeitamente "colocar ao governo reivindicações concretas fazendo entrever resultados tangíveis", enquanto W. Liebknecht se ocupou muito mais de revelações" "em um sentido único-; que R. Knight deu muito mais importância "à marcha progressiva da obscura luta cotidiana", e W. Liebknecht à "propaganda de ideias brilhantes e acabadas"; que W. Liebknecht fez do jornal que dirigia exatamente "o órgão da oposição revolucionária que denuncia nosso regime, e principalmente o regime político. aquele que vai de encontro aos interesses das diversas camadas da população", enquanto R. Knight "trabalhou pela causa operária em estreita ligação orgânica com a luta proletária") - se entendermos a "estreita ligação orgânica" no sentido do culto da espontaneidade que estudamos anteriormente a propósito de Kritchévski e de Martynov, - e "restringiu a esfera de sua influência" naturalmente persuadido, como Martynov, que "acentuava essa influência através disso mesmo. Em uma palavra, veremos que, de fato, Martynov rebaixa a social-democracia ao nível do sindicalismo. certamente não por deixar de querer o bem da social-democracia. mas, simplesmente, porque se apressou um pouco demais em aprofundar Plekhânov. em lugar de se dar ao trabalho de compreendê-lo. Mas voltemos a nossa exposição. Como dissemos, se o social-democrata é adepto do desenvolvimento integral da consciência política do proletário, não só em palavras, deve "ir a todas as classes da população". A questão que se coloca é: como fazer? temos forças suficientes para isso? existe um campo para tal trabalho em todas as outras classes? isto não será ou não levará a um retrocesso do ponto de vista de classe? Vamos nos deter nessas questões. Devemos "ir a todas as classes da população" como teóricos, como propagandistas, como agitadores e como organizadores. Ninguém duvida que o

trabalho teórico dos sociais-democratas deva orientar-se para o estudo de todas as

particularidades da situação social e política das diferentes classes. Mas, a esse respeito muito pouco fazemos, muito pouco em comparação ao estudo das particularidades da vida na fábrica. Nos comitês e nos círculos, encontramos pessoas que se especializam até no estudo de um ramo da produção siderúrgica, mas não encontramos quase exemplos de membros de organizações que (obrigados, como ocorre frequentemente, a deixara ação prática por alguma razão) se ocuparam especialmente em coletar documentos sobre uma questão de atualidade em nossa vida social e política, podendo fornecer à social-democracia a ocasião de trabalhar nas outras categorias da população. Quando se fala da precária preparação da maioria dos dirigentes atuais do movimento operário, não é possível deixar de lembrar, igualmente, a preparação nesse sentido, pois também ela é devida à compreensão "economista" da "estreita ligação orgânica com a luta proletária". Mas o principal, evidentemente, é a propaganda e a agitação em todas as camadas do povo. Para o social-democrata do Ocidente, essa tarefa é facilitada pelas reuniões e assembleias populares assistidas por todos aqueles que o desejam, pela existência do Parlamento, onde fala diante dos deputados de todas as classes. Não temos Parlamento, nem liberdade de reunião, mas, contudo, sabemos organizar reuniões com os operários que desejam ouvir um social-democrata. Pois não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que os "comunistas apoiam todo movimento revolucionário", que, por conseguinte, temos o dever de expor e de assinalar as tarefas democráticas gerais diante de todo o povo, sem dissimular um instante sequer nossas convicções socialistas. Não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que seu dever é ser o primeiro a colocar, despertar e resolver toda questão democrática de ordem geral. "Mas todos, sem exceção, estão de acordo com isso!", interromperá o leitor impaciente - e a nova instrução à redação do Rabótcheie Dielo, adotada no último congresso da União, declara claramente: "Devem ser utilizados para a propaganda e a agitação política todos os fenômenos e acontecimentos da vida social e política que afetam o proletariado, seja diretamente como classe à parte, seja como vanguarda de todas as forças revolucionárias em luta pela liberdade " (Dois Congressos, p. 17, grifado por nós). De fato, estas são palavras notáveis e precisas, e dar-nos-íamos por inteiramente satisfeitos se o "Rabótcheie Dielo" as compreendesse, e não colocasse, ao mesmo tempo, outras que as contradizem. Pois, não basta dizer-se "vanguarda", destacamento avançado, - é preciso proceder de forma que todos os outros destacamentos se dêem conta e sejam

obrigados a reconhecer que marchamos à frente. Portanto, perguntamos ao leitor: os representantes dos outros "destacamentos- seriam, pois, imbecis a ponto de acreditar que somos "vanguarda- só porque o dizemos? Imaginem apenas este quadro concreto: um social-democrata apresenta-se no "destacamento" dos radicais russos ou dos constitucionalistas liberais, e diz: Somos a vanguarda; "agora uma tarefa nos é colocada: como conferir, tanto quanto possível, à própria luta econômica um caráter político". Um radical ou um constitucionalista, por pouco inteligente que seja (e há muitos homens inteligentes entre os radicais e os constitucionalistas russos), apenas sorrirá ao ouvir isso, e dirá (para si, bem entendido, pois na maioria dos casos é um diplomata experimentado): "essa vanguarda é muito ingênua"! Não compreende sequer que isso é tarefa nossa - a tarefa dos representantes avançados da democracia burguesa - conferir à própria luta econômica um caráter político. Porque também nós, como todos os burgueses do Ocidente, desejamos integrar os operários à política, mas apenas à política sindical, e não social-democrata. A política sindical da classe operária é precisamente a política burguesa da classe operária. E essa "vanguarda", formulando sua tarefa, formula precisamente uma política sindical! Também, que se digam sociais-democratas tantas vezes quantas quiserem. Não sou uma criança para me importar com rótulos! Mas, que não se deixem levar por esse

dogmáticos ortodoxos nocivos; que deixem "a liberdade de crítica- para aqueles que arrastam inconscientemente a social-democracia na esteira do sindicalismo! O ligeiro sorriso de ironia de nosso constitucionalista muda-se em gargalhada homérica, quando percebe que os sociais-dernocratas que falam de vanguarda da social-democracia, nesse período de dominação quase completa da espontaneidade em nosso movimento, temem acima de tudo ver "minimizar o elemento espontâneo", ver "diminuir o papel da marcha progressiva dessa obscura luta cotidiana em relação à propaganda das brilhantes ideias acabadas" etc. etc.! O destacamento "avançado": que teme ver a consciência ganhar da espontaneidade, que teme formular um "plano" ousado que force o reconhecimento geral, mesmo entre os que pensam diferentemente! Será que confundem, por acaso, a palavra vanguarda com a palavra retaguarda? Examinem com atenção o seguinte raciocínio de Martynov. Declara ele que a tática acusadora do Iskra é unilateral; que "qualquer que seja a espécie de desconfiança e de ódio que semearmos contra o governo, não alcançaremos nosso objetivo enquanto não desenvolvermos uma energia social, suficientemente ativa para sua derrubada". Eis, diga-se entre parênteses, a preocupação - que já conhecemos - de intensificar a atividade das massas e de

querer restringir a sua própria. Mas, agora não é esta a questão. Martynov fala aqui de energia revolucionária ("para a derrubada"). Porém, a que conclusão chega? Como em tempos normais, as diferentes camadas sociais atuam inevitavelmente cada uma em seu lado, "é claro, por conseguinte, que nós, sociais-democratas, não podemos simultaneamente dirigir a atividade intensa das diversas camadas da oposição, não podemos ditar-lhes um programa de ação positiva, não podemos indicar-lhes os meios de lutar, dia após dia, por seus interesses... As camadas liberais ocupar-se-ão, elas próprias, dessa luta ativa por seus interesses imediatos, o que as colocará face a face com nosso regime político". Assim, portanto, após ter falado de energia revolucionária, de luta ativa para a derrubada da autocracia, Martynov desvia-se logo para a energia profissional, para a luta ativa pelos interesses imediatos! Disso se conclui que não podemos dirigir a luta dos estudantes, dos liberais etc., pelos seus "interesses imediatos"; mas não era disso que se tratava, respeitável "economista"! Tratava-se da participação possível e necessária das diferentes camadas sociais na derrubada da autocracia; ora, não apenas podemos, mas devemos dirigir, de qualquer forma, essa "atividade intensa das diferentes camadas da oposição" se quisermos ser a "vanguarda". Quanto a colocar nossos estudantes, nossos liberais etc., "face a face com nosso regime político", não serão os únicos a se preocuparem com isso, pois disso encarregar-se-ão sobretudo a polícia e os funcionários da autocracia. Mas, "nós", se quisermos ser democratas avançados, devemos ter a preocupação de incitar a pensar exatamente aqueles que só estão descontentes com o regime universitário, ou apenas com o regime dos zemstvos etc., a pensar que todo o regime político nada vale. Nós devemos assumir a organização de uma ampla luta política sob a direção de nosso partido, a fim de que todas as camadas da oposição, quaisquer que sejam, possam prestar e prestem efetivamente a essa luta, assim como a nosso partido, a ajuda de que são capazes. Dos práticos sociais-democratas, nós devemos formar os dirigentes políticos que saibam dirigir todas as manifestações dessa luta nos mais variados aspectos, que saibam no momento necessário "ditar um programa de ação positiva- aos estudantes em agitação, aos zemstvos descontentes, aos membros de seitas indignados, aos professores lesados etc. etc. Por isso, Martynov está completamente errado quando afirma que "em relação a eles, não podemos desempenhar senão um papel negativo de denunciadores do regime... Não podemos senão dissipar suas esperanças nas diferentes comissões governamentais". (o grifo é nosso). Dizendo isso, Martynov mostra que não compreende nada sobre o verdadeiro papel da "vanguarda" revolucionária. E se

o leitor tornar isso em

consideração, compreenderá o verdadeiro sentido da seguinte conclusão de Martynov: "O Iskra é o órgão da oposição revolucionária, que denuncia nosso regime, e principalmente nosso regime político, quando vai de encontro aos interesses das diferentes camadas da população. Quanto a nós, trabalhamos e trabalharemos pela causa operária em estreita ligação orgânica corri a luta , proletária. Restringindo a esfera de nossa influência, acentuamos esta influência em si mesma". 0 verdadeiro sentido dessa conclusão é: o Iskra deseja elevar a política sindical da classe operária (política à qual, entre nós, por mal-entendido, despreparo ou convicção, frequentemente se limitam nossos práticos) ao nível da política social-democrata. Ora, o Rabótcheie Dielo deseja abaixar a política social-democrata ao nível da política sindical. E ainda garante que são "posições perfeitamente compatíveis com a obra comum" ,O sancta símplicitas! Prossigamos. Ternos forças suficientes para levar nossa propaganda e nossa agitação a todas as classes da população? Certamente que sim. Nossos "economistas", que frequentemente se inclinam a negá-lo, esquecem-se do gigantesco progresso realizado pelo nosso movimento de 1804 (mais ou menos) a 1901. Verdadeiros "seguidistas", vivem frequentemente com ideias do período do começo de nosso movimento, há muito já terminado. De fato, éramos espantosamente fracos, nossa resolução de nos dedicarmos inteiramente ao trabalho entre os operários e de condenar severamente todo o desvio dessa linha era natural e legítima, pois tratava-se então unicamente de nos consolidarmos na classe operária. Agora, urna prodigiosa massa de forças está incorporada ao movimento; vemos chegar até nós os melhores representantes da jovem geração das classes instruídas; por toda a parte, são obrigadas a residir nas províncias pessoas que já participam ou querem participar do movimento, e que tendem para a social-democracia (enquanto que, em 1894, podia-se contar nos dedos os sociais-democratas russos). Um dos mais graves defeitos de nosso movimento - em política e em matéria de organização - é que não sabemos empregar todas essas forças, atribuir-lhes o trabalho que lhes convém (voltaremos a isto no capítulo seguinte). A imensa maioria dessas forças encontra-se na impossibilidade absoluta "de ir até os operários", por isso não se coloca a questão do perigo de desviar as forças de nosso movimento essencial. E para fornecer aos operários uma verdadeira iniciação política, múltipla e prática, é preciso que tenhamos "nossos homens de nosso lado", sociais-democratas, sempre e em toda a parte, em todas as camadas sociais. em todas as posições que permitam conhecer as forças internas do mecanismo de nosso Estado. E

precisamos desses homens, não apenas para a propaganda e a agitação. mas, ainda e sobretudo, para a organização. Existe um campo para a ação em todas as classes da população? Os que não vêem isso, mostram que sua consciência está em atraso quanto ao impulso espontâneo das massas. Entre uns, o movimento operário suscitou e continua a suscitar o descontentamento; entre outros, desperta a esperança quanto ao apoio da oposição; para outros, enfim, dá a consciência da impossibilidade do regime autocrático, de sua falência evidente. Não seríamos "políticos" e sociais-democratas senão em palavras (como, na realidade, acontece frequentemente), se não compreendêssemos que nossa tarefa é utilizar todas as manifestações de descontentamento, quaisquer que sejam, de reunir e elaborar até os menores elementos de um protesto, por embrionários que seja. Sem contar que milhões e milhões de camponeses, trabalhadores, pequenos artesãos etc., escutaram sempre avidamente a propaganda de um social-democrata, ainda que pouco hábil. Mas, existirá uma só classe da população onde não haja homens, círculos e grupos descontentes com o jugo e a arbitrariedade, e portanto acessíveis à propaganda do social-democrata, intérprete das mais prementes aspirações democráticas? Para quem quiser ter uma ideia concreta dessa agitação política do social-democrata em todas as classes e categorias da população, indicaremos as revelações políticas, no sentido amplo

da palavra, como principal meio dessa agitação (porém não o único, bem entendido). "Devemos" - escrevia em meu artigo 'Por Onde Começar?' (Iskra, nº4, maio de 1901) de que falaremos mais adiante em detalhe - "despertar em todos os elementos um pouco conscientes da população, a paixão pelas revelações políticas. Não nos inquietemos se, na política, as vozes acusadoras são ainda tão débeis. tão raras, tão tímidas. A causa não consiste, de modo algum, em uma resignação geral à arbitrariedade policial. A causa é que os homens capazes de acusar e dispostos a faze-lo não têm uma tribuna do alto da qual possam falar. não têm um auditório que escute avidamente, encorajando os oradores, e não vêem em parte alguma do povo uma força para a qual valha a pena dirigir suas queixas contra o governo "todo-poderoso" ... Temos hoje os meios e o dever de oferecer a todo o povo uma tribuna para denunciar o governo tzarista: essa tribuna deve ser um jornal social-democrata". Esse auditório ideal para as revelações políticas é precisamente a classe operária, que tem necessidade, antes e sobretudo, de conhecimentos políticos amplos e vivos, e que é a mais capaz de aproveitar esses conhecimentos para empreender uma luta ativa, mesmo que não prometa qualquer "resultado tangível". Ora, a tribuna para

essas revelações diante de todo o povo, só, pode ser um jornal para toda a Rússia. "Sem um órgão político, não seria possível conceber na Europa atual um movimento merecendo o nome de movimento político". E a Rússia, inegavelmente, também está incluída na Europa atual, em relação a esse fato. Desde há muito a imprensa tornou-se uma força entre nós; se não o governo não dispenderia dezenas de milhares de rublos para comprar e subvencionar todas as espécies de Katkov e de Mechtcherski. E não é novo o fato de, na Rússia autocrática, a imprensa ilegal romper as barreiras da censura e obrigar os órgãos legais e conservadores a falar dela abertamente. Assim aconteceu entre 1870 e 1880, e mesmo entre 1850 e 1880. Ora, hoje são mais amplas e profundas as camadas populares que poderiam ler, voluntariamente, a imprensa ilegal para aí aprender "a viver e a morrer", para empregar a expressão de um operário, autor de uma carta endereçada ao Iskra (nº7). As revelações políticas constituem uma declaração de guerra ao governo, da mesma forma que as revelações econômicas constituem uma declaração de guerra aos fabricantes. E essa declaração de guerra tem um significado moral tanto maior quanto mais vasta e vigorosa for a campanha de denúncias, quanto mais decidida e numerosa for a classe social que declara a guerra para começar a guerra. Por isso, as revelações políticas constituem, por si próprias, um meio poderoso para desagregar o regime contrário, separar o inimigo de seus aliados fortuitos ou temporários, semear a hostilidade e a desconfiança entre os participantes permanentes do poder autocrático. Apenas o partido que organize verdadeiramente as revelações visando o povo inteiro poderá tornar-se, em nosso dias, a vanguarda das forças revolucionárias. Ora, tais palavras - "visando o povo inteiro" - têm um conteúdo muito amplo. A imensa maioria dos reveladores, que não pertencem à classe operária (pois para ser vanguarda é preciso justamente integrar outras classes), são políticos lúcidos e homens de sangue-frio e senso prático. Sabem perfeitamente como é perigoso "queixar-se" mesmo de um pequeno funcionário, quanto mais do "onipotente" governo russo. E não nos dirigirão suas queixas, a não ser quando virem que realmente estas podem ter efeito, e que nós somos uma força política. Para que nos tornemos aos olhos do público uma força política não basta colar o rótulo "vanguarda" sobre uma teoria e uma prática de "retaguarda" :é preciso trabalhar muito e com firmeza para elevar nossa consciência, nosso espírito de iniciativa e nossa energia. Porém, o partidário cioso da "estreita ligação orgânica com a luta proletária" nos perguntará, e já nos pergunta: se nos devemos encarregar de organizar contra o governo as revelações que verdadeiramente visam o povo inteiro, em que, pois, manifestar-

se-á o caráter de classe de nosso

movimento? - Ora, justamente no fato de que a organização dessas revelações constituirá nossa obra, de sociais-democratas; de que todos os problemas levantados pelo trabalho de agitação serão esclarecidos dentro de um espírito social-democrata constante e sem a menor tolerância para com as deformações, voluntárias ou não, do marxismo, de que essa ampla agitação política será conduzida por um partido unindo em um todo coerente a ofensiva contra o governo, em nome de todo o povo, da educação revolucionária do proletariado, salvaguardando, ao mesmo tempo, sua independência política, a direção da luta econômica da classe operária, a utilização de seus conflitos espontâneos com seus exploradores, conflitos que levantam e conduzem sem cessar, para o nosso campo, novas camadas do Proletariado ! Mas, um dos traços mais característicos do "economismo" é exatamente não compreender essa ligação, melhor ainda, essa coincidência da necessidade mais urgente do proletariado (educação política sob todas as suas formas, por meio das revelações e da agitação política) com as necessidades do movimento democrático corro um todo. Essa incompreensão aparece não apenas nas frases "à Martynov", mas também nas diferentes passagens de significação absolutamente idêntica, onde os "economistas" referem-se a um pretenso ponto de vista de classe. Eis, por exemplo, como se exprimem os autores da carta "economista" publicada no nº12 do Iskra: "Este mesmo defeito essencial do Iskra (sobrestimação da ideologia) é a causa de sua inconseqüência na questão da social-democracia com as diversas classes e tendências sociais. Tendo decidido, por meio de cálculos teóricos"... (e não em decorrência do "crescimento das tarefas do Partido que aumentam ao mesmo tempo que ele" ...) "o problema da deflagração imediata da luta contra o absolutismo é sentindo, provavelmente, toda a dificuldade dessa tarefa para os operários, no estado atual das coisas"... (não somente sentindo, mas sabendo muito bem que esta tarefa parece menos difícil aos operários do que aos intelectuais "economistas" - que os tratam como crianças pequenas - pois os operários estão prontos a se baterem de fato pelas reivindicações que não prometem, para falar a língua do inolvidáveis Martynov, nenhum "resultado tangível")... "mas não tendo a paciência de esperar a acumulação de forças necessárias para essa luta, o Iskra começa a procurar os aliados nas fileiras dos liberais e dos intelectuais"... Sim, sim, de fato perdemos toda "paciência" para "esperar" os dias felizes que nos prometem de há muito os "conciliadores"' de toda espécie, onde nossos "economistas" deixarão de lançar a culpa de seu próprio atraso sobre os operários, de justificar sua própria falta de

energia pela pretensa insuficiência de forças entre os operários. Em que deve consistir a "acumulação de forças pelos operários em vista dessa luta"? perguntaremos a nossos "economistas". Não é evidente que consiste na educação política dos operários, na denúncia, diante deles, de todos os aspectos de nossa odiosa autocracia? E não está claro que, justamente para esse trabalho, precisamos de "aliados nas fileiras dos liberais e dos intelectuais", "aliados" prontos a nos trazer suas revelações sobre a campanha política conduzida contra os elementos ativos do zemstvos, os professores, os estatísticos, os estudantes etc.? É assim tão difícil compreender essa "mecânica erudita"? P. Axelrod não lhes, repete, desde 1897, que "a conquista pelos sociais-democratas russos de partidários e aliados diretos ou indiretos entre as classes não proletárias é determinada, antes de tudo e principalmente, pelo caráter que a propaganda assume entre o próprio proletariado?" Ora, Martynov e os outros "economistas" ainda acham, agora, que primeiro os operários devem acumular forças "através da luta econômica contra os patrões e o governo" (para a política sindical) e, em seguida, apenas "passar" - sem dúvida da "educação" sindical da "atividade", à atividade social-democrata! " ... Em suas pesquisas, continuam os "economistas", o Iskra abandona com demasiada frequência o ponto de vista de classe, encobre os antagonismos de classe e coloca em primeiro plano o descontentamento (14)

comum contra o governo, apesar das causas e do grau deste descontentamento serem muito diferentes entre os "aliados". Essas são, por exemplo, as relações do Iskra com os zemstvos"... O Iskra pretensamente "promete aos nobres descontentes com as esmolas governamentais, o apoio da classe operária, sem dizer uma palavra sobre o antagonismo de classe que separa essas duas categorias da população". Que o leitor se reporte aos artigos "A Autocracia e os Zemtvos" (nºs 2 e 4 do Iskra) aos quais, parece, os autores dessa carta fazem alusão, e verá que esses artigossão dedicados à atitude do governo em relação "à agitação inofensiva do zemstvo burocrático censitário", em relação "à iniciativa das próprias classes proprietárias". Nesse artigo diz-se que o operário não poderia permanecer indiferente à - luta - do governo contra o zemstvo, e os elementos ativos do zemstvo são convidados a deixar de lado seus discursos inofensivos e a pronunciar palavras firmes e categóricas, quando a social-democracia revolucionária levantar-se com toda sua força diante do governo. Com o que não estão de acordo os autores da carta? Não seria possível dize-lo. Pensam que o operário "não compreenderá" as palavras "classes possuidoras" e "zemstvo burocrático censitário-? que o fato de pressionar os

elementos ativos dos zemstvos a abandonar os discursos inofensivos pelas palavras firmes seja uma "sobrestimação da ideologia"? Imaginam que os operários podem "acumular forças" para a luta contra o absolutismo, se não conhecem a atitude do absolutismo também em relação ao zemstvo? Mais uma vez, não seria possível dize-lo. Uma coisa está clara: os autores têm apenas uma ideia muito vaga das tarefas políticas da social-democracia. Isso sobressai ainda com maior clareza na frase seguinte: "Essa é igualmente (isto é, "encobrindo também os antagonismos de classe") a atitude do Iskra em relação ao movimento dos estudantes". Em lugar de exortar os operários a afirmar através de uma manifestação pública que o verdadeiro foco de violências, de arbitrariedade e de delírio não é a juventude universitária, mas o governo russo (Iskra, nº2), deveríamos, ao que parece, publicar as análises inspiradas da Rabótchaia Mys1! E são essas as opiniões expressas pelos sociais-democratas no outono de 1901, após os acontecimentos de fevereiro e de março, às vésperas de um novo impulso do movimento estudantil, impulso que mostra bem que, também nesse aspecto, o protesto "espontâneo" contra a autocracia ultrapassa a direção consciente do movimento pela social-democracia. O impulso instintivo, que leva os operários a interceder em favor dos estudantes espancados pela polícia e pelos cossacos, ultrapassa a atividade consciente da organização social-democrata! "Entretanto, em outros artigos", continuam os autores da carta, "o Iskra condena severamente todo compromisso e toma a defesa, por exemplo, do comportamento intolerável dos guesdistas-. Aconselhamos àqueles que sustentam comumente, com tanta presunção e ligeireza, que as divergências de ponto de vista entre os sociais-democratas de hoje, não são, parece, essenciais e não justificam uma cisão, que meditem seriamente nessas palavras. As pessoas que afirmam que o esforço que empreendemos ainda é ridiculamente insuficiente para mostrar a hostilidade da autocracia em relação às mais diferentes classes, para revelar aos operários a oposição das mais diferentes categorias da população à autocracia, podem trabalhar eficazmente, em uma mesma organização, com pessoas que vêem nessa tarefa "um compromisso", evidentemente um compromisso com a teoria da "luta econômica contra os patrões e o governo"? No quadragésimo aniversário da emancipação dos camponeses, falamos da necessidade de introduzir a luta de classes nos campos (nº3) e, a propósito do relatório secreto de Witte, da incompatibilidade que existe entre a autonomia administrativa e a autocracia (nº4); combatemos, a propósito da nova lei, o feudalismo dos proprietários de terras e do governo que os serve (nº8), e saudamos o congresso ilegal dos zemstvos, encorajando os elementos

dos zemstvos a abandonar os procedimentos. humilhantes para passar à luta (nº8); encorajamos os estudantes que começavam a compreender a (15)

necessidade da luta política e a empreenderam (n9 3) e, ao mesmo tempo, fustigamos a "inteligência extremada" dos partidários do movimento "exclusivamente estudantil", que exortavam os estudantes a não participar das manifestações de rua (nº3, a propósito da mensagem do Comitê executivo dos estudantes de Moscou, de 25 de fevereiro); denunciamos os "sonhos insensatos", a "mentira e a hipocrisia" dos velhacos liberais do jornal Rossia (nº5), e ao mesmo tempo assinalamos a fúria do governo de carcereiros que "ajustavam conta com pacíficos literatos, velhos professores e cientistas, conhecidos liberais dos zemstvos" (nº5: "Um Ataque da Polícia Contra a Literatura"); revelamos o verdadeiro sentido do programa "de assistência do Estado para a melhoria das condições de vida dos operários", e saudamos o "consentimento precioso": "mais vale prevenir com reformas do alto as reivindicações de baixo, do que esperar por essas" (nº6); - encorajamos os estatísticos em seu protesto (nº7) e condenamos os estatísticos "furadores" de greve (nº7). Ver nessa tática um obscurecimento da consciência de classe do proletariado e um compromisso com o liberalismo é mostrar que não se compreende absolutamente nada do verdadeiro programa do Credo, e é aplicar, de faio, precisamente esse programa, por mais que seja repudiado! Realmente, por isso mesmo, arrasta-se a democracia à "luta econômica entre os patrões e o governo", e inclina-se a bandeira diante do liberalismo, renunciando-se a intervir ativamente e a definir a própria atitude, a atitude social-democrata, em cada questão "liberal".

f) Mais uma Vez Caluniadores, mais uma Vez "Mistificadores".

Como o leitor se lembra, essas amabilidades foram ditas pelo Rabótcheie Dielo, que assim responde à nossa acusação de "preparar indiretamente o terreno para fazer do movimento operário um instrumento da democracia burguesa". Na simplicidade de seu coração, o Rabótcheie Dielo decidiu que essa acusação constituía apenas um recurso de polêmica. Esses desagradáveis dogmáticos, parece ter pensado, resolveram nos dizer todas as espécies de coisas desagradáveis; ora, o que pode haver de mais desagradável do que ser o instrumento da democracia burguesa? E de imprimir, em grandes caracteres, um "desmentido": "calúnia não dissimulada" (Dois Congressos, p. 30), "mistificação", "palhaçada". Como Júpiter (embora se pareça pouco com ele), o Rabótcheie Dielo ofende-se precisamente porque não tem razão, e através de suas injúrias irrefletidas, prova que é incapaz de apreender o fio do pensamento de seus adversários. E, entretanto, não é necessário refletir muito para compreender a razão por que todo culto da espontaneidade do movimento de massa, todo rebaixamento da política social-democrata ao nível da política sindical resume-se exatamente em preparar o terreno para fazer do movimento operário um instrumento da democracia burguesa. O movimento operário espontâneo, por si mesmo, só pode engendrar (e infalivelmente o fará) o sindicalismo, ora, a política sindical da classe operária é precisamente a política burguesa da classe operária. A participação da classe operária na luta política, e mesmo na revolução política, não faz de maneira alguma de sua política uma política social-democrata. O Rabótcheie Dielo poderá negar isso? Poderá, finalmente, expor diante de todo o mundo, abertamente e sem dissimulações, sua concepção dos problemas angustiantes da social-democracia internacional e russa? - Não, nunca o fará, pois atém-se firmemente ao procedimento "de se fazer de desentendido". Não me toquem, não tenho nada com isso. Não somos "economistas", a Rabótchaia Mysl não é o "economismo", o "economismo" em geral não existe na Rússia. Este é um procedimento muito hábil e "político", que tem apenas um pequeno

inconveniente, o de se ter o hábito de dar aos órgãos da imprensa que o praticam o apelido de "às suas ordens". Para o Rabótcheie Dielo, a democracia burguesa em geral constitui na Rússia apenas um "fantasma" (Dois Congressos, p. 32) (16). Que homens felizes! Como o avestruz, escondem a cabeça sob a asa e, imaginam que tudo o que os cerca desapareceu. Publicistas liberais que, todos os meses, anunciam triunfalmente que o marxismo se desagregou, ou mesmo desapareceu; jornais liberais (Sankt-Petersburgskie Védomosti, Russkia Védomosti e muitos outros) que encorajam os liberais que levam aos operários a

concepção brentaniana da luta de classes e a concepção sindical da política; a plêiade de críticos do marxismo, críticos cujas tendências verdadeiras foram tão bem reveladas no Credo, e cuja mercadoria literária é a única que circula pela Rússia, sem impostos nem taxas; a reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas, sobretudo após os acontecimentos de fevereiro e de março, tudo isso será talvez um fantasma? Tudo isso não tem absolutamente qualquer ligação com a democracia burguesa! 0 Rabótcheie Dielo, tal como os autores da canta economista, no número 12 do Iskra, deveriam "perguntar-se por que os acontecimentos da primavera provocaram uma tal reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas, em lugar de reforçar a autoridade e o prestígio da social-dernocracia". A razão é que não estávamos à altura de nossa tarefa, que a atividade das massas operárias ultrapassou a nossa, que não tínhamos dirigentes e organizadores suficientemente preparados, que conhecessem perfeitamente o estado de espírito de todas as camadas da oposição e soubessem colocar-se à cabeça do movimento, transformar uma manifestação espontânea em manifestação política, ampliar-lhe o caráter político etc. Dessa forma, os revolucionários não sociais-democratas, mais desembaraçados, mais enérgicos, explorarão necessariamente nosso atraso, e os operários, por maior que seja sua energia e abnegação nos combates contra a polícia e contra as tropas, por mais revolucionária que seja sua ação, serão apenas uma força de sustentação desses revolucionários, a retaguarda de democracia burguesa, e não a vanguarda social-democrata. Consideremos a social-democracia alemã, da qual nossos "economistas" emprestam apenas as falhas. Por que não existe um único acontecimento político na Alemanha que não contribua para reforçar cada vez mais a autoridade e o prestígio da social-democracia? Porque a social-democracia é sempre a primeira a fazer a apreciação mais revolucionária desse acontecimento, a sustentar todo protesto contra a arbitrariedade. Não alimenta ilusões de que a luta econômica incitará os operários a pensar em seu jugo, e de que as condições concretas conduzem fatalmente o movimento operário ao caminho revolucionário. Intervém em todos os aspectos e em todas as questões da vida social e política: quando Guilherme recusa-se a ratificar a nomeação de um progressista burguês para prefeito (nossos "economistas" ainda não tiveram tempo de aprender com os alemães que isto constitui, na verdade, um compromisso com o liberalismo!), e quando se faz uma lei contra imagens e obras "imorais", e quando o governo faz pressão para obter a nomeação de certos professores etc. etc. Em toda a parte os sociais-democratas estão na linha de frente, despertando o descontentamento político em todas as classes, sacudindo

os adormecidos, estimulando os atrasados, fornecendo uma ampla documentação para desenvolver a consciência política e a atividade política do proletariado. O resultado é que esse defensor político de vanguarda força o próprio respeito dos inimigos conscientes do socialismo, e não é raro que um documento importante, não só das esferas burguesas, mas também das burocráticas e palacianas, venha parar, não se sabe como, na sala de redação do Vorwürts. Aí está o segredo da "contradição" aparente que ultrapassa o nível de compreensão do Rabótcheie Dielo a ponto de contentar-se em levantar os braços para o céu e exclamar: "Palhaçada"! De fato, imaginemos o seguinte: nós, o Rabótcheie Dielo, consideramos em primeiro

plano o movimento operário de massa (e o imprimimos em letras garrafais!), pomos todos em guarda contra a tendência de diminuir o papel do elemento espontâneo, queremos conferir à própria, própria, própria luta econômica um caráter político; queremos permanecer em estreita ligação orgânica com a luta proletária! E nos dizem que preparamos o terreno para fazer do movimento operário um instrumento da democracia burguesa. E quem o diz? Os homens que têm "compromisso" com o liberalismo, intervindo em toda questão "liberal" (que incompreensão da 1igação orgânica com a luta proletária"!), concedendo tão grande atenção aos estudantes e até (que horror!) aos porta-vozes dos zemstvos! Homens que querem, em geral, consagrar uma porcentagem maior (em relação aos "economistas") de suas forças entre as classes não proletárias da população! Não é isto uma "palhaçada"? Pobre Rabótcheie Dielo! Chegará algum dia a penetrar no segredo deste complicado mecanismo?

Capítulo 4 - Os Métodos Artesanais dos Economistas e a Organização dos Revolucionários.

As afirmações do Rabótcheie Dielo, já examinadas anteriormente, declarando que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável de agitação política, que nossa tarefa consiste, hoje, em conferir à própria luta econômica um caráter político etc., refletem uma concepção estreita de nossas tarefas, não somente em matéria política, mas ainda em matéria de organização. Para conduzir "a luta econômica contra os patrões e o governo", não é necessária uma organização centralizada para toda a Rússia (e ela não poderia se constituir no curso de tal luta), organização que agruparia em um único ataque comum todas as manifestações, quaisquer que fossem, de oposição política, de protesto e de indignação, organização de revolucionários profissionais, dirigida pelos verdadeiros chefes políticos de todo o povo. Aliás, isto pode ser compreendido. Toda instituição tem sua estrutura natural e inevitavelmente determinada pelo conteúdo de sua ação. Por isso, pelas afirmações acima analisadas, o Rabótcheie Dielo consagra e legitima a estreiteza não somente da ação política, mas também do trabalho de organização. Nesse caso, como sempre, a consciência desse órgão inclina-se diante da espontaneidade. Ora, o culto das formas de organização que se elaboram espontaneamente, o fato de ignorar o quanto é estreito e primitivo nosso trabalho de organização e até que ponto somos ainda "rudimentares" em relação a esse aspecto importante, o fato de ignorar tudo isso, digo, constitui uma verdadeira doença do nosso movimento. Não uma doença de decadência, mas, evidentemente, de crescimento. Porém, precisamente hoje que a onda de revolta espontânea se espraia - poder-se-ia dizer - até a nós, dirigentes e organizadores do movimento, o que é preciso é sobretudo a luta mais intransigente contra a menor tentativa de defender nosso atraso, de legitimar a estreiteza nessa matéria; é preciso sobretudo despertar entre todos aqueles que participam, ou apenas se dispõem a participar do trabalho prático, o descontentamento em relação ao trabalho artesanal, que reina entre nós, e a firme vontade de nos desembaraçarmos dele.

a) O que É o Trabalho Artesanal?

Tentaremos responder a essa questão, esboçando o quadro da atividade de um círculo social-democrata típico entre 1894 e 1901. Já assinalamos o entusiasmo geral pelo

marxismo da juventude estudantil da época. Certamente, esse entusiasmo visava não apenas ao marxismo como teoria, mas como resposta à questão "que fazer?", como apelo para se colocar em campo contra o inimigo. E os novos combatentes punham-se em campo com uma preparação e um equipamento surpreendentemente primitivos. Em inúmeros casos, quase não havia equipamento e nem tampouco preparação. Iam à guerra como camponeses que tivessem acabado de deixar o arado, simplesmente armados de um bordão. Sem ligação de qualquer espécie com os velhos militantes, sem qualquer ligação com os círculos de outras localidades, nem mesmo de outros bairros (ou estabelecimentos de ensino) de sua própria cidade, sem qualquer coordenação das diferentes partes do trabalho revolucionário, sem qualquer plano sistemático de ação para um período mais ou menos prolongado, um círculo de estudantes entra em contato com os operários e põe mãos à obra. O círculo desenvolve progressivamente uma propaganda e agitação cada vez mais intensas; atrai, assim, unicamente através de sua ação, a simpatia de amplos setores do meio operário, a simpatia de uma certa parte da sociedade instruída, que lhe fornece dinheiro e coloca à disposição do "comitê" novos grupos de jovens. O prestígio do comitê (ou da união de luta) aumenta, seu campo de ação alarga-se, e estende sua atividade de uma maneira completamente espontânea: as pessoas que, há um ano ou alguns meses, tomavam a palavra nos círculos estudantis para responder à questão: "para onde ir?"; que estabeleciam e mantinham relações com os operários, compunham e lançavam as "folhas volantes", estabeleciam relações com outros grupos de revolucionários, arranjam publicações, empreendem a edição de um jornal local, começam a falar de uma manifestação a ser organizada, passam, enfim, às operações militares declaradas (e esta ação militar declarada poderá ser, segundo as circunstâncias, o primeiro panfleto de agitação, o primeiro número de um jornal, a primeira manifestação). Em geral, essas operações conduzem ao fracasso imediato e completo, desde o seu início. Imediato e completo, porque essas operações militares não eram o resultado de um plano sistemático, preparado de antemão e estabelecido a longo termo, mas, simplesmente o desenvolvimento espontâneo de um trabalho de círculo conforme sua tradição; porque a policia, como é natural, conhecia quase sempre todos os principais militantes do movimento local, que já "tinham dado o que falar" nos bancos da Universidade, e, aguardando o momento mais propício para

uma invasão, deixa, propositadamente, o círculo alargar-se e estender-se para ter um corpus delicti tangível, e a cada vez deixa, de caso pensado, alguns indivíduos "para semente" (é a expressão técnica empregada, pelo que sei, tanto pelos nossos como pelos da polícia). Não se pode deixar de comparar essa guerra a uma marcha de bandos de camponeses armados de bordões, contra um exército moderno. E não se pode deixar de admirar a vitalidade de um movimento que aumentava, estendia-se, e obtinha vitórias, apesar de uma ausência completa de preparação entre os combatentes. É verdade que o caráter primitivo do armamento era, historicamente, não apenas inevitável a princípio, mas até legítimo, visto que permitia atrair grande número de combatentes. Mas, desde que começaram as operações militares sérias (começaram, propriamente, com as greves do verão de 1896), as lacunas de nossa organização militar fizeram-se sentir cada vez mais. Após um momento de surpresa e uma série de falhas (como atrair a opinião pública para os crimes dos socialistas, ou a deportação dos operários das capitais para os centros industriais de província), o governo não demorou a adaptar-se às novas condições de luta e soube dispor, em pontos convenientes, seus destacamentos de provocadores, espiões e policiais, munidos de todos os aperfeiçoamentos. As armadilhas tornaram-se tão frequentes, atingiram tantas pessoas, esvaziaram a tal ponto os círculos locais, que a massa operária perdeu literalmente todos os seus dirigentes, o movimento tornou-se incrivelmente desordenado, sendo impossível estabelecer-se qualquer continuidade e

coordenação no trabalho. A extraordinária dispersão dos militantes locais, a composição fortuita dos círculos, as falhas de preparação e a estreiteza de perspectivas nas questões teóricas, políticas e de organização constituíram o resultado nevitável das condições descritas. Em certos lugares, mesmo, vendo nossa falta de firmeza e de organização em conspirar, os operários passaram a se afastar dos intelectuais por desconfiança, dizendo que provocavam as prisões pela sua imprudência! Todo militante, mesmo pouco iniciado no movimento, sabe que, finalmente, esses métodos artesanais foram considerados pelos sociais-democratas sensatos como uma verdadeira doença. Mas, para o leitor não iniciado não pensar que "construímos" artificialmente uma determinada etapa ou uma determinada doença do movimento, recorreremos ao testemunho já uma vez invocado. Que nos perdoem a longa citação. "Se a passagem gradual a uma ação prática mais ampla", escreve B-v no nº 6 do Rabótcheie Dielo, "passagem que está em função direta do período geral de transição que atravessa o movimento operário russo, é um traço característico... existe ainda, no conjunto do

mecanismo da revolução operária russa um outro traço não menos interessante. Queremos nos referir à insuficiência de forças revolucionárias próprias para a ação (1), que se faz sentir não apenas em Petersburgo, mas em toda a Rússia À medida que o movimento operário se acentua, que a massa operária se desenvolve; que as greves se tornam mais frequentes; que a luta de massa dos operários se faz de forma mais aberta, luta que reforça as perseguições governamentais, prisões, expulsões e deportações, essa falta de forças revolucionárias altamente qualificada torna-se mais sensível e, sem dúvida, não deixa de influir na profundidade e no caráter geral do movimento. Muitas greves desenrolam-se sem que as organizações revolucionárias exerçam sobre elas uma ação direta e enérgica... Há falta de "folhas" de agitação e de publicações ilegais... os círculos operários ficam sem agitadores... Além disso, a falta de dinheiro se faz sentir continuamente. Em uma palavra, o crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias. O efetivo dos revolucionários em ação é demasiado insignificante para poder influenciar toda a massa operária em efervescência, para oferecer a todos os distúrbios ao menos uma sombra de coerência e de organização... Tais círculos, tais revolucionários não estão unidos, nem agrupados; não formam uma organização coerente, forte e disciplinada, com partes metodicamente desenvolvidas"... E após ter feita a reserva de que o aparecimento imediato de novos círculos em lugar daqueles que foram destruídos, "prova apenas a vitalidade do movimento... mas, não demonstra ainda a existência de uma quantidade suficiente de militantes revolucionários perfeitamente paios", o autor conclui: "A falta de preparação prática dos revolucionários de Petersburgo repercute também sobre os resultados de seu trabalho. Os últimos processos, especialmente os dos grupos da 'Autoliberação' e da 'Luta do Trabalho Contra o Capital' mostraram nitidamente que um jovem agitador não familiarizado perfeitamente com as condições do trabalho e, por conseguinte, da agitação em uma determinada fábrica, ignorando os princípios da ação clandestina e tendo apreendido" (apreendido?) "apenas os princípios gerais da social-democracia. pode trabalhar uns quatro, cinco, seis meses. Depois vem a prisão que frequentemente ocasiona a derrocada de toda a dorganização, ou ao menos de uma parte. Pode um grupo trabalhar com proveito e êxito, quando sua existência está limitada a alguns meses? É evidente que não seria possível atribuir inteiramente as falhas das organizações existentes ao período de transição... é evidente que a quantidade e sobretudo a qualidade do efetivo das organizações em atividade desempenham aqui um papel importante. e a primeira

tarefa de nossos sociais-democratas... deve ser unir realmente as organizações entre si, com uma rigorosa seleção de seus membros."

b) Trabalho Artesanal e "Economismo"

Vamos agora deter-nos em uma questão que, certamente, já se colocou ao leitor. O trabalho artesanal, doença de crescimento que afeta o movimento todo, pode estar em conexão com o "economismo", considerado como uma das tendências da social-democracia russa? Cremos que sim. A falta de preparação prática, de habilidade no trabalho de organização é realmente comum a todos nós, mesmo àqueles que, desde o início, mantiveram-se sempre ligados ao ponto de vista do marxismo revolucionário. E, certamente, ninguém poderia incriminar os práticos por essa falta de preparação. Mas, esses "métodos artesanais" não se encontram apenas na falta de preparação: estão também na estreiteza do conjunto do trabalho revolucionário em geral, na incompreensão do fato de que essa estreiteza impede a constituição de uma boa organização de revolucionários; enfim - e é o principal - encontram-se nas tentativas de justificar essa estreiteza e de erigi-la em "teoria" particular, isto é, no culto da espontaneidade, também nesse campo. Desde as primeiras tentativas desse gênero, tornou-se evidente que os métodos artesanais estavam ligados ao "economismo" e que não nos livraríamos de nossa estreiteza no trabalho de organização, antes de nos livrarmos do "economismo" em geral (isto é, da concepção estreita da teoria do marxismo, do papel da social-democracia e de suas tarefas políticas). Ora, essas tentativas foram feitas em duas direções. Uns começaram a dizer: a massa operária não formulou ainda, ela própria, tarefas políticas tão extensas e tão manifestas como as que lhe "impõem" os revolucionários; deve ainda lutar pelas reivindicações políticas imediatas, conduzir" a luta econômica contra os patrões e o governo (2) (e a esta luta "acessível" ao movimento de massa corresponde naturalmente uma organização "acessível" mesmo à juventude menos preparada). Outros, afastados de todo "gradualismo" declararam: pode-se e deve-se "realizar a revolução política", mas, para isso, não há necessidade de se criar uma forte organização de revolucionários educando o proletariado para uma luta firme e obstinada, basta que todos nós tomemos do bordão "acessível" e já conhecido. Para falar sem alegorias, é preciso organizar a greve geral*2 ou estimular através de "um terrorismo excitativo*3" o movimento operário "adormecido". Essas duas tendências, a oportunista e a "revolucionaste", capitulam diante dos métodos artesanais dominantes, não crêem na possibilidade de se libertar deles, não vêem nossa primeira e mais urgente tarefa prática: criar uma organização de revolucionários capaz de assegurar à luta política energia, firmeza e continuidade. Acabamos de citar as palavras de B-v: "0 crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e o desenvolvimento das

organizações revolucionárias". Essa "comunicação preciosa de um observador bem colocado" (opinião emitida pela redação do Rabótcheie Dielo sobre o artigo de B-v) é para nós duplamente preciosa. Mostra que tínhamos razão de ver a causa fundamental da crise atual da social-democracia russa no atraso dos dirigentes ("ideólogos", revolucionários, sociais-democratas) em relação ao impulso espontâneo das massas. Mostra que existe apenas a defesa e a exaltação dos métodos artesanais em todos esses raciocínios dos autores da carta economista (Iskra, nº 12) B. Kritchévski e Martynov sobre o perigo que existe em minimizar o papel do elemento espontâneo, da obscura luta quotidiana, da tática-processo etc. Essas pessoas que não podem pronunciar sem desdém a palavra "teórico"; que denominam "senso das realidades" sua idolatria diante da falta de preparação para as coisas da vida e da falta de desenvolvimento, mostram de fato sua ignorância de nossas tarefas práticas mais prementes. Às pessoas que se atrasam, gritam: Marquem passo! Não se adiantem!

Aqueles que, no trabalho de organização, carecem de energia e de iniciativa, àqueles que carecem de "planos" de perspectivas amplas e corajosas, falam da "tática-processo"! Nosso erro capital é rebaixar nossas tarefas políticas e de organização ao nível dos interesses imediatos, "tangíveis", "concretos" da luta econômica cotidiana, e não param de nos dizer: é preciso conferir à própria luta econômica um caráter político! Mais uma vez repetimos: isto constitui exatamente um "senso das realidades" comparável ao do herói da epopéia popular, que exclamava à vista de um cortejo fúnebre; "tornara que sempre tenham algo a transportar". Lembrem-se da incomparável presunção, verdadeiramente digna de Narciso, com a qual esses sábios repreendiam Plekhânov: "As tarefas políticas, no sentido real e prático da palavra, isto é, no sentido de uma luta prática, racional e vitoriosa para as reivindicações políticas, são em princípio (sic) inacessíveis aos círculos operários" ("Resposta da redação do Rab. Dielo", p. 24). Existem círculos e círculos, Senhores!, Evidentemente, as tarefas políticas são inacessíveis a um círculo de "artesãos", enquanto estes não tomarem consciência de seus métodos artesanais e não se livrarem deles. Mas se, além disso, esses artesãos estão enamorados de seus métodos artesanais, se escrevem a palavra "prático" em itálico e imaginam que ser prático é rebaixar nossas tarefas ao nível de compreensão das massas mais atrasadas, então, evidentemente, esses artesãos são incuráveis e as tarefas políticas em princípio lhes são realmente inacessíveis. Mas, para um círculo de corifeus, como Alexeiev e Mychkine, Khalturine e Jeliabov, as tarefas políticas são inacessíveis no sentido mais verdadeiro, mais prático da palavra, e isto exatamente porque

sua ardente propaganda encontra eco na massa que desperta espontaneamente; porque sua energia fervilhante é restabelecida e sustentada pela energia da classe revolucionária. Plekhânov tinha mil vezes razão não apenas quando assinalou a existência dessa classe revolucionária e provou que seu despertar espontâneo para a ação era inelutável, infalível, mas, também quando designou para os "círculos operários", uma grandiosa e importante tarefa política. Quanto a vocês, invocam o movimento de massa que surgiu desde então, para rebaixar essa tarefa, para restringir o campo de ação e de energia dos "círculos operários". O que é isso senão o apego do artesão a seus métodos artesanais? Vocês se vangloriam de seu espírito prático, e não vêem o fato conhecido de cada prático russo: que maravilhas pode realizar, em matéria revolucionária, a energia não apenas de um círculo, mas mesmo de um indivíduo isolado. Acreditam vocês, por acaso, que não podem existir em nosso. movimento dirigentes como os da década de 1870? Por que? Por que estamos pouco preparados? Mas nós nos preparamos, continuaremos a nos preparar e estaremos preparados! É verdade que à superfície dessa água estagnada, que é a "luta econômica contra os patrões e o governo", infelizmente formou-se o limo; apareceram pessoas que se ajoelharam para. adorar a espontaneidade, contemplando religiosamente (segundo a expressão de Plekhânov) o "traseiro" do proletariado russo. Mas, saberemos nos livrar desse limo. Precisamente hoje, o revolucionário russo, orientado por uma teoria verdadeiramente revolucionária, apoiando-se em uma classe verdadeiramente revolucionária que desperta espontaneamente para a ação, pode enfim - enfim! - reerguer-se em toda a sua estatura e empregar toda a sua força de gigante. Para isso é preciso apenas que, entre a massa dos práticos e a massa ainda mais numerosa de pessoas que sonham com a ação prática desde os bancos da escola, toda tentativa de rebaixar nossas tarefas políticas e de restringir a envergadura de nosso trabalho de organização seja considerada com desprezo e recebida jocosamente. E fiquem tranquilos, Senhores, chegaremos lá! No artigo "Por Onde Começar?" escrevi contra o Rabótcheie Dielo: "Em 24 horas, pode-se modificar a tática da agitação sobre algum ponto especial, modificar um detalhe qualquer na atividade do Partido. Mas, para modificar, não direi em 24 horas, mas até

em 24 meses, suas concepções sobre a utilidade geral, permanente e absoluta de uma organização de combate e de uma agitação política nas massas, é preciso estar desprovido de todo princípio orientador. O Rabótcheie Dielo responde: "Essa acusação do Iskra, a única que pretende ter um caráter prático, está destituída de todo fundamento. Os leitores do Rabótcheie Dielo sabem

muito bem que desde o princípio não apenas exortamos à agitação política, sem esperar que aparecesse o Iskra "... (dizendo, então, que "não se pode colocar" aos círculos operários, "nem ao movimento operário de massa, como primeira tarefa, a derrubada do absolutismo", mas apenas a luta pelas reivindicações políticas imediatas, e que "as reivindicações políticas imediatas tornam-se acessíveis à massa após uma, ou ao menos, numerosas greves")... "mas, através de nossas publicações, também, fizemos chegar do estrangeiro aos camaradas militando na Rússia um material social-democrata de agitação política único"... (acrescentamos que com esse material único não só fizeram agitação política maior do que a feita no campo da luta econômica, mas também concluíram, enfim, que essa agitação limitada "é suscetível de ser a mais amplamente aplicada". E os Senhores não repararam que sua argumentação prova justamente a necessidade do aparecimento do Iskra - dado esse material único - e a necessidade de o Iskra lutar contra o Rabótcheie Dielo ?)... "Por outro lado, nossa atividade como editores preparou de fato a unidade tática do partido"... (a unidade de convicção de que a tática é um processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao mesmo tempo que o Partido? Unidade preciosa!)... "e, por isso mesmo, a possibilidade de "uma organização de combate", para a criação daquela União, tornou em geral tudo isso acessível a uma organização residente no estrangeiro" (R. D., nº 10, p. 15). Vã tentativa para se sair do embaraço! Jamais pensei em contestar que tenham feito tudo que lhes era acessível. Afirmei e ainda afirmo que os limites do que lhes é "acessível" encontram-se cerceados pela estreiteza de sua compreensão. É ridículo falar de "organização de combate" para lutar em favor das "reivindicações políticas imediatas", ou para "a luta econômica contra os patrões e o governo". Mas, se o leitor quiser ver as pérolas do apego "economista" aos métodos artesanais, seria preciso naturalmente dirigir-se não ao Rabótcheie Dielo, eclético e instável, mas à Rabótchaia MysI, lógica e resoluta. "Duas palavras, agora, sobre o que se denomina, propriamente, a intelectualidade revolucionária", escrevia R. M. em um "Suplemento especial", p. 13; "provaram, é verdade, e mais de uma vez, que estão prontos a "integrar a luta decisiva contra o tzarismo". Somente, o mal é que, perseguida sem tréguas pela polícia política, nossa intelectualidade revolucionária tomou a luta contra essa polícia política por uma luta política contra a autocracia. Por isso, a questão, "Onde buscar forças para a luta contra a autocracia?", ainda não encontrou resposta. Não é realmente admirável esse desprezo pela luta contra a polícia, da parte de um adorador (no sentido pejorativo da palavra) do movimento espontâneo? Está pronto a justificar nossa

imperícia na ação clandestina pelo argumento de que, em um movimento espontâneo de massa, a luta contra a polícia, em suma, não tem importância para nós!! Muito poucos subscreverão essa conclusão monstruosa, tal é o grau e a forma dolorosa em que são sentidas, por todos, as folhas de nossas organizações revolucionárias. Mas se Martynov, por exemplo, não a subscreve, é unicamente porque não sabe ir até o fim de seu pensamento, ou não tem coragem para tanto. De fato, se a massa apresenta reivindicações concretas prometendo resultados tangíveis, constitui isso uma "tarefa" que exige a preocupação particular com a criação de uma organização sólida, centralizada, combativa? A massa que não "luta de modo algum contra a polícia política" não se incumbe, ela própria, dessa "tarefa"? Mais ainda, essa tarefa seria executável se, com exceção de raros dirigentes, os operários (em sua grande maioria), que não são de forma alguma capazes de "lutar contra a polícia

política", também não se encarregassem dela? Esses operários, os elementos médios da massa, são capazes de demonstrar uma energia e uma abnegação prodigiosas em uma greve, em um combate de rua com a polícia e as tropas policiais; são capazes (e são os únicos capazes) de decidir o resultado de todo o nosso movimento; porém, justamente a luta contra a polícia política exige qualidades especiais, exige revolucionários profissionais. E devemos estar vigilantes para que a massa operária não apenas "apresente" reivindicações concretas, mas ainda "apresente" um número cada vez maior desses revolucionários profissionais. Chegamos, assim, à questão da relação entre a organização dos revolucionários profissionais e o movimento puramente operário. Essa questão, pouco desenvolvida na literatura, já ocupou bastante a nós, "políticos", em nossas conversas e discussões com os camaradas que, de uma maneira ou de outra, tendem para o "economismo". Vale a pena que nos detenhamos nessa questão. Mas, antes, terminemos com outra citação, a ilustração de nossa tese sobre a ligação dos métodos artesanais com o "economismo". "O grupo 'Liberação do Trabalho'", escrevia N.N. em sua 'Resposta', "reclama a luta direta contra o governo sem buscar saber onde está a força material para essa luta, sem indicar o caminho que ela deve seguir". E sublinhando essas últimas palavras, o autor faz a seguinte observação a respeito da palavra "caminho": "Este fato não poderia ser explicado pelas necessidades da ação clandestina; de fato, no programa não se trata de uma conspiração, mas de um movimento de massa. Ora, a massa não pode seguir caminhos secretos. É possível uma greve secreta? São possíveis uma manifestação ou uma petição secretas?" (Vademecum, p. 59). O autor aborda de perto essa "força material"

(organizadores de greves e de manifestações) e os "caminhos" luta, mas encontra-se confuso e perplexo, pois "inclina-se diante do movimento de massa, isto é, considera-o um fator que nos libera da atividade revolucionária que nos pertence, e não um fator destinado a encorajar e a estimular nossa atividade revolucionária. Uma greve secreta é impossível, tanto para seus participantes como para aqueles a quem afeta diretamente. Mas, para a massa dos operários russos, essa greve pode permanecer (e na maior parte dos casos permanece) "secreta", pois o governo tomará o cuidado de cortar todas, as comunicações com os grevistas, tomará o cuidado de tornar impossível todas as informações sobre a greve. É então que se torna necessária uma "luta contra a polícia política", luta especial que jamais poderá ser conduzida ativamente por uma massa tão grande como a que participa da greve. Essa luta deve ser organizada "segundo todas as regras da arte" por profissionais da ação revolucionária. E o fato de a massa estar espontaneamente integrada ao movimento não torna menos necessária a organização dessa luta. Ao contrário, torna ainda mais necessária; pois nós, socialistas, faltaríamos a nosso primeiro dever para com a massa, se não soubéssemos impedir a polícia de tornar secreta (e se, por vezes, não nos preparássemos secretamente, nós mesmos) uma greve ou uma manifestação qualquer. Estamos em condição de fazê-lo, precisamente porque a massa, que desperta espontaneamente para a ação, fará surgir igualmente de seu seio um número cada vez maior de "revolucionários de profissão" (isso se não induzirmos todos os operários, de todas as maneiras, a permanecer no mesmo lugar).

c) A Organização dos Operários e a Organização dos Revolucionários.

Se para o social-democrata a ideia de "luta econômica contra os patrões e o governo" identifica-se à de luta política, é natural que a ideia de "organização de operários" identifique-se, entre eles, mais ou menos à ideia de "organização de revolucionários". E,

na realidade, é o que acontece, de modo que falando de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. Lembro-me, por exemplo, de uma conversa que tive um dia com um "economista" bastante consequente, e que ainda não conhecia. A conversa girou em torno do folheto "Quem Fará a Revolução Política?" Concluímos, rapidamente, que seu principal defeito era não considerar os problemas de organização. Pensávamos já estar de acordo, mas... prosseguindo a conversa, percebemos que falávamos de coisas diferentes. Meu interlocutor, acusava o autor de não levar em consideração as caixas de auxílio às greves, as sociedades de socorro mútuo etc.; quanto a mim, falava da organização de revolucionários indispensável para "fazer" a revolução, política. E desde que ocorreu essa divergência, não me lembro mais de, ter estado de acordo sobre qualquer questão de princípio com, esse "economista"! Mas, qual era, pois, a causa de nossas divergências? Justamente o fato de os "economistas" desviarem-se constantemente do "social-democratismo" para o sindicalismo, tanto nas tarefas de organização como nas tarefas políticas. A luta política da social-democracia é muito maior e muito mais complexa que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência) a organização de um partido social-democrata revolucionário deve necessariamente constituir um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, profissional; em segundo lugar, a maior possível; em terceiro lugar, a menos clandestina possível (aqui e mais adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente, homens cuja profissão é a ação revolucionária (por isso, quando falo de uma organização de revolucionários, refiro-me aos revolucionários sociais-democratas). Diante dessa característica comum aos membros de tal organização, deve desaparecer por completo toda distinção entre operários e intelectuais e ainda com maiores razões, entre as diversas profissões de uns e de outros. Necessariamente essa organização não deve ser muito extensa, e é, preciso que seja o mais clandestina possível. Vamos deter-nos sobre esses três pontos determinados. Nos países onde há liberdade política, a diferença entre a organização sindical e a organização política é perfeitamente clara, como também a diferença entre os sindicatos e a

social-democracia. Certamente, as relações da social-democracia com os sindicatos variam, inevitavelmente, de país a país segundo as condições históricas, jurídicas e outras; posem ser mais ou menos estreitas, complexas etc. (devem ser, em nossa opinião, as mais estreitas e as menos complexas possíveis); mas, nos países livres, não seria o caso de se identificar a organização sindical com a do partido social-democrata. Na Rússia, o jugo da autocracia apaga, à primeira vista, toda distinção entre a organização social-democrata e a associação operária, pois todas as associações operárias e todos os círculos estão proibidos, e a greve, manifestação e arma principais da luta econômica dos operários, é considerada um crime de direito comum (às vezes até um delito político). Assim, pois, a situação entre nós, de um lado, "incita" forçosamente os operários que conduzem a luta econômica a se ocuparem de questões políticas e, de outro, "incita os sociais-democratas a confundirem o sindicalismo e o "social-democratismo" (e nossos Kritchévski, Martynov e Cia., que não param de falar sobre a "incitação" do primeiro gênero, não observam a "incitação" do segundo gênero). De fato, consideremos as pessoas absorvidas: noventa e nove por cento pela luta econômica contra os patrões e o governo. Uns, durante todo o período de sua atividade (de 4 a 6 meses), jamais serão levados a pensar na necessidade de uma organização mais complexa de revolucionários; outros, ao que parece, serão "levados" a ler a obra bernisteiniana, relativamente difundida, e daí extrairão a convicção de que é a "marcha progressiva da obscura luta quotidiana" que apresenta uma importância fundamental.

Outros, enfim, talvez serão seduzidos pela ideia de dar ao mundo um novo exemplo de "estreita ligação orgânica com a luta proletária", de ligação entre o movimento sindical e o movimento social-democrata. Essas pessoas raciocinarão assim: quanto mais tarde um país entrar na arena do capitalismo, e portanto na- do movimento operário, mais os socialistas poderão participar do movimento sindical e apoiá-lo, e haverá menos condições para a existência de sindicatos não sociais democratas. Até aqui, esse raciocínio é perfeitamente justo, mas o mal é que vão mais longe e sonham com a fusão completa do "social-democratismo" e do sindicalismo. Vamos ver, em seguida, através do exemplo dos "Estatutos da União de Luta de São Petersburgo", a influência nociva que esses sonhos exercem sobre nossos p1anos de organização. As organizações operárias para a luta econômica devem ser organizações profissionais. Todo operário social-democrata deve, sempre que possível, apoiar essas organizações e aí trabalhar ativamente. Bem, mas não constitui nosso interesse exigir que só os sociais-democratas possam ser membros das uniões

"corporativistas": isso restringiria nossa influência sobre a massa. Deixemos participar na união corporativa todo operário que compreenda a necessidade de se unir para lutar contra os patrões e o governo. O próprio objetivo das uniões corporativas não seria atingido, se não agrupassem todos aqueles capazes de compreender mesmo essa noção elementar, e se essas uniões corporativas não fossem organizações muito amplas. E quanto maiores essas organizações, também maior será nossa influência sobre elas, influência exercida não apenas através do desenvolvimento "espontâneo" da luta econômica, mas, também, pela ação consciente e direta dos membros socialistas da união sobre seus camaradas. Mas, em uma organização ampla, uma ação estritamente de conspiração é impossível (pois exige mais preparação do que a necessária para participar da luta econômica. Como conciliar essa contradição, entre a necessidade de uma organização ampla e de uma ação estritamente de conspiração? Como fazer para que as organizações corporativas sejam o menos possível de conspiração? De modo geral, há apenas dois meios: ou a legalização das associações corporativas (que em certos países precedeu a legalização das associações socialistas e políticas), ou a manutenção da organização secreta, mais "livre", pouco regulamentada, lose, como dizem os alemães, a tal ponto que, para a massa dos associados, o regime conspirativo fica reduzido quase a zero. A legalização das associações operárias não socialistas e não políticas já começou na Rússia, e não há dúvida de que cada passo de nosso movimento operário social-democrata, em rápida progressão, multiplicará e encorajará as tentativas dessa legalização, tentativas que vêm sobretudo dos partidários do regime estabelecido, mas, também, dos operários e dos intelectuais liberais. A bandeira da legalização já foi hasteada pelos Vassiliev e os Zubatov; os Ozerov e os Worms já prometeram e deram sua cooperação, e entre os operários já se encontram adeptos da nova tendência. E nós não podemos deixar de considerar essa tendência. E como considerá-la? Quanto a isso, não poderia existir mais do que uma opinião entre os sociais-democratas. Devemos denunciar constantemente toda participação dos Zubatov, dos Vassilicv, dos policiais, e dos popes nessa tendência, e esclarecer os operários sobre as verdadeiras intenções desses participantes. Devemos denunciar também todas as notas conciliadoras e "harmônicas" que se manifestam nos discursos dos liberais nas assembleias públicas dos operários, quer sejam moduladas por pessoas sinceramente convencidas de que a colaboração pacífica das classes é desejável, quer tenham o desejo de serem bem vistas pelas autoridades ou, enfim, quer sejam essas pessoas simplesmente inábeis. Devemos, enfim, colocar os operários em guarda contra as armadilhas

frequentemente preparadas pela polícia que, nessas assembleias públicas e nas sociedades autorizadas, busca marcar os "homens imbuídos do fogo sagrado" e aproveitar-se das organizações legais para introduzir provocadores também nas

organizações ilegais. Mas, fazer isto não significa esquecer que a legislação do movimento operário, afinal de contas, não beneficiará os Zubatov, mas a nós mesmos. Ao contrário, justamente pela nossa campanha de denúncias separamos o joio do trigo. Já mostramos qual é o joio. 0 trigo é atrair a atenção das camadas operárias maiores e mais atrasadas para as questões políticas e sociais: é libertar a nós, revolucionários, de funções que, no fundo, são legais (difusão de obras legais, socorro mútuo etc.) e que, desenvolvendo-se, dar-nos-ão infalivelmente material cada vez mais abundante para a agitação. Nesse sentido podemos e devemos dizer aos Zubatov e aos Ozerov: Trabalhem, Senhores, trabalhem! Enquanto os senhores preparam armadilhas para os operários, pela provocação direta ou pelo "struvismo" (meio "honesto" de corromper os operários), nós nos encarregamos de desmascará-los. Enquanto os senhores dão realmente um passo à frente - mesmo que seja sob a forma de um "tímido ziguezague" - mas um passo à frente, apesar de tudo, nós lhe diremos: Isso mesmo! E todo o alargamento do campo de ação dos operários, mesmo minúsculo, constitui um verdadeiro passo à frente. E todo alargamento desse gênero só pode beneficiar-nos: apressará o aparecimento de associações legais, onde não serão os provocadores que pescarão os socialistas, mas os socialistas que pescarão adeptos. Em uma palavra, o que é preciso, agora, é combater o joio. Não nos cumpre cultivar o trigo em vasos. Arrancando o joio, limpamos o terreno a fim de permitir que o trigo germine. E enquanto os Afanassi Ivanovitch e as Pulquéria Ivanovna ocupar-se da cultura doméstica do trigo, devemos preparar segadores que saibam, hoje, arrancar o joio, e amanhã ceifar o trigo (3). Assim, nós não podemos, por intermédio da legalização, resolver o problema da criação de uma organização profissional menos clandestina e a maior possível (mas ficaríamos muito felizes se os Zubatov e os Ozerov nos oferecessem a possibilidade, mesmo parcial, de assim resolver o problema, pois devemos lutar contra eles com o máximo de energia!). Resta o caminho das organizações profissionais secretas, e devemos, por todos os meios, ajudar os operários que já seguem por esse caminho (sabemos isso de fonte segura). As organizações profissionais podem não somente ser de imensa utilidade para o desenvolvimento e o fortalecimento da luta econômica, mas, ainda, tornar-se um precioso auxiliar da agitação política e da organização revolucionária. Para chegar a esse resultado, para orientar o movimento profissional nascente no

caminho desejado pela social-democracia, é preciso antes de tudo compreender bem o absurdo do plano de organização do qual se prevalecem, já há cinco anos, os "economistas- de Petersburgo. Esse plano também está exposto nos Estatutos da Caixa Operária, de julho de 1897 (Listok "Rab. ", n.º 9-10, p. 46, no n.º 1 da Rabótchaia Mys1) e nos Estatutos da Organização Operária Profissional, de outubro de 1900 (folha especial, impressa em São Petersburgo e mencionada no n.º 1 do Iskra). Esses estatutos têm um defeito essencial: expõem todos os detalhes de uma grande organização operária, que confundem com a organização de revolucionários. Tomemos os segundos estatutos, melhor elaborados. Apresentam cinqüenta e dois parágrafos: 23 parágrafos expõem a estrutura, o modo de gestão e as funções dos "círculos operários" que serão organizados em cada fábrica ("não mais de 10 pessoas") e elegerão os "grupos centrais (de fábrica)". O parágrafo 2 especifica: "O grupo central observa tudo o que se passa na fábrica ou na usina, e se encarrega da crônica dos acontecimentos". "O grupo central presta contas do estado da caixa, mensalmente, a todos os contribuintes(parágrafo 17) etc.; dez parágrafos são dedicados à "organização de bairro?', e dezenove à intrincadíssima relação do "Comitê da Organização Operária" e do "Comitê da União de Luta de São Petersburgo (delegados de cada bairro e dos "grupos executivos" - "grupos de propagandistas para as relações com a província, para as relações com o exterior, para a administração dos depósitos, das edições, da caixa").

A social-democracia incorporada aos "grupos executivos", no que diz respeito à luta econômica dos operários! Seria difícil demonstrar de forma mais relevante como o pensamento do "economista" desvia-se do "social-democratismo" em direção ao sindicalismo, e como se preocupa pouco como fato de o social-democrata dever, antes de tudo, pensar em organizar revolucionários capazes de dirigir toda a luta emancipadora do proletariado. Falar da "emancipação política da classe operária", da luta contra a "arbitrariedade tzarista" e redigir semelhantes estatutos, significa nada compreender, mas absolutamente nada, das verdadeiras tarefas políticas da social-democracia. Nenhum dos cinqüenta parágrafos revela o menor traço de compreensão da necessidade de se fazer entre as massas uma grande agitação política, esclarecendo todos os aspectos do absolutismo russo, toda a fisionomia das diferentes classes sociais na Rússia. Além disso, com tais estatutos, não só os fins políticos mas mesmo os fins sindicais do movimento não poderiam ser atingidos, visto exigirem urna organização por profissões, da qual os estatutos nada dizem. Mas o mais característico é talvez o surpreendente peso de todo esse

"sistema", que procura ligar cada fábrica ao "comitê" por intermédio de regulamentos uniformes e minuciosos até ao ridículo, com um sistema eleitoral em três níveis. Comprimidos no estreito horizonte do "economicismo", o pensamento perde-se em detalhes que exalam um forte odor de papelada e burocracia. Na realidade, três quartos d esses parágrafos nunca serão aplicados; por outro lado, semelhante organização "clandestina", com um grupo central em cada fábrica, facilita aos policiais as prisões em massa. Os camaradas poloneses já passaram por essa fase do movimento; houve um período em que todos desejavam fundar caixas operárias por toda a parte: mas logo renunciaram a essa ideia, quando se convenceram que simplesmente favoreciam os policiais. Se queremos amplas organizações operárias e não amplas ações policiais, se não queremos fazer o jogo dos policiais, devemos agir de forma que essas não sejam de modo algum regulamentadas. Mas 'poderão elas, então, funcionar? Consideremos um pouco essas funções: "Observar tudo o que se passa na fábrica e fazer a crônica dos acontecimentos" (§ 2 dos estatutos). Será preciso, na verdade, regulamentar essa função? Seu objetivo não será melhor atingido através das crônicas na imprensa ilegal, sem que grupos de qualquer espécie sejam especialmente constituídos para esse fim? "... Dirigira lutados operários para melhorar sua condição na fábrica" (§ 3). Mais urna vez, é inútil regulamentar. Urna simples conversa basta para um agitador (mesmo pouco inteligente) saber exatamente quais são as reivindicações que os operários desejam formular; depois, conhecendo-as, saberá transmiti-las a uma organização restrita - e não ampla - de revolucionários, que editará um panfleto apropriado. "... Organizar uma caixa ... com a contribuição de 2 copegues por rublo" (§ 9) e prestar contas do estado da caixa, mensalmente, a todos os contribuintes (§ 17); excluir os membros que não paguem sua contribuição (§ 10) etc. Para a polícia, isto é um verdadeiro paraíso, pois nada é mais fácil do que denunciar esse trabalho de conspiração da "caixa central da fábrica", de confiscar o dinheiro e encarcerar toda a "elite". Não seria mais simples emitir selos de um ou dois copegues de uma certa organização (muito restrita e muito secreta), ou ainda, sem qualquer símbolo, fazer coletas, cujos resultados seriam dados por um jornal ilegal, em uma linguagem combinada? Dessa forma, os mesmos objetivos seriam atingidos, e a polícia teria de trabalhar cem vezes mais para descobrir a trama da organização. Poderia continuar esta análise-tipo dos estatutos, mas creio já ter dito o bastante. Um pequeno núcleo compacto, composto de operários mais seguros, mais experimentados e mais fortalecidos, um núcleo tendo homens de confiança nos principais bairros, e ligado de acordo

com as regras da mais estrita ação clandestina à organização dos revolucionários, poderá perfeitamente, com maior colaboração da massa e sem qualquer

regulamentação, encarregar-se de todas as funções que competem a uma organização profissional e, além disso, realizá-las exatamente segundo as aspirações da social-democracia Somente assim poderemos consolidar e desenvolver, apesar de toda a polícia, o movimento profissional social-democrata. Poderiam objetar que uma organização lose ao ponto de não ter qualquer regulamento, nem membros declarados e registrados, não poderia ser qualificada de organização. Talvez: não me importo com o nome. Mas, essa "organização sem membros" fará tudo o que é necessário, assegurará desde o princípio uma ligação sólida entre nossos futuros sindicatos e o socialismo. E aqueles que, sob o absolutismo, desejam uma grande organização de operários com eleições, contas prestadas, sufrágio universal etc., são todos utopistas incuráveis e de boa fé. A moral a extrair disso é simples: se começamos por estabelecer urna organização de revolucionários, forte e sólida, poderemos assegurar a estabilidade do movimento em seu conjunto, atingir simultaneamente os objetivos sociais-democratas e os objetivos propriamente sindicais. Mas, se começamos por constituir uma organização operária ampla, pretensamente a mais "acessível" à massa (na realidade, a mais acessível aos policiais e que tornará os revolucionários mais acessíveis à polícia), não atingiremos nenhum desses objetivos. Não nos livraremos de nossos métodos artesanais e, pela nossa fragmentação, pelos nossos fracassos contínuos, apenas tornaremos mais acessíveis à massa os sindicatos do tipo Zubatov ou Ozerov. Quais devem ser, propriamente, as funções dessa organização de revolucionários? Falaremos disso em detalhe. Mas examinaremos primeiro um outro raciocínio bem típico de nosso terrorista que, mais uma vez (triste destino o seu!), encontra-se próximo ao "economismo". A Svoboda (nº1), revista para os operários, contém um artigo intitulado "A Organização", cujo autor busca defender seus amigos, os "economistas" operários de Ivanovo-Voznessensk. "É deplorável, diz ele, "quando uma multidão é silenciosa, inconsciente, quando um movimento não vem de baixo. Observem o que acontece em uma cidade universitária, quando os estudantes, na época de festas ou durante o verão, voltam para suas casas; o movimento operário paralisa-se. Um movimento operário estimulado a partir do exterior pode constituir uma força verdadeira? Não, certamente... Ainda não aprendeu a marchar por si, deve ser amparado. Isso ocorre em todo lugar: os estudantes partem, e o movimento cessa; os elementos mais capazes, a nata, são aprisionados, e o leite azeda; prende-se o 'Comitê', e enquanto um novo 'Comitê'

não for formado, sobrevem a calmaria; e não se sabe ainda o que será o novo 'Comitê'; talvez não se assemelhe ao antigo: este dizia uma coisa, aquele dirá o contrário. Rompeu-se o laço entre ontem e hoje, a experiência do passado não beneficia o futuro. E tudo isso porque o movimento não tem raízes profundas na multidão; porque o trabalho é feito não por uma centena de imbecis, mas por unia dezena de cabeças dotadas de inteligência. Uma dezena de homens cai facilmente na boca do lobo; mas, quando a organização engloba a multidão, quando tudo vem da multidão, é impossível destruir o movimento?" (p. 63). Os fatos estão fielmente relatados. Eis aí um bom quadro de nosso trabalho artesanal. Mas, as conclusões, p51a sua falta de lógica e tato político, são dignas da Rabótchaia Mys1 E o cúmulo da falta de lógica, pois o autor confunde a questão filosófica, histórica e social das "raízes profundas" do movimento com o problema de organização técnica de uma luta mais eficaz contra os policiais. É o cúmulo da falta de tato político, pois, em lugar de submeter os maus dirigentes aos bons dirigentes, o autor submete os dirigentes em geral à "multidão". É ainda uma forma de nos fazer retroceder no que diz respeito à organização, do mesmo modo que a ideia de substituir a agitação política pelo "terror excitativo" nos faz retroceder politicamente. Na verdade, encontro-mo diante de um embarras de richesses; não sei por onde começar a análise do imbróglio oferecido pela Svoboda. Para maior clareza, tentarei começar por um exemplo: tomemos os alemães.

Espero que não neguem que, entre eles, a organização abrange a multidão, que tudo vem da multidão, que o movimento operário, na Alemanha, aprendeu a marchar sozinho. E contudo, como essa multidão de milhões de homens sabe apreciar a "dezena" de seus experimentados chefes políticos, e como os apoiam! Mais de uma vez, no Parlamento, os deputados dos partidos adversários atormentaram os socialistas dizendo: "Que belos democratas são vocês! O movimento da classe operária; para vocês, existe apenas em palavras: na realidade, é sempre o mesmo grupo de chefes que faz tudo. Durante anos, durante dezenas de anos, é sempre o mesmo Bebel, o mesmo Liebknecht! Mas seus delegados, pretensamente eleitos pelos operários, são mais permanentes que os funcionários nomeados pelo imperador!" Mas os alemães acolhem com um sorriso de desprezo essas tentativas demagógicas de opor a "multidão" aos "dirigentes", de acender nela os maus instintos, instintos de vaidade, e de privar o movimento de sua solidez e estabilidade, arruinando a confiança da massa nessa "dezena de cabeças dotadas de inteligência". Os alemães são bastante desenvolvidos politicamente, têm suficiente experiência política para

compreender que, sem uma "dezena" de chefes capazes (os espíritos capazes não surgem às centenas), experimentados, profissionalmente preparados e instruídos por um longo aprendizado, perfeitamente de acordo entre si, nenhuma classe da sociedade moderna pode conduzir resolutamente a luta. Os alemães também tiveram seus demagogos, que adulavam as "centenas de imbecis- colocando-os acima das "dezenas de cabeças dotadas de inteligência"; que adulavam o "punho musculoso" da massa, empurravam (como Most ou Hasselmann) essa massa a atos "revolucionários" irrefletidos, e semeavam a desconfiança em relação aos chefes firmes e resolutos. E foi apenas graças a uma luta obstinada, implacável, contra os elementos demagógicos de toda espécie e de toda ordem no seio do socialismo, que o socialismo alemão cresceu tanto e fortaleceu-se. Ora, nesse período onde toda a crise da social-democracia russa explica-se pelo fato de as massas espontaneamente despertadas não terem dirigentes suficientemente preparados, desenvolvidos e experimentados, nossos sabichões vêm nos dizer sentenciosamente, com a profundidade de pensamento de um Gribouille"É deplorável quando um movimento não vem de baixo!" "Um comitê de estudantes não nos convém, porque é instável." Perfeitamente correto. Mas a conclusão a extrair é que é necessário um comitê de revolucionários profissionais, operários ou estudantes, pouco importa, que saibam proceder à sua educação de revolucionários profissionais. Enquanto que a conclusão que os senhores tiram, é que não é necessário estimular o movimento operário a partir do exterior! Em sua ingenuidade política, nem mesmo notam que assim fazem o jogo de nossos "economistas" e utilizam nossos métodos artesanais. Permitam-me colocar uma questão: como nossos estudantes "estimularam" nossos operários? Unicamente levando-lhes o pouco conhecimento político que eles próprios tinham, os fragmentos de ideias socialistas que puderam recolher (pois o principal alimento espiritual do estudante contemporâneo, o marxismo legal, não lhe pode oferecer senão o á-bê-cê e os fragmentos). Esse estímulo de fora não foi oferecido em abundância, ao contrário, em nosso movimento esse estímulo foi escandalosa e vergonhosamente insignificante; pois, até aqui, não fizemos mais do que "cozinharmo-nos mais do que o necessário em nosso próprio molho", inclinando-se servilmente diante da "elementar luta econômica dos operários contra os patrões e o governo". Nós, revolucionários de profissão, devemos ocupar-nos cem vezes mais desse "estímulo", e o faremos. Mas, justamente porque os senhores, empregam essa odiosa expressão, "estímulo a partir do exterior", que inevitavelmente inspira o operário (pelo menos o operário tão pouco desenvolvido como os senhores) a desconfiar de todos

aqueles que lhe trazem de fora os conhecimentos políticos e a experiência revolucionária, e suscita nele o desejo instintivo de mandar passear todas as pessoas (4)

desse tipo - os senhores mostram-se como demagogos; ora, os demagogos são os piores inimigos da classe operaria. Perfeitamente! E não se apressem a gritar contra os procedimentos "inadmissíveis entre camaradas" de minha discussão! Nem penso em suspeitar da pureza de suas intenções; já disse que é possível tornar-se demagogo unicamente através da ingenuidade política. Mas mostrei que os senhores se deixaram levar até à demagogia. E jamais deixarei de repetir que os demagogos são os piores inimigos da classe operária. Os piores, precisamente, porque acendem os maus instintos da multidão, e é impossível para os operários pouco desenvolvidos reconhecer esse inimigos que se apresentam, e às vezes sinceramente, como seus amigos. Os piores porque, nesse período de dispersão e de hesitação, quando nosso movimento ainda se busca, nada mais fácil do que arrastar demagogicamente a multidão, que só as provações mais amargas poderão, depois, convencer de seu erro. Eis por que a palavra de ordem do momento para os sociais-democratas russos deve ser a luta resoluta contra a Svoboda, que se deixa levar à demagogia, e contra o Rabótcheie Dielo, que também assim procede (ainda voltaremos a isso). "É mais fácil caçar uma dezena de cabeças dotadas de inteligência do que uma centena de imbecis." Essa grande verdade (que sempre receberá o aplauso da centena de imbecis) parece evidente apenas porque, no curso de seu raciocínio, os senhores pularam de uma questão a outra. Começaram e continuam a falar da captura do "Comitê", da "organização", e agora passam a uma outra questão, à capturadas "raízes"' do movimento "em profundidade". Certamente, nosso movimento é apreensível, porque tem centenas de milhares de profundas raízes, mas não é essa a questão, de modo algum. Mesmo agora, apesar de todos os nosso métodos artesanais, e impossível "apreendermos", ou a nossas "profundas raízes; e todavia, todos deploramos, e não podemos deixar de deplorar, a captura das "organizações", o que impede toda continuidade no movimento. Ora, se os senhores colocam a questão da captura das organizações, e se prendem a essa questão, dir-lhes-ei que é muito mais difícil apreender uma dezena de cabeças dotadas de inteligência do que uma centena de imbecis. E sustentarei esta tese, não importa o que façam para excitar a multidão contra meu "anti-democratismo" etc. É preciso entender por "cabeças inteligentes", em matéria de organização, como já mencionei em várias ocasiões, unicamente os revolucionários profissionais, estudantes ou operários de origem, pouco importa.

Ora, eu afirmo: 1º) que não seria possível haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade do trabalho; 2º) que quanto maior a massa espontaneamente integrada à luta, formando a base do movimento e dele participando, mais imperiosa é a necessidade de se ter tal organização, e mais sólida deve ser essa organização (senão será mais fácil para os demagogos arrastar as camadas incultas da massa); 3º) que tal organização deve ser composta principalmente de homens tendo por profissão a atividade revolucionária; 4º) que, em um país autocrático, quanto mais restringirmos o contingente dessa organização, ao ponto de aí não serem aceitos senão os revolucionários de profissão que fizeram o aprendizado na arte de enfrentar a polícia política, mais difícil será "capturar" tal organização e 5º) mais numerosos serão os operários e os elementos das outras classes sociais, que poderão participar do movimento e nele militar de forma ativa. Convido nossos "economistas", nossos terroristas, e nossos "economistas terroristas(5) (6)" a refutar essas teses, das quais, neste momento, desenvolverei apenas as duas últimas. A questão de saber se é mais fácil capturar uma "dezena de cabeças dotadas de inteligência" ou uma "centena de imbecis" reconduz à questão que analisei mais acima: é possível uma organização de massa no quadro de um regime estritamente clandestino? Jamais poderemos dar a uma grande organização caráter clandestino, sem o qual não seria possível falar de uma luta firme contra o governo, cuja continuidade fosse

assegurada. A concentração de todas as funções clandestinas entre as mãos do menor número possível de revolucionários profissionais não significa absolutamente que esses "pensarão por todos", que a multidão não tomará parte ativa no movimento. Ao contrário, a multidão fará surgir esses revolucionários profissionais em número sempre maior, pois saberá, então, que não basta alguns estudantes e alguns operários, que conduzem a luta econômica, reunirem-se para constituir um "comitê", mas é necessário, durante anos, que procedam à sua educação de revolucionário profissional; e a multidão não "pensará" unicamente no trabalho artesanal, mas exatamente nessa educação. A centralização. das funções clandestinas da organização não significa absolutamente a centralização de todas as funções do movimento. Longe de diminuir, a colaboração ativa de maior quantidade de literatura ilegal multiplicar-se-á dez vezes, quando uma "dezena" de revolucionários profissionais centralizarem em suas mãos a edição clandestina dessa literatura. Então, e somente então, conseguiremos que a leitura das publicações ilegais, a colaboração nessas publicações e mesmo, até certo ponto, a sua difusão deixem (quase) de ser clandestinas: a polícia logo terá

compreendido o absurdo e a impossibilidade de perseguição judicial e administrativa a propósito de cada exemplar de publicações distribuídas aos milhares. E isto é verdade, não somente para a imprensa, mas também para todas as funções do movimento, inclusive as manifestações. A participação mais ativa e maior da massa em uma manifestação, longe de sofrer com isso, ganhará mais se uma "dezena" de revolucionários experimentados, e pelo menos tão bem preparados profissionalmente como nossa polícia, centralizar todos os aspectos clandestinos: elaboração de panfletos, de um plano aproximado, nomeação de um grupo de dirigentes para cada bairro da cidade, cada grupo de fábricas, cada estabelecimento de ensino etc. (Sei que poderão objetar que meus pontos de vista "nada têm de democrático", mas responderei a tal objeção, mais adiante, e em detalhe, que nada é menos inteligente). A centralização das funções mais clandestinas pela organização dos revolucionários, longe de enfraquecer, enriquecerá e estenderá a ação de uma multidão de outras organizações que se dirigem ao grande público e que, por seu razão, também são tão pouco regulamentadas e clandestinas quanto possível: associações profissionais de operários, círculos operários de instrução e de leitura de publicações ilegais, círculos socialistas e também círculos democráticos para todas as outras camadas da população etc. etc. Esses círculos, associações profissionais de operários e organizações são necessários em toda a parte; é preciso que sejam mais numerosos e que suas funções sejam as mais variadas; mas é absurdo e prejudicial confundi-las com a organização de revolucionários, apagar a linha de demarcação que existe entre elas, extinguir na massa o sentimento já incrivelmente adormecido de que, para "servir" um movimento de massa, é preciso ter homens que se dediquem especial e integralmente à atividade social-democrata, e que, paciente e obstinadamente, procedam à sua educação de revolucionários profissionais. Sim, esse sentimento está incrivelmente adormecido. Através de nossos métodos artesanais, comprometemos o prestígio dos revolucionários na Rússia; é o nosso pecado capital em matéria de organização. Um revolucionário sem energia, hesitante nos problemas teóricos, com horizontes limitados, justificando sua inércia pela espontaneidade do movimento de massa; mais semelhante a um secretário de sindicato que a um tribuno popular, incapaz de apresentar um plano amplo e corajoso, que imponha o respeito de seus próprios adversários, um revolucionário sem experiência e pouco hábil em sua arte profissional - a luta contra a polícia política - será um revolucionário? Não, não passa de um artesão digno de piedade. Que nenhum prático se ofenda com esse epíteto severo, pois, no que diz respeito à falta de

preparação, aplico esse epíteto a mim mesmo, antes de todos. Trabalhei em um círculo que se atribuía tarefas muito amplas e múltiplas; todos nós, membros desse círculo,

sofremos muito ao percebermos que éramos apenas os artesãos naquele momento histórico em que se poderia dizer, parafraseando a célebre máxima: Dêem-nos uma organização de revolucionários e revolucionaremos a Rússia! E quanto mais me recordo desse agudo sentimento de vergonha que então experimentei, mais sinto aumentar em mim a amargura contra esses pseudo-sociais-democratas, cuja propaganda "desonra o título de revolucionário", e que não compreendem que nossa tarefa não é defender o rebaixamento do revolucionário ao nível de artesãos, mas de elevar os artesãos ao nível dos revolucionários.

d) Envergadura do Trabalho de Organização.

Como já vimos, B-v fala da "escassez de forças revolucionárias aptas para a ação, que se faz sentir não apenas em Petersburgo, mas em toda a Rússia". Não creio que se encontre alguém para contestar esse fato. Trata-se, porém, de saber como explicá-lo. B-v escreve: "Não vamos aprofundar-nos nas razões históricas desse fenômeno; diremos somente que, desmoralizada por uma prolongada reação política e dividida pelas mudanças econômicas que se processaram e ainda se processam, a sociedade fornece apenas uni número infinitamente restrito de pessoas aptas ao trabalho revolucionário; a classe operária, fornecendo os revolucionários-operários, completa em parte as fileiras das organizações ilegais, porém, o número desses revolucionários não corresponde às necessidades da época. Tanto mais que o operário, pela sua própria situação, pois está ocupado onze horas e meia por dia na fábrica, pode apenas preencher funda mentalmente as funções de agitador, enquanto a propaganda e a organização, e reprodução e a distribuição da literatura ilegal, a publicação de proclamações etc., constituem forçosamente, em sua grande maioria, as funções de um número ínfimo de intelectuais" (Rabótcheie Dielo, nº6, p. 38-39). Não estamos de acordo com essa opinião de B-v em relação a vários pontos, e grifamos especialmente os que mostram de forma relevante que, tendo sofrido muito por causa de nosso trabalho artesanal (como todo militante que pensa um pouco), B-v, subjugado pelo "economismo", não consegue encontrar um meio de sair dessa situação intolerável. Não, a sociedade fornece um número muito grande de homens aptos ao "trabalho", mas não sabemos utilizá-los a todos. O estado crítico, o estado transitório de nosso movimento nesse aspecto pode ser assim formulado: Há falta de homens embora os homens existam em grande quantidade. Os homens existem em grande quantidade porque a classe operária e camadas cada vez mais variadas da sociedade fornecem, a cada ano, um número sempre maior de descontentes, desejosos de protestar, prontos a cooperar de acordo com suas forças na luta contra o absolutismo, cujo caráter intolerável ainda não foi reconhecido por todo o mundo, mas é cada vez mais vivamente sentido por uma massa cada vez maior. E, ao mesmo tempo, há falta de homens, porque não há dirigentes, chefes políticos, organizadores capacitados para realizar um trabalho simultaneamente amplo, coordenado e harmonioso, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes. "O crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias" retardam não apenas o crescimento do movimento operário - como o reconhece o próprio B-v -, mas também o crescimento do conjunto do movimento democrático em todas as camadas do povo. (Aliás, é provável que

hoje B-v subscrevesse tal complemento de sua conclusão). O quadro do trabalho revolucionário é demasiado restrito em relação à grande base espontânea do movimento, e está demasiado comprimido pela precária teoria da "luta econômica contra os patrões e o governo". Ora,

hoje, não são apenas os agitadores políticos, mas também os sociais-democratas organizadores que devem "ir a todas as classes da população" (7). Os sociais-democratas poderão perfeitamente repartir as inúmeras funções fragmentárias de seu trabalho de organização entre os representantes das mais diversas classes: nenhum militante, creio eu, duvidará disso. A falta de especialização, que B-v lamenta amargamente e com tanta razão, constitui um dos maiores defeitos de nossos procedimentos técnicos. Quanto menores forem as diferentes "operações" da ação comum, tanto maior será o número de pessoas capazes de executá-las que poderão ser encontradas (e, na maior parte dos casos,- completamente incapazes de se tornarem revolucionários profissionais); quanto mais difícil for para a polícia "marcar" todos esses "militantes especializa dos", mais difícil será montar, com o delito insignificante de um indivíduo, um "caso" de importância que justifique as verbas despendidas pelo Estado com a "segurança". Quanto ao número de pessoas, prontas a nos fornecer sua cooperação, já observamos, no capítulo precedente, a grande mudança que se processou a esse respeito, somente nos últimos cinco anos. Mas, por outro lado, para agrupar todas essas mínimas frações em um todo e para não fragmentar o próprio movimento juntamente com as funções, para inspirar o executante das pequenas funções a fé na necessidade e na importância de seu trabalho, sem a qual jamais realizará nada (8), para tudo isto é preciso ter um forte organização de revolucionários experimentados. Com tal organização, a fé na força do partido será fortalecida e expandir-se-á de forma cada vez mais intensa quanto mais essa organização for clandestina; ora, na guerra, todos nós sabemos que o que importa acima de tudo não é apenas inspirar ao exército a confiança em suas próprias forças, mas também impô-la ao inimigo e a todos os elementos neutros; por vezes uma neutralidade benevolente pode decidir a vitória. Com tal organização fundamentada em base teórica bastante firme e dispondo de um órgão social-democrata, nada haverá a recear quanto ao fato de o movimento poder ser desviado pelos numerosos elementos de "fora", que a ele tenham aderido (ao contrário, é exatamente agora com o trabalho artesanal que predomina entre nós, que vemos inúmeros sociais-democratas empurrarem o movimento em direção ao Credo, pretendendo serem os únicos sociais-democratas). Em uma palavra, a especialização implica necessariamente a

centralização, exigindo-a de forma absoluta. Mas o próprio B-v, que tão bem demonstrou toda a necessidade da especialização, não avalia suficientemente o seu valor, conforme nos parece, na segunda parte do raciocínio citado. Diz ele que o número de revolucionários saídos dos meios operários é insuficiente. Essa observação é perfeitamente correta, e mais uma vez sublinhamos que a "preciosa informação de um observador direto" confirma inteiramente nosso ponto de vista sobre as causas da crise atual da social-democracia e, portanto, sobre os meios de remediá-la. Não são apenas os revolucionários que, em geral, estão atrasados em relação ao impulso espontâneo das massas operárias. E esse fato confirma com toda a evidência, mesmo do ponto de vista "prático", não apenas o absurdo, mas também o caráter político reacionário da "pedagogia" com que somos obsequiados frequentemente a propósito de nossos deveres em relação aos operários. Atesta que nossa primeira e imperiosa, obrigação é contribuir para formar revolucionários operários, que estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais em relação à sua atividade no Partido. (Grifamos "em relação à atividade no Partido, pois, em relação aos outros aspectos, atingir esse mesmo nível constitui, para os operários, algo muito menos fácil e muito menos urgente, embora necessário). Por isso, é preciso que nos dediquemos principalmente a elevar os operários ao nível dos revolucionários, e nunca devemos descer, nós próprios, ao nível da "massa operária" como desejam os "economistas", ao nível do "operário médio" como quer a Svoboda (que, sob esse aspecto, eleva ao quadrado a "pedagogia" economista). Longe de mim

negar a necessidade de uma literatura popular para os operários, e de uma outra especificamente popular (mas não uma literatura de carregação) para os operários mais atrasados. Mas o que me revolta é essa tendência de se unir a pedagogia às questões de política, às questões de organização. Porque, afinal, os Senhores que se arvoram em defensores do "operário médio", insultam antes de tudo esse operário, sempre que manifestam o desejo de se inclinarem em sua direção, ao invés de lhe falarem de política operária ou de organização operária. Corrijam-se, portanto, e falem de coisas sérias, deixando a pedagogia aos pedagogos, e não aos políticos e aos organizadores! Não existem também entre os intelectuais elementos avançados, elementos "médios" e uma "massa"? Não reconhecem todos a necessidade de uma literatura popular para os intelectuais, e não se publica essa literatura? Mas imaginem que, em um artigo sobre a organização de estudantes universitários ou colegiais, o autor, em tom de quem faz uma descoberta, fica repisando inutilmente que antes de mais nada é preciso uma organização de "estudantes médios". Com toda a certeza, e justamente, tal

autor seria ridicularizado. Mas, poderão dizer-lhe: Dê-nos algumas ideias sobre a organização, se é que as tem, e deixe-nos a tarefa de ver quais são entre nós os elementos "médios", superiores ou inferiores; se não tiver, porém, ideias próprias sobre a organização, todos os seus discursos sobre "a massa" e sobre os elementos "médios" serão simplesmente fastidiosos. Portanto, as questões de "política" e de "organização" são em si mesmas tão sérias, que somente podem ser tratadas seriamente: pode-se e deve-se preparar os operários (e também os estudantes universitários e colegiais) de modo a se poder abordar diante deles essas questões, mas, uma vez abordadas, dêem-lhes uma resposta verdadeira, não façam marcha à ré em direção aos "médios" ou à "massa", não se considerem dispensados com frases ou anedotas. A fim de se preparar integralmente para essa tarefa,- o operário revolucionário deve tornar-se também um revolucionário profissional. Por isso, B-v não tem razão ao dizer que, estando o operário ocupado durante onze horas e meia na fábrica, as outras funções revolucionárias (salvo a agitação) "devem estar a cargo forçosamente de um número ínfimo de intelectuais". De forma alguma isto acontece "forçosamente", mas, sim em consequência de nosso atraso; porque não compreendemos nosso dever, que é ajudar todo operário que se faz notar por suas capacidades a se tornar agitador, organizador, propagandista, divulgador profissional etc. etc. Em relação a esse aspecto, desperdiçamos vergonhosamente nossas forças, pois não sabemos cuidar do que precisa ser cultivado e desenvolvido com o maior desvelo. Vejam os alemães: têm cem vezes mais forças que nós, mas compreendem perfeitamente que os operários "médios" não fornecem com muita frequência agitadores verdadeiramente capazes etc. Por isso, tomam a peito a questão de colocar imediatamente todo operário capaz em condições que lhe permitam desenvolver a fundo e aplicar suas aptidões; fazem dele um agitador profissional, encorajam-no a alargar seu campo de ação, a estendê-lo de uma única fábrica a toda a profissão, de uma única localidade a todo o país. Assim, adquire a experiência e a habilidade em sua profissão; alarga o seu horizonte e seus conhecimentos, observa de perto os chefes políticos eminentes de outras localidades e de outros partidos; esforça-se por elevar a si próprio ao nível de tais chefes e aliar o conhecimento do meio operário e o ardor da fé socialista à competência profissional, sem a qual o proletariado não pode empreender uma luta tenaz contra um inimigo perfeitamente preparado. E assim, e apenas assim, que surgem os Bebel e os Auer da massa operária. Mas aquilo que em um país politicamente livre é feito por si só, entre nós deve ser realizado sistematicamente por nossas organizações. Todo agitador operário, um pouco

dotado e em quem se "deposite esperanças", não deve trabalhar onze horas na fábrica. Devemos cuidar para que viva por conta do partido e possa, no momento desejado, passar à ação clandestina, mudar de (9)

localidade, pois, de outro modo, não adquirirá grande experiência, não alargará seu horizonte, não se poderá manter sequer por alguns anos na luta contra os policiais. Quanto mais amplo e profundo tornar-se o impulso espontâneo das massas operárias, mais serão colocados em destaque aqueles agitadores de talento, e também os organizadores e propagandistas talentosos e "práticos" no melhor sentido da palavra (que são tão poucos entre nossos intelectuais, em sua maioria tão apáticos e indolentes à maneira russa). Quando tivermos destacamentos de operários revolucionários especialmente preparados (e, bem entendido, de "todas as armas" da ação revolucionária) por um longo aprendizado, nenhuma polícia política do mundo poderá derrubá-los, porque esses destacamentos de homens devotados de corpo e alma à revolução gozarão da confiança ilimitada das massas operárias. E cometemos um erro não "empurrando" bastante os operários para esse caminho, comum tanto a eles como aos intelectuais, o caminho da aprendizagem revolucionária profissional, e arrastando-os com muita frequência para trás. através de nossos discursos estúpidos sobre o que é "acessível" à massa operária, aos "operários médios" etc. Também sob esse aspecto, a estreiteza do trabalho de organização apresenta uma conexão inegável, íntima (embora a imensa maioria dos "economistas" e dos práticos novatos não tenham consciência disso) com a restrição de nossa teoria e de nossas tarefas políticas. O culto da espontaneidade faz com que de certa forma tenhamos medo de nos afastarmos nem que seja um só passo daquilo que é "acessível" à massa; de nos elevarmos muito acima da simples satisfação de suas necessidades diretas e imediatas. Nada temam, Senhores! Lembrem-se que em matéria de organização estamos em tão baixo nível que é até absurdo pensar que poderíamos subir tão alto!

e) A Organização de "Conspiradores" e o Democratismo.

E é justamente isso que temem acima de tudo aquelas pessoas muito numerosas entre nós cujo "senso das realidades" é extremamente desenvolvido, e que acusam os que apoiam o ponto de vista aqui exposto Zie aferrar-se à opinião da "Narodnaia Volia", de não compreender o "democratismo" etc. Devemos deter-nos nessas acusações, que o Rabótcheie Dielo naturalmente também apoiou. O autor destas linhas sabe muito bem que os "economistas" de Petersburgo já acusavam a Rabótchaia Gazeta de entregar-se ao "narodovolisrno" (o que é compreensível, se comparada à Rabótchaia Mysl). Por isso, absolutamente não nos surpreendemos ao saber através de um camarada, pouco depois do nascimento do Iska, que os sociais-democratas da cidade X ... chamavam-no de órgão do "narodovofismo-. Tal acusação, evidentemente, constituiu para nós um elogio, pois qual é o social-democrata digno desse nome, que os "economistas" não tenham acusado de "narodovolismo"? Essas acusações originam-se em um duplo mal-entendido. Em primeiro lugar, a história do movimento revolucionário é tão precariamente conhecida entre nós, que é taxada de "narodovolismo toda ideia referente a uma organização de combate centralizada e que declare resolutamente a guerra contra o tzarismo. Mas a excelente organização revolucionária de 1870-1880 que deveria servir de modelo a todos nós. não foi criada pelos partidários da "Narodnaia Volia", mas pelos adeptos de "Zemlia i Volia", que em seguida cindiram-se em partidários do "Tcherny Perediel" e em narodovoltsy. Portanto, ver em uma organização revolucionária de combate uma herança específica dos "narodovoltsy" constitui um absurdo histórico e lógico, pois toda tendência revolucionária, ainda que vise pouco seriamente a luta, não poderia prescindir de uma organização desse gênero. Isto não constituiu o erro, mas,

sim, o grande mérito histórico dos "narodovoltsy", o fato de serem tentados a atrair todos os descontentes para sua organização e de orientá-la para a luta decisiva contra a autocracia. O erro dos "narodovoltsy" consistiu em se terem apoiado sobre uma teoria que, no fundo, não era de forma alguma revolucionária, e em não terem sabido, ou podido, ligar indissoluvelmente seu movimento à luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento. E só a mais grosseira incompreensão do marxismo (ou, sua "compreensão- no espírito do "struvismo") podia conduzir à crença de que o nascimento de um movimento operário de massa espontâneo nos libera da obrigação de criar uma organização revolucionária tão boa, ou incomparavelmente melhor, do que a de "Zemlia "Volia". Ao contrário, esse movimento nos impõe precisamente essa obrigação, pois, a luta espontânea do

proletariado não se transformará em uma verdadeira 1uta de classe" do proletariado enquanto não for dirigida por uma forte organização de revolucionários. Em segundo lugar, há muitos - e ao que parece aí está incluído B. Kritchévski (Rab. Dielo, n.º 10, p. 18) - que interpretam falsamente a polêmica de que os sociais-democratas sempre foram contra a concepção da luta política como "conspiração". Combatemos e sempre combateremos a limitação de luta política às dimensões de uma conspiração, mas isto não significa absolutamente, como se pensa, que neguemos a necessidade de uma organização revolucionária forte. Assim, na brochura mencionada na nota, encontra-se ao lado da polêmica contra aqueles que desejariam restaurar a luta política como uma conspiração, o esboço de uma organização (apresentada como o ideal dos sociais-democratas) bastante forte para poder "recorrer à insurreição" e a qualquer "outra forma de ataque", "a fim de dar um golpe decisivo no absolutismo (10)_". Considerando-se apenas sua forma, essa organização revolucionária em um país autocrático pode ser qualificada como organização "de conspiração", pois o segredo lhe é absolutamente necessário e indispensável, a ponto de todas as outras funções (número de membros, escolha dos membros, suas funções etc.) deverem ajustar-se a isso. Estaríamos, portanto sendo muito ingênuos se nós, sociais-democratas receássemos ser acusados de criar uma organização de conspiração. Semelhante acusação também é lisonjeira para todo inimigo do "economismo", tal como a acusação de "narodovolismo". Ouviremos, porém, a objeção de que uma organização tão poderosa e tão estritamente secreta, que concentre em suas mãos' todos os fios de ação clandestina, organização necessariamente centralizada, pode lançar-se ao ataque prematuro de maneira demasiado fácil e estimular de forma imprudente o movimento, antes que este se torne possível e necessário pelos progressos do descontentamento político, pela força da efervescência. e da exasperação da classe operária etc. A isso responderemos: Falando de maneira abstrata, evidentemente não seria possível negar que uma organização de combate pudesse empenhar-se irrefletidamente em uma batalha, que pode terminar em derrota e que, em outras condições, não aconteceria. Mas, no caso, é impossível restringir-se a considerações abstratas, pois todo combate implica possibilidades abstratas de derrota, e não há outro meio de diminuí-las senão preparando-se sistematicamente para o combate. E se a questão é colocada sobre o terreno concreto da situação russa de hoje, chega-se à conclusão positiva de que uma organização revolucionária forte é absolutamente necessária justamente para dar estabilidade ao movimento, e preservá-lo da possibilidade de ataques

irrefletidos. Agora, quando nos falta essa organização e o movimento revolucionário espontâneo faz rápidos progressos, já se observa o aparecimento de dois extremos opostos (que, como é lógico, "tocam-se"): um "economismo" completamente inconsistente e a prédica da moderação, ou então um "terrorismo excitativo" não menos inconsistente, buscando "provocar artificialmente os sintomas para colocar um termo ao movimento, em um movimente que progride e se

fortalece. mas que ainda está mais perto, de seu ponto de partida do que de seu fim". (V. Zassoulitch, Zaria n.º 2-3, p. 353) 0 exemplo do Rabótcheie Dielo mostra que Já existem sociais-democratas que cedem diante desses dois extremos. Isto nada apresenta de surpreendente, pois, abstraindo-se as outras circunstâncias, "a luta econômica contra os patrões e o governo" jamais satisfará a um revolucionário, e os extremos opostos sempre aparecerão, aqui ou ali. Apenas uma organização de combate centralizada que pratique com firmeza a política social-democrata e, por assim dizer, que satisfaça a todos os instintos e aspirações revolucionárias, está em condições de preservar o movimento contra um ataque irrefletido e preparar outro que prometa o êxito. Em seguida, ser-nos-á colocada a objeção de que nosso ponto de vista sobre a organização está em contradição com o "princípio democrático". Da mesma forma que a acusação precedente apresenta uma origem especificamente russa, esta apresenta um caráter especificamente estrangeiro. Apenas uma organização sediada no estrangeiro (a "União dos Sociais-Democratas Russos") podia dar à sua redação, entre outras, a seguinte instrução: "Princípio de organização. No interesse do bom desenvolvimento da união da social-democracia, é conveniente sublinhar. desenvolver, reivindicar o princípio de unia ampla democracia na organização do Partido, o que se tornou particularmente necessário. pelas tendências antidemocráticas que se revelaram nas fileiras de nosso Partido" (Dois Congressos. p. 18). Veremos no capítulo seguinte como o Rabótcheie Dielo luta contra as "tendências antidemocráticas" do Iskra. No momento, examinaremos mais de perto esse "princípio" colocado pelos "economistas". O "princípio de urna ampla democracia" como todos provavelmente concordarão, implica duas condições expressas: em primeiro lugar, a publicidade completa e, em segundo, a eleição para todas as funções. Seria ridículo falar de "democratismo" sem uma publicidade que não se limitasse aos membros da organização. "Chamaremos ao partido socialista alemão uma organização democrática, pois tudo aí se faz abertamente, até as sessões do congresso do partido; mas ninguém qualificará de democrática uma organização encoberta pelo véu do segredo para todos aqueles

que são membros. Por que então colocar o "princípio de uma ampla democracia", quando a condição essencial desse princípio, é inexeqüível para uma organização clandestina? Esse "amplo princípio". no caso, é apenas uma frase sonora, porém oca. E ainda mais. Essa frase atesta uma incompreensão total das tarefas imediatas em matéria de organização. Todos sabem que, entre nós, a "grande" massa dos revolucionários guarda mal o segredo. Vimos com que amargura B.v queixa-se, reclamando com justa razão uma "seleção rigorosa dos membros" (Rab. Dielo, nº6, p.42). E eis que as pessoas que se vangloriam de seu "senso das realidades" vêm sublinhar em uma situação semelhante, não a necessidade de um segredo rigoroso e de uma seleção severa (portanto, mais restrita) dos membros, mas o "princípio de uma ampla democracia"! É o que se chama "meter os pés pelas mãos". Em relação ao segundo critério do "democratismo", o princípio eletivo, as coisas não são melhores. Nos países onde reina a liberdade política, esse fator existe por si mesmo. "São membros do partido todos aqueles que reconhecem os princípios de seu programa e apoiam o partido na medida de suas forças", diz o primeiro parágrafo dos estatutos do partido social-democrata alemão. E como a arena política é visível a todos, como o palco de um teatro para os espectadores, todos sabem pelos jornais e assembleias públicas se essa ou aquela pessoa reconhece ou não esses princípios, apoia o partido ou a ele se opõe. Sabe-se que tal militante político teve esse ou aquele início, teve essa ou aquela evolução, que em um determinado momento difícil de sua vida comportou-se de uma determinada maneira, que se distingue por essas ou aquelas qualidades; além disso, todos os membros do partido podem, com conhecimento de causa, eleger ou não esse militante para um determinado posto do partido. O controle

geral (no sentido restrito da palavra) de cada passo dado por um membro do partido em sua carreira política cria um mecanismo que funciona automaticamente, e que assegura o que em biologia se denomina a "sobrevivência do mais apto". Graças a essa "seleção natural", resultado de uma publicidade completa, da elegibilidade e do controle geral, cada militante encontra-se afinal "classificado em seu lugar", assume a tarefa mais apropriada a suas forças e capacidades, arca ele próprio com todas as consequências de suas faltas, e demonstra diante de todos sua capacidade de tomar consciência de suas faltas e evitá-las. Tentem encaixar esse quadro na moldura de nossa autocracia! Seria possível entre nós, que todos aqueles "que reconhecem os princípios do programa do partido e o sustentam na medida de suas forças", pudessem controlar cada passo dado pelos revolucionários clandestinos? Que todos

fizessem uma escolha entre esses últimos,, quando o revolucionário é obrigado, no interesse do trabalho, a esconder aquilo que realmente é de nove entre dez pessoas? Se refletíssemos um pouco no verdadeiro sentido das frases grandiloqüentes lançadas; pelo Rabótcheie Dielo, compreenderíamos que o "amplo democratismo" da organização do partido, nas trevas da autocracia e sob o regime da seleção praticada pelos policiais, "não é senão uma futilidade prejudicial, pois, de fato, nenhuma organização revolucionária jamais aplicou, nem poderá aplicar, apesar de toda sua boa vontade, um amplo "democratisrno". E uma futilidade prejudicial, pois as tentativas para se aplicar de fato o "princípio de uma ampla democracia" apenas facilitam o grande número de detenções que a polícia realiza, perpetuam o reinado do trabalho artesana1 desviam o pensamento dos práticos de sua séria e imperiosa tarefa, que é, "proceder à educação de revolucionários profissionais, para a redação de detalhados estatutos "burocráticos sobre os sistemas de eleições. Apenas no estrangeiro, onde frequentemente se reúnem homens que não têm possibilidade de realizar um trabalho útil e prático, é que pôde desenvolver-se essa mania de "brincar de democratismo", sobretudo em grupos pequenos e diferentes. Para mostrar ao leitor corno é indigna a maneira de proceder do Rabótcheie Dielo, que prega esse "princípio"' aparentemente verdadeiro que é o "democratismo" no trabalho revolucionário, mais uma vez recorreremos a uma testemunha. Essa testemunha, E. Serbriakov. Diretor da revista Nakanune, em Londres, mostra nitidamente uma fraqueza pelo Rabótcheie Dielo e urna aversão acentuada por Plekhânov e seus "plekhanovianos"; em seus artigos sobre a cisão Nakanune tomou resolutamente o partido do Robótcheie Dielo e derramou uma onda de palavras desprezíveis contra Plekhânov. Por isso o testemunho sobre essa questão nos é tão precioso. No artigo intitulado "A Propósito do Apelo do Grupo de Autoliberação dos Operários" (Nakanune, n.º 7 julho de 1899), E. Serebriakov, observando a "inconveniência que havia em levantar as questões "de prestígio, de primazia, do chamado areópago num movimento revolucionário sério", escrevia, entre outras coisas: "Mychkine, Rogatchev, Jehabov, Míkhailov, Perovskaía, Figner e outros nunca se consideraram dirigentes. Ninguém os elegeu ou nomeou e, no entanto, eram, chefes, pois, tanto período de propaganda como em período de luta contra o governo, assumiam o trabalho mais difícil, iam aos lugares mais expostos, e sua atividade era a mais proveitosa. E essa primazia não era o resultado de seus desejos, mas da confiança dos camaradas que os rodeavam em sua inteligência, sua energia e seu devotamento. E seria muita ingenuidade temer um areópago, sei lá qual, (e se ele não for temido, por

que fala nisso?) que dirigisse autoritariamente o movimento. Então, quem o obedeceria?" Perguntamos ao leitor: Qual a diferença entre um "areópago" e as "tendências antidemocráticas"? Não é evidente que o princípio de organização aparentemente verdadeiro do Rabótcheie Dielo é tão ingênuo quanto inconveniente? Ingênuo, porque o "areópago" ou as pessoas com "tendências antidemocráticas" não serão obedecidas

sinceramente por ninguém, desde o momento que "os camaradas que os cercam não tiverem confiança em sua inteligência, energia e devotamento".. Inconveniente, como procedimento demagógico que se aproveite da vaidade de alguns e da ignorância de outros, do verdadeiro estado de nosso movimento, da falta de preparação e ainda da ignorância da história do movimento revolucionário. Para os militantes de nosso movimento, o único princípio sério em matéria de organização deve ser: segredo rigoroso, escolha rigorosa dos membros, formação de revolucionários profissionais. Reunidas essas qualidades, teremos algo mais do que o "democratismo": uma confiança plena e fraternal entre revolucionários. Ora, esse algo a mais nos é absolutamente necessário, pois, entre nós, na Rússia, não seria possível substituir isso pelo controle democrático geral. E seria um grande erro acreditar que a impossibilidade de um controle verdadeiramente "democrático" torna os membros da organização revolucionária incontroláveis: de fato, estes não têm tempo de pensar nas formas pueris do "democratismo" ("democratismo" no seio de um núcleo restrito de camaradas entre os quais, haja plena confiança), mas percebem com muita clareza sua responsabilidade, e além disso sabem pela própria experiência que, para se livrar de um membro indigno, uma organização de verdadeiros revolucionários não recuará diante de qualquer meio. Ademais, existe entre nós, no meio revolucionário russo (e internacional), uma opinião pública bastante desenvolvida, que tem uma longa história e castiga com rigor implacável qualquer falta aos deveres de camaradagem (ora, o "democratismo", o democratismo verdadeiro e não pueril, é um elemento constitutivo dessa noção de camaradagem!). Levando tudo isso em conta, compreenderemos como esses discursos e resoluções sobre as "tendências antidemocráticas" exalam o cheiro de porão característico da emigração, Corri suas pretensões ao generalato! É conveniente notar, além da ingenuidade, uma outra fonte desses discursos, que também se origina da ideia confusa que se faz da democracia. A obra do casal Webb sobre os sindicatos ingleses apresenta um capítulo curioso sobre a "democracia primitiva". Os autores aí narram que os operários ingleses, no primeiro período de existência de seus sindicatos, consideravam como condição

necessária da democracia a participação de todos os membros em todos os detalhes da gestão dos sindicatos: não somente todas as 'questões eram resolvidas pelo voto de todos os membros, mas também as próprias funções eram exercidas por todos os membros, sucessivamente. Foi preciso uma longa experiência histórica para que os operários compreendessem o absurdo de tal concepção da democracia e a necessidade de instituições representativas, de um lado, e de funcionários profissionais, de outro. Foi preciso que ocorressem inúmeras falências de caixas sindicais para fazer com que os operários compreendessem que a questão da relação proporcional entre as cotizações depositadas e os subsídios recebidos não podia ser decidida apenas pelo voto democrático, e que tal questão também exigia o parecer de um especialista em seguros. Em seguida, tomem o livro de Kaustsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular, e verão que as conclusões desse teórico marxista concordam com os ensinamentos advindos da longa prática dos operários "espontaneamente" unidos. Kautsky ergue-se resolutamente contra a concepção primitiva da democracia de Rittinghausen, zomba das pessoas prontas a reclamar, em nome dessa democracia, de "os jornais populares serem redigidos pelo próprio povo", prova a necessidade de jornalistas, de parlamentares profissionais etc., para a direção social democrata da luta de classe do proletariado , "ataca o socialismo dos anarquistas e dos literatos" que, "visando o efeito", pregam a legislação popular direta e não compreendem que sua aplicação é muito relativa na sociedade atual. Aqueles que trabalham praticamente em nosso movimento, sabem como a concepção "primitiva" da democracia difundiu-se amplamente entre a juventude estudantil e os operários. Não é

de surpreender que essa concepção também invada os estatutos e a literatura. Os "economistas" do tipo bernisteiniano escreviam em seus estatutos: "§ 10. Todos os casos que interessem à organização como um todo serão decididos por maioria dos votos de todos os seus membros". Os "economistas" do tipo terroristas repetem atrás deles: "É preciso que as decisões dos comitês tenham passado por todos os círculos antes de se tornarem decisões válidas" (Svoboda, n.º 1, P. 67). Observem que essa reivindicação relativa à aplicação ampla do referendo é acrescentada à que deseja que toda a organização seja construída sobre o princípio eletivo! Longe de nós, bem entendido, a ideia de condenar por isso os práticos que tiveram tão pouca possibilidade de se iniciarem na teoria e na prática de organizações. verdadeiramente democráticas. Mas quando o Rabótcheie Dielo, que aspira a um papel de dirigente, limita-se

em condições semelhantes a uma resolução sobre o princípio de uma ampla democracia, por que não dizer de forma simples que "visa o efeito"?

f) O Trabalho à Escala Local e Nacional.

Se as objeções de "não-democratismo" e de caráter de conspiração, dirigidas à organização cujo plano foi exposto aqui, estão destituídas de qualquer fundamento, resta ainda uma questão que frequentemente é levantada e merece exame detalhado. É o problema da relação entre o trabalho local e o trabalho em escala nacional.. A formação de uma organização centralizada, pergunta-se com inquietude, não levará ao deslocamento do centro de gravidade do primeiro em direção ao segundo? Isto não prejudicará o movimento, visto que nossa ligação com a massa operária será enfraquecida e, de maneira geral, também será abalada a estabilidade da agitação local? A isso responderemos que, nesses últimos anos, nosso movimento ressente-se precisamente do fato de os militantes locais estarem excessivamente absorvidos pelo trabalho local; que é absolutamente necessário, por conseguinte, deslocar um pouco o centro de gravidade em direção ao trabalho em escala nacional; que esse deslocamento longe de enfraquecer, apenas reforçará nossa ligação com a massa e a estabilidade de nossa agitação local. Tomemos a questão do órgão central e dos órgãos locais; pedimos ao leitor não se esquecer que a imprensa, para nós, é apenas um exemplo que ilustra a ação revolucionária infinitamente maior e diversa, em geral. No primeiro período do movimento de massa (1896-1898); os militantes locais fizeram uma tentativa de criar um órgão para toda a Rússia: a Rabótchaia Gazeta; no período seguinte (1898-1900), o movimento deu um grande passo à frente, mas a atenção dos dirigentes estava inteiramente absorvida pelos órgãos locais. Se todos esses órgãos locais fossem levados em conta, verificar-se-ia (11) que, em números redondos, publicava-se um número por mês. Tal ilustração não é representativa de nosso trabalho artesanal? Isso não mostra de forma evidente que nossa organização revolucionária retarda-se em relação ao impulso espontâneo do movimento? Se a própria quantidade de números de jornais tivesse sido publicada não por grupos locais dispersos, mas por uma única organização, não somente teríamos economizado quantidade de forças, mas também nosso trabalho teria sido infinitamente mais estável e contínuo. Eis uma constatação bastante simples frequentemente esquecida pelos práticos. que trabalham ativamente de uma forma quase que exclusiva nos órgãos locais (infelizmente, isto ocorre ainda hoje na grande maioria das vezes) e pelos publicistas que aqui dão provas de um espantoso quixotismo. O prático contenta-se comumente em objetar que é "difícil" (12) para os militantes locais ocuparem-se em montar um jornal para todo o país, e que é melhor Ter jornais locais do

que não ter nenhum. Naturalmente, isto é perfeitamente correto, e para

reconhecer a enorme importância e utilidade dos órgãos locais em geral, não necessitamos da advertência de nenhum prático. Mas não é essa a questão; trata-se de saber se não é possível remediar essa dispersão, esse trabalho rudimentar, que o aparecimento de trinta números de jornais locais em toda a Rússia, nesses dois anos e meio, atesta de maneira tão clara. Portanto, não se contentem com uma tese incontestável, porém demasiado geral, sobre a utilidade dos jornais locais em geral; tenham também coragem de reconhecer abertamente seus lados negativos revelados pela experiência de dois anos e meio. Essa experiência atesta que, dadas as nossas condições, os jornais locais, na maior parte dos casos, são instáveis do ponto de vista dos princípios, não têm penetração política, são excessivamente onerosos no que diz respeito ao dispêndio de forças revolucionárias, e absolutamente insatisfatórios do ponto de vista técnico (não me refiro, bem entendido, à técnica de impressão, mas à frequência e regularidade da publicação). E todos esses defeitos indicados não constituem obra do acaso, mas o resultado inevitável, desse esfacelamento que, de um lado, explica a predominância dos jornais locais no período examinado e, de outro lado, é sustentado por essa predominância. Uma organização local, por si mesma, não pode assegurar a estabilidade de seu jornal do ponto de vista dos princípios e elevá-lo ao nível de um órgão político; não pode, por si própria, reunir e utilizar documentação suficiente para esclarecer toda a nossa vida política. Quanto ao argumento ao qual geralmente se recorre nos países livres para justificar a necessidade de numerosos jornais locais - o fato de terem preços módicos, por serem impressos pelos operários do lugar, e de apresentarem maior amplitude e rapidez de informações à população - esse argumento, conforme o demonstra a experiência, volta-se entre nós contra os jornais locais. Esses últimos custam demasiado caro, em relação ao dispêndio de forças revolucionárias, e aparecem em intervalos extremamente espaçados pela simples razão de que um jornal ilegal, por menor que seja, exige um enorme aparelho clandestino, que é possível montar em um grande centro fabril, porém, impossível na oficina do artesão. O caráter rudimentar do aparelho clandestino permite ordinariamente (todo militante conhece inúmeros exemplos desse gênero) à polícia realizar prisões em massa, após o aparecimento e a divulgação de um ou dois números, e destruir às coisas a ponto de ser preciso recomeçar tudo de novo. Um bom aparelho clandestino exige, uma boa preparação profissional dos revolucionários e uma divisão rigorosamente lógica do trabalho. Duas condições absolutamente impossíveis para uma organização local, por mais forte que seja em um determinado momento. Sem falar dos interesses de nosso

movimento como um todo (educação socialista e uma política operária consequente), não é através dos órgãos locais que os interesses especificamente locais são melhor defendidos; apenas à primeira vista isto poderia parecer um paradoxo; mas, na realidade, é um fato irrefutavelmente provado pela experiência de dois anos e meio de, que já falamos. Todo mundo concordará que, se todas as forças locais que publicaram trinta números de jornais tivessem trabalhado para um único jornal, esse teria facilmente chegado a sessenta, senão a cem números e, por conseguinte, teria refletido de forma mais completa todas as particularidades puramente locais do movimento. Na verdade, não é fácil atingir esse grau de organização, mas também é preciso que tomemos consciência de sua necessidade, que cada círculo local pense e trabalhe ativamente nesse sentido, sem esperar um impulso de fora, sem se deixar seduzir pela acessibilidade, pela proximidade de um órgão local, proximidade que é em grande parte ilusória, como o demonstra nossa experiência revolucionária. E os publicistas, que não percebem tal caráter ilusório, acreditam estarem especialmente próximos dos práticos, e se esquivam com o raciocínio espantosamente fácil e vazio da necessidade de jornais locais, jornais

regionais, jornais para toda a Rússia, prestam assim precários serviços ao trabalho prático. Em princípio, tudo isso é necessário, evidentemente, mas é preciso pensar também nas condições do meio e do momento, quando se aborda um problema concreto de organização. De fato, não é quixotismo dizer, como a Svoboda (nº 1, p. 68), ao "tratar especificamente a questão do jornal" que: "Em nossa opinião, toda aglomeração operária algo significativa deve ter seu próprio jornal. Seu próprio jornal feito por ela, e não trazido de fora". Se esse publicista não quer refletir no sentido de suas palavras, que o leitor ao menos reflita por ele: quantas dezenas, ou centenas, "de aglomerações operárias algo significativas" não existem na Rússia, e como nossos métodos artesanais seriam perpetuados se toda organização local começasse realmente a editar seu próprio jornal! Como esse fracionamento facilitaria o trabalho da policia: prender sem nenhum esforço "considerável" "os militantes locais no início de sua atividade, antes que tivessem tempo de se transformar em verdadeiros revolucionários! Em um jornal para toda a Rússia, continua o autor, não seriam de todo interessantes as tramas dos fabricantes e "os pequenos fatos da vida de fábrica em outras cidades que não a do leitor", mas "o habitante de Orel não se aborrecerá ao ler o que se passa em Orel. Em cada ocasião pode reconhecer aqueles que 'foram pilhados', os que foram 'perseguidos' e sua mente trabalha" (p. 69). Sim, naturalmente a mente do habitante de Orel trabalha, mas a imaginação do nosso

publicista também "trabalha" demasiadamente. É oportuno defender assim semelhante mesquinharia? É nisso que deveria refletir. Naturalmente as revelações sobre a vida das fábricas são necessárias e importantes, isso reconhecemos melhor que ninguém, mas é preciso lembrar que chegamos a uma situação em que os habitantes de Petersburgo já se cansaram de ler a correspondência petersburguesa do jornal petersburguês Rabótchaia Mysl. Para as revelações do que ocorre nas fábricas sempre tivemos e sempre deveremos ter as folhas volantes, mas quanto ao tipo do nosso jornal, devemos elevá-lo e não rebaixa-lo ao nível de uma folha volante de fábrica. Quando se trata de um "jornal", é preciso revelar não tanto os "pequenos fatos" como os defeitos essenciais, particulares à vida da fábrica, revelações à base de exemplos relevantes e, por conseguinte, suscetíveis de interessar a todos os operários e dirigentes do movimento, enriquecendo verdadeiramente seus conhecimentos, alargando seu horizonte, despertando uma nova região, uma nova categoria profissional de operários. "Em seguida, no jornal local pode-se apreender in loco, ainda quentes, todas as tramas da hierarquia da fábrica ou das autoridades. Ao contrário, com um jornal central, distante, a notícia demoraria a chegar, e quando o jornal saísse o acontecimento estaria esquecido: "Quando foi isto, que vá pró diabo quem se lembra!" (Mid). Precisamente: para o diabo quem se lembra! Segundo a mesma fonte, os trinta números publicados em dois anos e meio vêm de seis cidades. Isto significa que, em média, há um número a cada seis meses por cidade! Supondo mesmo que nosso publicista, irrefletidamente, triplica o rendimento do trabalho local (o que seria, absolutamente falso para uma cidade média, pois nossos métodos artesanais impedem um aumento sensível do rendimento), teremos apenas um número a cada dois meses; portanto, não seria possível "aprender ainda quentes" as notícias: Porém, bastaria que dez organizações locais se unissem e confiassem a seus delegados a função ativa de organizar um jornal comum, para que fosse possível "apreender" não somente os pequenos fatos, mas os abusos gritantes e típicos de toda a Rússia e isto a cada quinze dias. Aqueles que conhecem a situação em nossas organizações não podem duvidar disso. Quanto a surpreender o inimigo em flagrante delito, se isto for levado a sério e não somente pela beleza do estilo, um jornal ilegal não poderia sequer pensar nisso: isto pode ser feito apenas através de folhas volantes, pois a maior parte das vezes, dispõe-se apenas de um ou dois dias (por exemplo, quando se trata de uma greve comum e curta, de um tumulto na

fábrica, de uma manifestação qualquer etc.). "O operário não vive apenas

na fábrica, vive também na cidade" prossegue nosso autor, passando do particular para o geral com um rigoroso espírito de seqüência que honraria ao próprio Bóris Kritchévski. E indica as questões a tratar: as dumas municipais, hospitais, escolas, e declara que um jornal operário não poderia silenciar sobre os assuntos municipais. Tal condição é, em si, excelente, mas mostra bem as abstrações vazias de sentido com as quais nos contentemos com tanta frequência quando se trata de jornais locais. Primeiro, se em "toda organização operária algo significativa" fossem fundados de fato jornais com uma seção municipal tão pormenorizada como quer a Svoboda, isso infalivelmente degeneraria em verdadeiras mesquinharias, em nossas condições russas, enfraqueceria o sentimento que temos sobre a importância de uma investida revolucionária de toda a Rússia contra a autocracia; reforçaria os germes bastante resistentes - antes dissimulados ou reprimidos do que extirpados - da tendência tornada célebre pela famosa frase sobre os revolucionários que falam muito de parlamento inexistente, e pouco das dumas municipais existentes. Infalivelmente, dizemos acentuando assim que não é isso que a Svoboda deseja, mas o contrário. Não bastam as boas intenções. Para que os assuntos municipais sejam tratados sob uma perspectiva apropriada ao conjunto de nosso trabalho, é preciso, primeiro, que essa perspectiva seja perfeitamente definida, firmemente estabelecida não pelos simples raciocínios, mas também por inúmeros exemplos; é preciso que adquira a solidez de uma tradição. Ainda estamos longe disso, e portanto é preciso começar daí, antes que se possa pensar em uma grande imprensa local, ou dela falar. Em segundo lugar, para escrever verdadeiramente bem e de forma interessante sobre os assuntos municipais, é preciso conhecê-los bem, e não apenas através dos livros. Ora, em toda a Rússia, quase não há sociais-democratas que possuam esse conhecimento. Para escrever em um jornal (e não em uma brochura popular) sobre os assuntos da cidade e do Estado, é preciso ter uma documentação nova, múltipla, recolhida e elaborada por homens competentes. Ora, para recolher e elaborar semelhante documentação, não basta a "democracia primitiva" de um círculo primitivo, no qual todo mundo se ocupa de tudo e se diverte com referendos. Para isso, é preciso um estado-maior de escritores especializados, de correspondentes especializados, um exército de repórteres sociais-democratas que estabeleçam relações de todos os lados, saibam penetrar até nos menores "segredos de Estado"(dos quais o funcionário russo tanto se gaba e com tanta facilidade divulga). introduzir-se em todos os "bastidores", um exército de pessoas obrigadas "pelas suas funções" a serem onipresentes e oniscientes. E nós, Partido de luta contra toda opressão

econômica, política, social, nacional, podemos e devemos encontrar, reunir, instruir, mobilizar e pôr em marcha esse exército de homens oniscientes. Porém, isto ainda precisa ser feito! Ora, nada temos realizado nesse sentido, na maior parte das localidades, e, frequentemente, tampouco temos consciência dessa necessidade. Procurem em nossa imprensa social-democrata artigos vivos e interessantes, notícias que revelem nossos assuntos diplomáticos, militares, religiosos, municipais, financeiros etc., grandes ou pequenos; quase nada ou muito pouco será encontrado (13). Por isso, "fico terrivelmente irritado quando alguém vem me dizer uma série de coisas muito lindas e notáveis" sobre a necessidade de haver, "em toda aglomeração operária algo significativo", jornais que denunciem os abusos que ocorrem nas fábricas, na administração municipal, e no Estado! A predominância da imprensa local sobre a imprensa central é um indício de miséria ou opulência. De miséria. quando o movimento ainda não forneceu forças suficientes para a produção em grande escala, quando ainda vegeta nos métodos artesanais e está quase imerso nos "pequenos fatos da vida de fábrica". De opulência, quando o movimento já teve êxito completo em cumprir suas múltiplas tarefas de divulgação e de agitação, e surge a necessidade de se ter,

paralelamente a um órgão central, numerosos órgãos locais. Quanto ao significado da preponderância dos órgãos locais, entre nós, no momento atual, deixo a cada um a preocupação de decidir. Quanto a mim, para evitar qualquer mal-entendido, formularei de forma precisa minha conclusão. Até agora, a maioria de nossas organizações locais pensa quase que exclusivamente nos órgãos locais: ocupam-se ativamente apenas desses últimos. Isto não é normal. Ao contrário, é preciso que a maioria das organizações locais pense principalmente na criação de um órgão para toda a Rússia. que disso se ocupe. Enquanto não for assim, não poderemos publicar nem mesmo um único jornal que seja capaz de servir verdadeiramente o movimento, através de uma grande agitação pela imprensa. E quando isso ocorrer, as relações normais entre o órgão central indispensável e os indispensáveis órgãos locais serão estabelecidas por si próprias. À primeira vista pode parecer que a necessidade de deslocar o centro de gravidade, do trabalho local para o trabalho em escala nacional, não é indicada no terreno da luta econômica pura. Aqui, o inimigo direto dos operários é representado pelos empregadores isolados ou grupos de empregadores não ligados entre si por uma organização que lembre, mesmo longinquamente, uma organização puramente militar, estritamente centralizada, dirigida nos menores detalhes por uma vontade única, como é a organização do governo russo, nosso

inimigo direto na luta política. Mas, não é assim, A luta econômica - já dissemos milhares de vezes - é uma luta profissional, e por isso exige o agrupamento dos operários por profissão, e não unicamente por lugar de trabalho, E esse agrupamento profissional é tanto mais urgente quanto maior for a precipitação dos empregadores em se agruparem em sociedades e sindicatos de toda a espécie. Nosso fracionamento e nossos métodos artesanais entravam nitidamente essa reunião, que necessita de uma organização de revolucionários única para toda a Rússia e capaz de assumir a direção de associações profissionais operárias em escala nacional. Expusemos acima o tipo de organização apropriada; acrescentaremos a seguir algumas palavras apenas em relação à nossa imprensa. Ninguém contesta que todo jornal social-dernocrata deva trazer uma seção dedicada à luta profissional (econômica). Mas o crescimento do movimento profissional nos obriga a pensar também na criação de uma imprensa profissional. Contudo, parece-nos que, com raras exceções, ainda não é possível colocar, na Rússia, tal questão: isto é um luxo, e frequentemente nos falta o pão de cada dia. Em matéria de imprensa profissional, a melhor forma adaptada às condições atuais do trabalho ilegal, a forma desde hoje necessária, seria a brochura, profissional. Aí deveria ser coletada e agrupada sistematicamente a documentação legale ilegal sobre as condições de trabalho nessa ou naquela profissão, o que distingue a esse respeito as diferentes regiões da Rússia, as principais reivindicações dos operários de uma dada profissão, as insuficiências da legislação a que ela se refere; sobre os exemplos mais relevantes da luta econômica dos operários dessa ou daquela corporação; sobre o início, o estado atual e as necessidades de sua organização sindical etc. Inicialmente, essas brochuras dispensariam, que nossa imprensa social-democrata fornecesse uma série de detalhes profissionais que interessassem especialmente os operários de uma determinada profissão; em seguida, reproduziriam os resultados de nossa experiência na luta sindical, conservariam a documentação coletada, que hoje literalmente se perde na massa de folhas volantes e publicações fragmentárias; generalizariam essa documentação. Em terceiro lugar, poderiam servir, de, alguma forma, como guia para os agitadores, uma vez que as condições de trabalho modificam-se de forma relativamente lenta, e as reivindicações essenciais dos operários de uma determinada profissão são muito estáveis (comparem as reivindicações dos tecelões da região de Moscou, em 1885, e as da região de Petersburgo, em 1896). O resumo dessas reivindicações e necessidades poderia constituir, durante anos, um excelente manual (14)

para a agitação econômica nas localidades atrasadas ou entre as

categorias de operários mais atrasadas. Os exemplos de greves vitoriosas, em determinada região, os dados ilustrando um nível superior de vida, de melhores condições de trabalho numa determinada localidade, encorajariam os operários de outras localidades a novas lutas. Enfim, tomando a iniciativa de generalizar a luta profissional e reforçando, assim, a ligação do movimento profissional russo com o socialismo, a social-democracia trabalharia simultaneamente para que nossa ação sindical ocupasse um lugar nem muito grande nem muito pequeno no conjunto de nosso trabalho social-democrata. É muito difícil, quase impossível, para uma organização local, isolada das organizações; de outras cidades, observar em justa proporção esse aspecto (e o exemplo da Rabótchaia Mysl indica o monstruoso exagero a que se pode chegar, em termos de sindicalismo). Mas uma organização de revolucionários para toda a Rússia, que se mantenha deliberadamente ligada ao ponto de vista do marxismo, dirija toda a luta ponto de vista do marxismo, dirija toda a luta política e disponha de um estado-maior de agitadores profissionais, jamais terá dificuldades para estabelecer essa justa proporção.

Capítulo 5 - Plano de um Jornal Público para Toda a Rússia.

"0 maior erro do Iskra nesse aspecto", escreve B. Kritchévski que nos censura pela tendência de, "isolando a teoria da prática, transformar a primeira numa doutrina morta" (Rab. Dielo, nº 10, p. 30), "é o seu 'plano' de uma organização geral do Partido" (isto é, o artigo "Por Onde Começar?"). Martynov lhe faz coro e declara que "a tendência do Iskra em diminuir a importância da marcha progressiva da obscura luta cotidiana, em relação à propaganda de ideias brilhantes e acabadas... foi coroada pelo plano de organização do partido, proposto no artigo "Por Onde Começar?" publicado no número 4 desse jornal" (Idem, p. 61). Enfim, ultimamente, àqueles a quem esse "plano" agastou (as aspas exprimem a ironia quanto a isso),juntou-se L. Nadejdine que, em uma brochura que acabamos de receber - Às Vésperas da Revolução (editada pelo "grupo revolucionário socialista" Svoboda, que já conhecemos) - declara que "falar agora de uma organização cujos fios seriam atados a um jornal para toda a Rússia, é produzir em profusão ideias abstratas e um trabalho de gabinete" (p. 126), é fazer "literatura falsificada" etc. A solidariedade de nosso terrorista com os partidários da "marcha progressiva da obscura luta quotidiana" não nos poderia espantar: indicamos as raízes desse parentesco nos capítulos sobre a política e a organização. Mas, desde já devemos observar que L. Nadejdine, e somente ele, tentou conscienciosamente penetrar no sentido do artigo que lhe desagradou, ao qual tentou responder em profundidade, enquanto o Rab. Dielo nada disse de profundo e apenas procurou confundir a questão através de uma série de procedimentos demagógicos indignos. E por mais desagradável que seja, é preciso primeiro perder tempo para limpar as estrebarias de Augias.

a) Quem se Escandalizou com o Artigo "Por Onde Começar"

Vamos citar o rosário de expressões e exclamações que o Rabótcheie Dielo lançou sobre nós. "Não é um jornal que pode criar a organização do Partido, mas, sim, o contrário"... "Um jornal colocado acima do Partido, fora de seu controle e independente do Partido graças à sua própria rede de agentes"... "Qual foi o milagre que fez com que o Iskra esquecesse as organizações sociais-democratas já existentes de fato no Partido ao qual ele próprio pertence?"... "Os que possuem firmes princípios e um plano apropriado são também os, supremos reguladores da luta real do partido, ao qual ditam a execução do seu plano"... "O plano relega nossas organizações tão reais e viáveis ao reino das trevas, e quer dar vida a uma rede fantástica de agentes"... "Se o plano do Iskra fosse executado, acabaria por apagar inteiramente os traços do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, em vias de formação entre nós"... "O órgão de propaganda torna-se um legislador incontrolado, autocrata, de toda a luta revolucionária prática"... "O que deve pensar nosso partido sobre sua submissão absoluta a uma redação autônoma" etc. etc. Como o conteúdo e o tom dessas citações mostram ao leitor, o Rabótcheie Dielo escandalizou-se. Entretanto, escandalizou-se não por si próprio, mas pelas organizações e comitês de nosso Partido que o Iskra pretensamente pretende relegar ao reino das trevas e até fazer apagar os seus traços. Que horror, pensam vocês! Apenas uma coisa é estranha. O artigo "Por Onde Começar?" apareceu em maio de 1901; os artigos do Rabótcheie Dielo, em setembro de 1901; ora, já estamos na metade de janeiro de 1902. Durante todos esses cinco meses (tanto antes como depois de setembro) nenhum comitê e nenhuma organização levantaram protesto formal contra essa coisa monstruosa, que quer relegar comitês e organizações ao reino das trevas! Ora, durante esse tempo, o Iskra e a grande maioria das outras publicações locais e não locais publicaram dezenas e centenas de informações vindas de todos os pontos da Rússia. Como pôde acontecer que aqueles que se quer relegar ao reino das trevas não tenham se apercebido nem escandalizado com tal coisa, mas, sim, que uma terceira pessoa tenha sido melindrada? Isso ocorreu porque os comitês e as outras organizações não brincam de "democratismo", mas realizam trabalho útil. Os comitês leram o artigo "Por Onde Começar?", e perceberam que constituía uma tentativa de "traçar o plano de uma organização de modo a poder começar sua construção de todos os lados, e ao mesmo tempo" e como sabiam e compreendiam perfeitamente que nenhum "desses lados" pensava em "empreender a construção", antes, de se convencer de sua necessidade e da realidade do plano arquitetônico, naturalmente nem me smo pensaram em "escandalizar-se" com a extrema audácia dos homens que declararam no Iskra o

seguinte: "Dada a urgência e a importância dessa questão, decidimos, de nossa parte, submeter à consideração dos camaradas o esboço de um plano que desenvolveremos de forma mais detalhada em uma brochura já em preparo. "Seria possível, de fato, quando se considera seriamente tal questão, não compreender que se os camaradas aceitassem o plano que lhes era oferecido, executá-lo-iam não por "submissão", mas porque estavam convencidos de sua necessidade para nossa causa comum, e se não o aceitassem, o "esboço" (que palavra pretensiosa, não é mesmo?) não permaneceria um simples esboço? Na verdade, não constitui demagogia o fato de se declarar guerra a um esboço de plano, não apenas "demolindo-o completamente" e aconselhando aos camaradas a rejeitá-lo, mas ainda voltando os homens pouco competentes em matéria de revolução contra os autores do esboço, pelo simples fato de, ousarem legislar", de se colocarem como "reguladores supremos", isto é ousarem pregar um esboço de plano? Nosso partido pode desenvolver-se e seguir adiante, quando uma tentativa de elevar os militantes locais para concepções e objetivos de planos mais amplos etc., recebe objeções não somente porque essas concepções parecem falsas, mas também fica-se "escandalizado" pela "preocupação" de nos elevarmos? Assim, L. Nadejdine, por

exemplo, também "demoliu completamente" nosso plano, mas não se deixou levar por uma demagogia que não poderia ser explicada senão pela ingenuidade ou pelo caráter primitivo das concepções políticas; desde o início repudiou deliberadamente a acusação de se colocarem "inspetores do Partido" para esse fim. Portanto, pode-se e deve-se responder em profundidade a crítica do plano feita por Nadejdine, e responder ao Rabótcheie Dielo apenas com o desprezo. Mas o desprezo pelo escritor que se rebaixa a ponto de censurar a "autocracia" e a "submissão", não nos dispensa da obrigação de desfazer a confusão que essas pessoas criam no leitor. Aqui, podemos demonstrar claramente a todos, de que qualidade são essas frases correntes sobre a "ampla democracia". Acusam-nos de esquecer os comitês, de querer ou tentar relegá-los ao reino das trevas etc. O que responder a essas acusações, quando não podemos contar ao leitor quase nada de real sobre nossas relações práticas com os comitês - por razões ligadas à conspiração? As pessoas que lançam uma acusação áspera, que irrita a multidão, levam vantagem por sua desenvoltura, pelo desdém demonstrado pelos deveres do revolucionário, que esconde cuidadosamente dos olhos do mundo as relações e ligações que realiza, que estabelece ou procura estabelecer. Compreende-se porque renunciamos de uma vez por todas a competir com essas pessoas no campo da "democracia". Quanto ao leitor não

iniciado em todos os assuntos do Partido, o único meio de preencher nosso dever em relação a ele, é contar não o que existe ou o que se encontra im Werden, mas uma pequena parte do que já aconteceu, e já se pode falar como coisa passada. O Bund faz alusão à nossa "usurpação" (1); a "União" sediada no estrangeiro nos acusa de querer fazer desaparecer os traços do Partido. Olhem, Senhores, terão plena satisfação quando expusermos ao público quatro fatos extraídos do passado. O primeiro fato(2). Os membros de uma das "Uniões de luta", que tiveram participação direta na formação de nosso Partido e no envio de um delegado ao congresso que fundou o Partido, entenderam-se com um dos membros do grupo Iskra para criar uma biblioteca operária especial a fim de atender às necessidades de todo o movimento operário. Não se conseguiu criar uma biblioteca operária e as brochuras escritas para ela, As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos e A Nova Lei Operária, chegaram por vias transversas e por intermédio de terceiros ao estrangeiro, onde foram impressas. O segundo fato. Os membros do Comitê Central do Bund propuseram a um dos membros do grupo Iskra montar, como então se expressou o Bund, um "laboratório literário". E lembraram que se isso não fosse conseguido, nosso movimento poderia sofrer um recuo sensível. A brochura intitulada A Causa Operária na Rússia(3)foi a consequência das negociações. O terceiro fato. O Comitê Central do Bund, por intermédio de uma pequena cidade de província, propôs a um dos membros do Iskra assumir a direção da Rabótchaia Gazeta a ser reinstituída; a proposta naturalmente foi aceita, e depois modificada; foi proposta a colaboração, uma nova combinação com a intervenção da redação. E, naturalmente. nova aceitação. Foram enviados artigos (que se conseguiu conservar): "Nosso Programa" - com um protesto direto contra a "bernsteiniada" e a reviravolta ocorrida na literatura legal e na Rabótchaia Mysl; "Nossa Tarefa Imediata" ("a organização de um órgão do partido que apareça regularmente, e esteja estreitamente ligado a todos os grupos locais", as insuficiências do "trabalho artesanal" predominante); "Uma Questão Urgente" (análise da objeção segundo a qual é preciso, primeiro, desenvolver a ação dos grupos locais, antes de se proceder à ação de um órgão comum; insistia-se sobre a importância primordial da "organização revolucionária", - sobre a necessidade de trazer para a organização, a disciplina, e a técnica do trabalho clandestina elevada à mais alta perfeição"). A proposta de fazer reaparecer a Rabótchaia Gazeta não foi realizada, e os artigos não foram impressos. O quarto fato. O membro do Comitê, que organizou o segundo congresso ordinário de

nosso Partido, deu conhecimento a um membro do grupo Iskra do

programa do congresso, e propôs a candidatura desse grupo para as funções de redator da Rabótchaia Gazeta a ser reinstituída. Tal providência, por assim dizer preliminar, foi em seguida sancionada também pelo Comitê ao qual pertencia, bem como pelo Comitê central do Bund; o grupo Iskra foi informado do lugar e da data do congresso, e (não fora assegurada, por determinadas razões, a possibilidade de enviar um delegado a esse congresso) também redigiu um relatório escrito especialmente para o congresso. O relatório exprimia a ideia de que a eleição do comitê central, em si, não nos permitiria resolver o problema da união nesse período de plena dispersão que vivemos, mas que, no caso de ocorrerem novas ondas de prisões, o que é mais do que provável que aconteça nas atuais e precárias condições do trabalho clandestino, ainda assim arriscaríamos a comprometer uma grande ideia: fundar um partido; era preciso, portanto, começar convidando todos os comitês e todas as outras organizações para apoiar o órgão comum reinstituído, que realmente ligaria todos os comitês através de laços efetivos, e prepararia realmente um grupo que assumiria a direção de todo o conjunto do movimento; os comitês e o Partido poderiam, então, transformar facilmente esse grupo criado pelos comitês em um comitê central, a partir do momento em que esse grupo crescesse e adquirisse forças. O congresso, entretanto, não pôde reunir-se por causa de uma série de detenções, e o relatório foi destruído por questões de segurança, após ter sido lido apenas por alguns camaradas, entre eles os delegados de um comitê. Agora, julgue o próprio leitor sobre a natureza de métodos como a alusão à usurpação, da parte do Bund, ou o argumento do Rabótcheie Dielo, que pretende termos nós proposto relegar os comitês ao reino das trevas, "substituir" a organização do Partido pela organização da difusão das ideias de um jornal. Sim, foi justamente perante esses comitês, após vários convites que deles partiram, que apresentamos relatórios sobre a necessidade de aceitar um determinado plano de trabalho comum. Foi justamente para a organização do Partido que elaboramos esse plano nos artigos destinados à Rabótchaia Gazeta e em um relatório para o congresso do Partido, e isso após termos sido convidados por aqueles que ocupavam posição tão influente no Partido, que assumiam a iniciativa de sua reconstituição (prática). E foi após o fracasso definitivo da nova tentativa de organização do Partido, para que juntamente conosco fosse oficialmente renovado o órgão central do Partido, que julgamos ser nosso primeiro dever lançar um órgão não oficial a fim de que, na terceira tentativa, nossos camaradas pudessem ter diante deles certos resultados advindos da experiência, e não apenas de conjecturas hipotéticas. No momento atual, certos resultados dessa experiência já se encontram diante de

nossos olhos, e todos os camaradas podem julgar se compreendemos bem nosso dever e a opinião daqueles que buscam induzir ao erro as pessoas que ignoram o passado recente, a despeito de termos mostrado a alguns, sua inconseqüência na questão "nacional", e a outros, a inadmissibilidade das vacilações por falta de princípios.

b) Pode um Jornal Ser um Organizador Colectivo?

O artigo "Por Onde Começar?" apresenta de essencial a colocação precisa dessa questão e sua resolução afirmativamente. Segundo sabemos, a única pessoa que tentou analisar a questão em profundidade e provar a necessidade de resolvê-la negativamente foi L. Nadejdine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra: "...A maneira como o Iskra põe em foco a necessidade de um jornal para toda a Rússia muito nos agrada, mas não podemos de forma alguma admitir que esse ponto de vista identifique-se ao título do artigo, "Por Onde Começar?. Inegavelmente isto constitui algo de extrema importância, mas não é com isso, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma

montanha de proclamações que os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário podem ser lançados. É preciso abordar a questão da criação de fortes organizações políticas locais. Não as temos, temos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, uma vez que as massas foram conduzidas quase que exclusivamente para a luta econômica. Sem fortes organizações políticas locais bem treinadas, de que serviria um jornal para toda a Rússia, mesmo que fosse perfeitamente organizado? Uma sarça ardente que queima sem se consumir, e que não inflama a ninguém! Ao redor desse jornal, por esse jornal, o povo reunir-se-á e organizar-se-á para a ação, assim pensa o Iskra. Mas, isto será feito de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto! Isto pode e deve consistir na criação de jornais locais em grande escala, na preparação imediata das forças operárias para manifestações; as organizações locais efetuarão uma ação constante entre os sem-trabalho (difundir sem cessar, entre eles, folhas volantes e panfletos; convocar os sem-trabalho para reuniões, exortá-los à resistência ao governo etc.) É preciso empreender localmente um trabalho político vivo; e quando surgir a necessidade da união nesse terreno real, não será artificial e não permanecerá no papel. Não será com jornais que se poderá unificar o trabalho local em um plano comum para toda a Rússia" (Às Vésperas da Revolução, p. 54). Grifamos nessa passagem eloqüente, os trechos que permitem melhor apreender a falsa ideia que o autor faz de nosso plano e, em geral, a falsidade do ponto de vista que ele opõe ao Iskra. Sem organizações políticas locais, fortes, e bem treinadas, de nada serviria à Rússia o melhor jornal que se pudesse fazer. Isto é absolutamente correto. Infelizmente, para educar pessoas para formar organizações políticas fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia. O autor não notou a declaração essencial do Iskra: a que precede a exposição de seu, "plano"; é preciso "apelar para a construção de uma organização revolucionária capaz de reunir todas as forças e que seja, não apenas

nominalmente, mas também, de fato, a dirigente do movimento, isto é, uma organização sempre pronta a apoiar cada protesto e cada explosão, aproveitando-os para aumentar e fortalecer um exército apto para se dedicar ao combate decisivo" . Agora, prossegue o Iskra, após os acontecimentos de fevereiro e de março, todo mundo em princípio estará de acordo com isso; ora, não necessitamos de urna solução que se baseie em princípios, mas de uma solução prática para a questão. É preciso formular imediatamente um plano preciso de construção para que, prontamente e de todos os lados, todo o mundo possa empreender essa construção. Ora, querem arrastar-nos de novo, para trás, afastando-nos da solução prática, em direção, a essa grande verdade, justa em princípio, incontestável, mas absolutamente insuficiente e incompreensível para a grande massa dos trabalhadores: "a formação de organizações políticas fortes". Não se trata mais disso, respeitável autor, mas da forma conveniente para se proceder precisamente à formação e de fato realizá-la. É falso que "tenhamos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, enquanto as massas conduziam quase que exclusivamente a luta econômica". Sob esta forma, esta afirmação desvia-se para a tendência radicalmente falsa, que a Svoboda sempre apresentou, de opor os operários instruídos à "massa". Durante esses últimos anos, os próprios operários, instruídos também conduziram, entre nós, "de forma quase exclusiva a luta econômica". Este é o primeiro ponto. Por outro lado, as massas jamais aprenderão a conduzir a luta política, enquanto não ajudarmos a formar dirigentes para essa luta, tanto entre os operários instruídos, como entre os intelectuais. Ora, tais dirigentes apenas podem ser educados iniciando-se na apreciação cotidiana e metódica de todos os aspectos de nossa vida política, de todas as tentativas de protesto e de luta das diferentes classes e por diferentes motivos. Por isso, falar de "formação de organizações políticas" e ao mesmo tempo opor "à trabalheira da papelada" de um jornal político ao "trabalho

político vivo no plano local" é simplesmente ridículo! O Iskra não procura ajustar o "plano" de seu jornal ao "plano" que consiste em realizar um "grau de preparação" que permita apoiar ao mesmo tempo o movimento dos sem-trabalho, as revoltas camponesas, o descontentamento dos membros dos zemstvos, "a cólera da população contra um bachibuzuque tzarista enfurecido"etc. De fato, todos aqueles que conhecem o movimento sabem muito bem que a grande maioria das organizações locais nem mesmo pensa nisso; que muitos dos projetos de "trabalho político vivo", aqui indicados, ainda não foram executados por nenhuma organização; que, por exemplo, a tentativa de chamar a atenção para o crescimento do descontentamento e dos protestos entre os

intelectuais dos zemstvos, descontenta também a Nadejdine ("Deus! Não é aos membros dos zemstvos que esse órgão está dirigido?" Às Vésperas da Revolução, p. 129), aos "economistas" (carta no nº 12 do Iskra) e a numerosos ativistas. Nessas condições, pode-se "começar" somente por isto: incitando as pessoas a pensar em tudo isso, a totalizar e a generalizar até as menores manifestações de efervescência e de luta ativa. Em uma época onde as tarefas da social-dernocracia são depreciadas, não se pode começar o "trabalho político vivo" senão através de uma agitação política viva, o que é impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e seja difundido de forma regular. Os que vêem no "plano" do Iskra apenas "literatura", não o compreenderam em sua essência; tomaram como fim o que se propõe, no momento presente, como o meio mais indicado. Essas pessoas não se deram ao trabalho de refletir sobre as duas comparações que ilustram esse plano de maneira relevante. A elaboração de um jornal político para toda a Rússia - escrevia-se no Iskra - deve ser o fio condutor: seguindo-o, poderemos desenvolver ininterruptamente essa organização, aprofundá-la e alargá-la (isto é, a organização revolucionária sempre pronta a apoiar todo protesto e efervescência). Por favor, digam-me: quando, os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um enorme edifício, de linhas absolutamente originais, esticam um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica o objetivo final de todo o trabalho, que lhes permite colocar não apenas cada pedra, mas até cada pedaço de pedra que, cimentado ao que o precedeu e ao que o sucede, formará a linha definitiva e total. Será isto um trabalho "'de escrita"? Não é evidente que, hoje, atravessamos em nosso Partido um período em que, possuindo as pedras e os pedreiros, falta-nos exatamente esse fio que fosse visível para todo o mundo e ao qual cada um pudesse se ater? Deixemos gritar aqueles que sustentam que, esticando o fio, queremos é mandar: se assim fosse, Senhores, ao invés de intitularmos nosso jornal de Iskra nº 1, teríamos utilizado o nome de Rabótchaia Gazeta nº 3, como nos fora proposto por alguns camaradas e como teríamos pleno direito de fazê-lo, após os acontecimentos relatados anteriormente. Mas não o fizemos, porque queríamos ter as mãos livres para combater sem piedade todos os pseudo-sociais-democratas: a partir do momento em que nosso fio fosse esticado corretamente, queríamos que fosse respeitado por sua própria retidão, e não por ter sido esticado por um órgão oficial. "A unificação da atividade local nos órgãos centrais é uma questão que se movimenta em um círculo vicioso", diz sentenciosamente L. Nadejdine. "Para tal unificação, necessitamos de elementos

homogêneos: ora, essa homogeneidade não pode ser criada senão por algo que a unifique; mas isto só pode ser o produto de organizações locais fortes que, no momento presente, não se distinguem exatamente pela homogeneidade". Verdade tão respeitável e tão incontestável como a que afirma a necessidade de educar pessoas para formar organizações políticas fortes. Verdade, porém, não menos estéril. Toda questão "movimenta-se em um círculo vicioso", pois, toda a vida política é uma cadeia sem-fim composta de um número infinito de elos. A arte do político consiste precisamente em encontrar o elo e a ele agarrar-se fortemente, o elo mais difícil de escapar das mãos, o

. Se tivéssemos uma equipe de pedreiros experientes, suficientemente solidários para poder colocar as pedras onde é preciso (falando de forma. a abstrata, isto não é impossível de todo), mesmo sem um cordão de afinhamento, poderíamos, talvez, agarrar-nos a um outro elo. Entretanto, infelizmente ainda não temos esses pedreiros experientes e solidários; e, com muita frequência, as pedras são colocadas sem alinhamento, ao acaso, a tal ponto deslocadas que basta ao inimigo um sopro para dispersá-las, não como se fossem pedras, mas sim, grãos de areia. Outra comparação: "O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo; é também um organizador coletivo. A esse respeito, pode-se compará-lo aos andaimes que se levantam ao redor de um edifício em construção; constitui o esboço dos contornos do edifício, facilita as comunicações entre os diferentes construtores, permitindo-lhes que repartam a tarefa e atinjam o conjunto dos resultados obtidos pelo trabalho organizadomais importante naquele momento, e que garanta a seu possuidor a melhor forma de manter toda a cadeia (4) (5). Pode-se realmente dizer que, da parte de um literato, de um homem especializado no trabalho de gabinete, haveria um exagero de seu papel? Os andaimes não são de modo algum necessários à construção em si; são feitos com material da pior qualidade; são utilizados durante um curto período de tempo e atirados ao fogo antes de estar a obra terminada. No que diz respeito à construção de organizações revolucionárias, a experiência confirma que, por vezes, é possível construí-las mesmo sem andaimes - como em 1870-1880. Mas, nesse momento, não podemos sequer imaginar a possibilidade de construir sem andaimes o edifício de que necessitamos. Nadejdine não está de acordo com isto, e diz: "Em torno desse jornal, por esse jornal, o povo reunir-se-á e organizar-se-á para a ação; assim pensa o Iskra. Mas, isto será feito de modo muito mais rápido através da reunião e da organização em torno de um trabalho mais concreto!" Certo, certo: "de modo muito mais rápido em torno de um trabalho mais concreto"... 0 provérbio

russo diz: "Não cuspa no poço, pois precisará da água para saciar a sua sede." Mas há quem não se importe de saciar a sede em poço onde se cuspiu. Nessa busca do mais concreto, quantas infâmias não foram levados a dizer e a escrever os nossos notáveis "críticos" legais "do marxismo" e os admiradores ilegais da Rabótchaia Mysl. Como nosso movimento está comprimido pela nossa estreiteza, nossa falta de iniciativa e de ousadia, justificadas por argumentos tradicionais semelhantes àquele que afirma ser muito mais rápido reunir-se em torno de um trabalho mais concreto! E Nadejdine, que pretende ser particularmente dotado do senso das "realidades", que condena tão severamente os homens "de gabinete", que (com pretensões de sagacidade) recrimina o Iskra por sua fraqueza em ver por toda a parte o "economismo", que imagina estar muito acima dessa divisão em ortodoxos e críticos, Nadejdine não percebe que, através de seus argumentos, faz o jogo dessa estreiteza que o indigna, e que também bebe nos poços onde se cuspiu! Sim, a indignação mais sincera contra a estreiteza, o desejo mais ardente de desiludir aqueles que a reverenciam não são o bastante, se aquele que se indigna, erra ao sabor dos ventos, sem velas nem leme, e se se aferra instintivamente", tal como os revolucionários de 1870-1880, ao "terrorismo excitativo", ao "terrorismo agrário", ao "toque a rebate" etc. Vejamos, agora. em que consiste esse "algo de mais concreto" em torno do qual, pensa o autor, "será feita de modo muito mais rápido" a reunião e a organização: 1º) jornais locais; 2º) preparação de manifestações; 3º) ação entre os sem-trabalho. Vê-se, à primeira vista, que todas essas coisas foram tomadas ao completo acaso, ao azar, unicamente para dizer alguma coisa, pois, qualquer que seja o modo com que sejam consideradas, seria um verdadeiro absurdo que aí se encontrasse algo especialmente suscetível de levar à "reunião e organização". Além disso, o próprio Nadejdine declara duas páginas adiante: "Já é tempo de constatarmos simplesmente esse fato: na província o trabalho é ínfimo, os

comitês não fazem um décimo do que poderiam... os centros de unificação que possuímos, atualmente, são apenas ficção, burocratismo revolucionário, mania geral de se atacar mutuamente, e assim será enquanto não forem constituídas organizações locais fortes." Essas palavras, ainda que exageradas, encerram incontestavelmente uma grande e amarga verdade; mas, como Nadejdine não enxerga, que o trabalho local ínfimo é resultado da estreiteza de visão dos militantes, da pequena envergadura de sua ação, coisas inevitáveis devido à falta de preparação dos militantes confinados ao quadro das organizações locais? Teria esquecido, tal como o autor do artigo publicado, na Svoboda sobre a organização, que em seus primórdios a formação de uma

grande imprensa local (a partir de 1898) foi acompanhada por uma intensificação especial do "economismo" e do "trabalho artesanal"? E mesmo que fosse possível organizar de forma conveniente "uma grande imprensa local" (cuja impossibilidade, salvo raríssimas exceções, já demonstramos anteriormente), as organizações locais não poderiam "reunir e organizar" todas as forças de revolucionários para uma ofensiva geral contra a autocracia, para a direção da luta comum. Não se esqueçam que, aqui, trata-se unicamente de um jornal como "fator de recrutamento", de organização, e que poderíamos devolver a Nadejdine, campeão do fracionamento, a questão irônica que ele próprio nos coloca: "Teríamos recebido como herança 200.000 organizadores revolucionários?" Além disso, não seria possível opor a preparação de manifestações" ao plano do Iskra, pela simples razão de esse plano prever justamente as manifestações de maior repercussão como um dos objetivos a atingir; porém, aqui se trata de escolher o meio prático. Mais uma vez Nadejdine enveredou por um caminho falso; esqueceu que apenas um exército já "recrutado e organizado" pode "preparar" manifestações (que até agora, na grande maioria dos casos, desenrolaram-se de maneira espontânea). Ora, o que exatamente não sabemos fazer, é recrutar e organizar. "Ação entre os sem-trabalho." Sempre a mesma confusão, pois aí também se trata de uma operação militar de uma tropa mobilizada, e não de um plano de mobilização de tropas. Veremos até que ponto Nadejdine ainda subestima o prejuízo que nos causou nosso fracionamento, a ausência entre nós de "200.000 organizadores". Muitos (entre eles Nadejdine) recriminaram o Iskra por fornecer precárias informações sobre o desemprego, e dar apenas notícias fortuitas sobre as ocorrências mais comuns da vida rural. A recriminação tem fundamento; nesse caso, porém, o Iskra é "culpado sem ter culpa". Esforçamo-nos para "esticar nosso cordão" também no campo; mas aí quase não há pedreiros; é preciso que encorajemos todos aqueles que nos comunicam os fatos, mesmo os mais corriqueiros, na esperança de que isso aumente o número de nossos colaboradores nesse campo, e que nos ensine, a todos, a escolher, afinal, os fatos verdadeiramente relevantes. Mas, a documentação para o estudos é tão restrita que, se não for difundida para toda a, Rússia, decididamente nada teremos para nos instruir. Naturalmente, um homem que possua algumas das capacidades de agitador de Nadejdine e seu conhecimento da vida dos vagabundos poderia, através de agitação efetuada entre os sem-trabalho, prestar serviços inestimáveis ao movimento; porém, esse homem desperdiçaria seu talento se não se preocupasse em colocar todos os camaradas russos ao corrente do menor progresso de sua ação, a fim de dar

exemplo e informações às pessoas que, em sua grande maioria, nem mesmo sabem ainda juntar-se a essa tarefa, que lhes é desconhecida. Hoje, sem exceção, todos falam da importância que se atribui à unificação, da necessidade de "recrutar e organizar"; mas a maior parte das vezes não se tem ideias definidas sobre a questão de saber por onde começar e como realizar essa unificação. Sem dúvida estarão de acordo que para "unificar", por exemplo, os círculos de bairro de uma cidade, é preciso que haja instituições comuns, isto é, não apenas o nome comum de "união", mas um verdadeiro trabalho comum, uma troca de documentação, experiência e forças, uma

os contornos gerais, as proporções e o caráter dessa obra; as lacunas que se fazem sentir mais fortemente na ação conduzida em escala nacional, os lugares onde a agitação é deficiente e onde a ligação é precária, as engrenagens do imenso mecanismo comum que o círculo poderia reparar ou substituir por outras melhores. Um círculo, que ainda não trabalhou e procura fazê-lo, poderia começar não como um artesão isolado em sua pequena oficina, que não conhece nem a evolução anterior da "indústria", nem o estado geral dos meios de produção industrial, mas como o colaborador de uma grande empresa que reflete o impulso revolucionário geral contra a autocracia. E quanto mais perfeito fosse o acabamento de cada engrenagem, mais numerosos seriam os trabalhadores empregados nos diferentes detalhes da obra comum, mais densa seria nossa rede, e menores as inevitáveis detenções a perturbar nossos escalões. A própria função de difusão do jornal começaria a criar uma ligação efetiva (se esse jornal fosse digno do nome, isto é, se aparecesse regularmente e não uma vez por mês, como as grandes revistas, mas cerca de quatro vezes por mês). As relações entre cidades quanto às necessidades da causa revolucionária são, hoje, muito raras e, quando existem, constituem exceção; tornar-se-iam, então, uma regra e assegurariam, bem entendido, não apenas a difusão do jornal, mas também (o que é mais importante) a troca de experiências, documentação, forças e recursos. O trabalho de organização assumiria amplitude muito mais considerável, e o sucesso obtido em uma localidade encorajaria constantemente o aperfeiçoamento do trabalho, incitaria o aproveitamento da experiência já adquirida pelos camaradas que militassem em outro ponto do país. O trabalho local ganharia infinitamente em extensão e variedade; as revelações políticas e econômicas coletadas em toda a Rússia forneceriam o alimento intelectual aos operários de todas as profissões e todos os graus de desenvolvimento; forneceriam material e oportunidade para debates e conferências sobre as mais variadas questões, suscitadas, também, pelas alusões da imprensa legal, pelas conversas em

sociedade e pelos "tímidos" comunicados do governo. Cada explosão, cada manifestação seriam apreciadas e examinadas sob todos os seus aspectos, em todos os pontos da Rússia; provocaria o desejo de não se ficar atrás dos outros, de se fazer melhor que os outros - partilha de funções para cada atividade dentro da cidade, não somente por bairros, mas por especialidades. Todo mundo concordará que um aparelho clandestino sério não poderá realizar seus encargos (se for permitido empregar essa expressão comercial), se estiver limitado aos "recursos" (materiais e humanos, bem entendido) de um único bairro, e que o talento de um especialista não poderá ser desenvolvido em campo de ação tão restrito. Isso também ocorre em relação à união das diferentes cidades, pois a história de nosso movimento social-democrata já demonstrou e mostra que o campo de ação de uma localidade isolada é extremamente limitado: isto já foi provado anteriormente, de forma detalhada, pelo exemplo da agitação política e do trabalho de organização. É preciso - e indispensável - antes de tudo, alargar esse campo de ação, criar uma ligação efetiva entre as cidades à base de um trabalho regular comum, pois o fracionamento reprime as faculdades daqueles que, "encerrados em uma torre" (segundo a expressão do autor de uma carta ao Iskra), ignoram o que se passa no mundo, não sabem com quem se informar, como adquirir a experiência, como satisfazer sua sede de uma ação extensa. E insisto em sustentar que apenas se pode começar a criar essa ligação efetiva com um jornal comum, empresa única e regular para toda a Rússia, que resumirá as mais variadas atividades e incitará as pessoas a progredir constantemente por todos aqueles numerosos caminhos que conduzem à revolução, da mesma forma e todos os caminhos levam a Roma. Se queremos nos unir não apenas em palavras, é preciso que cada círculo local imediatamente reserve, digamos, um quarto de suas forças para a participação ativa na obra comum. E o jornal mostrará prontamente (6)

(nós, socialistas, não recusamos absolutamente qualquer forma de emulação e "competição"!) - de preparar conscientemente o que antes fora feito de forma espontânea, de aproveitar as circunstâncias favoráveis de tempo ou de lugar para modificar o plano de ataque etc. Além disso, essa reanimação do trabalho local não conduziria a essa tensão desesperada, in extremis, de todas as forças, a esse estado de alerta de todos os nossos homens, a que nos obriga ordinariamente, hoje, toda manifestação ou número de jornal local: de um lado, a polícia teria muito mais dificuldade para descobrir as "raízes", não sabendo em qual localidade procurá-las;de outro lado, o trabalho comum regular ensinaria os homens a adequar um determinado ataque ao estado das forças desse ou daquele

destacamento de nosso exército comum (o que, hoje, quase ninguém pensa, pois, em cada dez ataques, nove produzem-se espontaneamente) e facilitaria o "transporte" não apenas da literatura de propaganda, mas de forças revolucionárias, de um lugar ao outro. Atualmente, em sua maioria, essas forças são exauridas no estreito campo de ação do trabalho local. Mas, então, haveria a possibilidade e a oportunidade constantes de transferir de um extremo a outro do país todo agitador ou organizador pouco capaz. Após terem começado por pequenas viagens para tratar de assuntos do Partido, às custas do Partido, os militantes estariam habituados a viver inteiramente por conta do Partido; tornar-se-iam revolucionários profissionais e preparar-se-iam para o papel de verdadeiros chefes políticos. E se realmente chegássemos a obter que a totalidade ou a maior parte dos comitês, grupos e círculos locais se associassem ativamente para a obra comum, poderíamos em breve elaborar um semanário, regularmente divulgado em dezenas de milhares de exemplares em toda a Rússia. Esse jornal seria parte de um gigantesco fole de urna forja que atiçasse cada fagulha da luta de classes e da indignação popular, para daí fazer surgir um grande incêndio. Em torno dessa obra em si ainda inofensiva e pequena, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, um exército permanente de lutadores experimentados seria sistematicamente recrutado e instruído. Sobre os andaimes e cavaletes dessa organização comum em construção, logo veríamos subir, saídos das fileiras de nossos revolucionários, os Jeliabov sociais-democratas e, saídos das fileiras de nossos operários, os Bebel russos que, à frente desse exército mobilizado, levantariam todo o povo para fazer justiça à vergonha e à maldição que pesam sobre a Rússia. É com isto que precisamos sonhar! "É preciso sonhar!" Escrevo essas palavras e de repente tenho medo. Imagino-me sentado no "congresso de unificação", tendo à minha frente os redatores e colaboradores do Rabótcheie Dielo. E eis que se levanta o camarada Martynov e, ameaçador, dirige-me a palavra: "Mas, permita-me perguntar! Uma redação autônoma ainda tem o direito de sonhar sem ter comunicado tal fato aos comitês do Partido?" Depois, é o camarada Kritchévskí que se dirige a mim e (aprofundando filosoficamente o camarada Martynov, que há muito tempo já aprofundara o camarada Plekhânov) continua ainda mais ameaçador: "Irei mais longe. Pergunto-lhe: um marxista tem, em geral, o direito de sonhar, se já não esqueceu, segundo Marx, que a humanidade sempre se atribuí tarefas realizáveis, e que a tática é um processo de crescimento das tarefas do Partido, que crescem junto com o Partido?" À simples ideia dessas questões ameaçadoras sinto um calafrio, e penso apenas em uma coisa: onde me esconder. Tentemos nos

esconder atrás de Pissarev. "Há desacordos e desacordos", escrevia Pissarev sobre o desacordo entre o sonho e a realidade. "Meu sonho pode ultrapassar o curso natural dos acontecimentos, ou desviar-se para uma direção onde o curso natural dos acontecimentos jamais poderá conduzir. No primeiro caso, o sonho não produz nenhum mal; pode até sustentar e reforçar a energia do trabalhador... Em tais sonhos, nada pode corromper ou paralisar a força de trabalho. Ao contrário. Se; o homem fosse, completamente desprovido da faculdade de sonhar assim,

se não pudesse de vez em quando adiantar o presente e contemplar em imaginação o quadro lógico e inteiramente acabado da obra que apenas se esboça em suas mãos, eu não poderia decididamente compreender o que levaria o homem a empreender e realizar vastos e fatigantes trabalhos na arte, na ciência e na vida prática... O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo se, cada vez que sonha, o homem acredita seriamente em seu sonho, se observa atentamente a vida, compara suas observações com seus castelos no ar e, de uma forma geral, trabalha conscientemente para a realização de seu sonho. Quando existe contato entre o sonho e a vida, tudo vai bem". Infelizmente há poucos sonhos dessa espécie em nosso movimento. E a culpa é sobretudo de nossos representantes da crítica legal e do "seguidismo" ilegal, que se gabam de sua ponderação, de seu "senso" do "concreto".

c) Qual o Tipo de Organização de que Necessitamos?

0 leitor pode ver, pelo que foi dito anteriormente, que nossa "tática-plano" consiste em recusar o apelo imediato à ofensiva, em exigir a organização de um "assédio em regra da fortaleza inimiga", ou dito de outra forma: em exigir a concentração de todos os esforços para recrutar, organizar e mobilizar um exército permanente. Quando zombamos do Rabótcheie Dielo, que de um salto abandonou o "economismo" para atirar-se aos gritos sobre a necessidade da ofensiva (gritos que irromperam em abril de 1901, no nº' 6 do Listok do "Rabótcheie Dielo"), este jornal naturalmente nos atacou, acusando-nos de "doutrinarismo", de incompreensão do dever revolucionário, de apelo à prudência etc. Naturalmente, tais acusações, na boca dessa gente, não nos surpreenderam absolutamente, pois, não tendo essas pessoas princípios estáveis, ocultam-se atrás da profunda "tática processo"; também não nos surpreenderam as acusações de Nadejdine, que manifesta apenas o mais soberbo desprezo pelos princípios firmes de programa e de tática. Diz-se que a história não se repete. Nadjdine esforça-se de todas as maneiras para repeti-lo e imita com ardor Tkatchev, denegrindo "a educação revolucionária", clamando sobre a necessidade de "fazer soar o toque de rebate", pregando o "ponto de vista particular da aurora da revolução" etc. Ao que parece, Nadejdine esquece a conhecida frase que diz: se o original de um acontecimento histórico é uma tragédia, sua cópia é apenas uma farsa. A tentativa de tomada do poder, preparada pela propaganda de Tkatchev e realizada pelo terror, instrumento de "intimidação" e que realmente intimidava nessa época, era majestosa, enquanto o terrorismo "excitativo" desse Tkatchev em ponto pequeno é simplesmente ridículo, e ridículo sobretudo quando se combina a seu projeto de organização dos trabalhadores médios. "Se o Iskra", escreve Nadejdine, "saísse da esfera da literatura falsificada, veria que tais coisas (por exemplo, a carta de um operário publicada no nº 7 do Iskra etc.) são sintomas que atestam que a "ofensiva"' está muito, muito próxima, e que falar agora (sic) de uma organização onde todos os fios estariam unidos a um jornal para toda a Rússia, é produzir ideias abstractas e trabalho de gabinete em profusão." Vejam um pouco essa confusão inimaginável! De um lado, prega-se o terrorismo excitativo e "a organização dos trabalhadores médios", declarando que isso "será feito de modo muito mais rápido pelo agrupamento em torno de algo "mais concreto", por exemplo, em torno de jornais locais; de outro lado, pretende-se que falar "agora" de uma organização para toda a Rússia, é produzir em profusão ideias abstractas, isto é, para ser mais franco e simples, que "agora" já é muito tarde! E também não será muito tarde, respeitável L.Nadejdini para uma "organização ampla de jornais

locais"? Comparem a isso o ponto

de vista e a táctica do Iskra: o terrorismo excitativo é uma infantilidade; falar da organização particular dos trabalhadores médios e de uma ampla organização de jornais locais é escancarar as Portas ao "economismo". E preciso falar de uma única organização de revolucionários para toda a Rússia, e não será tarde para falar dela mesmo no próprio momento em que começar a verdadeira ofensiva, e não uma ofensiva formulada no papel: "Sim", prossegue Nadejdine, "no que diz respeito à organização, nossa situação está longe de ser brilhante; sim, o Iskra tem toda a razão de dizer que o grosso de nossas forças militares é constituída de voluntários e insurrectos... Está certo que considerem efectivamente o estado de nossas forças. Mas, por que se esquecem que a multidão absolutamente não está connosco e que, por conseguinte, não nos perguntará quando será preciso abrir as hostilidades e lançar-se ao 'motim'... Quando a própria multidão intervir com sua força destrutiva espontânea, será capaz de triturar, de esmagar o "exército regular", onde foi proposto que se procedesse a uma organização rigorosamente sistemática, que não houve tempo de se realizar". (0 grifo é nosso). Lógica espantosa! Precisamente porque "a multidão não está conosco?", é pouco razoável e inconveniente proclamar "a ofensiva" imediata, pois a ofensiva significa o ataque de um exército regular, e não a explosão espontânea de uma multidão. Precisamente porque a multidão é capaz de triturar e esmagar o exército regular, é absolutamente necessário que nosso trabalho de "organização rigorosamente sistemática", no exército regular, "combine-se" ao impulso espontâneo, pois haverá maiores oportunidades para que o exército regular não seja esmagado pela multidão, mas marche à sua frente, se nos apressarmos em proceder a essa organização. Nadejdine, engana-se, porque imagina que esse exército organizado sistematicamente age de forma a afastar-se da multidão, enquanto, na realidade, ocupa-se de uma agitação política intensificada e multiforme, isto é, de um trabalho que tende justamente, a aproximar e fundir em um todo a força destrutiva espontânea da multidão e a força destrutiva consciente da organização dos revolucionários. A verdade é que os Senhores atribuem aos outros suas próprias faltas; e é precisamente o grupo Svoboda que, introduzindo o terrorismo no programa, exorta assim à criação de uma organização de terroristas, ora, tal organização impediria verdadeiramente nosso exército de se aproximar da multidão que, infelizmente, ainda não está connosco, e, infelizmente, não nos pergunta ou raramente nos pergunta, como e quando é preciso abrir as hostilidades. "Não veremos chegar a revolução", continua Nadejdine amedrontando o Iskra, "como não vimos chegar os

acontecimentos atuais, acontecimentos que nos apanharam de surpresa". Esta frase, juntamente com as citadas anteriormente, demonstra-nos claramente o absurdo do "ponto de vista da aurora da revolução" (7), elaborado pela Svoboda. Esse "ponto de vista" especial reduz-se, propriamente, a proclamar que "agora" é muito tarde para deliberar e preparar-se. Mas, então, respeitável inimigo da 1iteratura falsificada", por que escrever 132 páginas impressas sobre "os problemas de teoria (8) e de tática"? Será que não percebem que, do "ponto de vista da aurora da revolução" seria melhor lançar 132.000 folhas volantes com esse breve apelo: "Abaixo o inimigo!" Aqueles que como o Iskra colocam a agitação política entre todo o povo à base de seu programa, de sua tática e de seu trabalho de organização, correm menos riscos de deixar a revolução acontecer sem percebê-la. As pessoas que, em toda a Rússia, ocupam-se em trançar os fios de uma organização, fios a serem ligados a um jornal para toda a Rússia, não deixaram de perceber os acontecimentos da primavera; ao contrário, ofereceram-nos a possibilidade de predizê-los. Não deixaram passar desapercebidas as manifestações descritas nos números 13 e 14 do Iskra: ao contrário, compreendendo seu dever de auxiliar o impulso espontâneo da multidão, participaram dessas manifestações e, ao mesmo tempo, contribuíram através de seu jornal para que

todos os camaradas russos percebessem o seu caráter e utilizassem sua experiência. Se continuarem vivos, verão acontecer a revolução que exigirá de todos nós, antes e acima de tudo, a experiência em matéria de agitação, e que saibamos sustentar (à maneira social-democrata) todos os protestos, dirigir o movimento espontâneo e preservá-lo dos erros dos seus amigos e ciladas dos seus, inimigos! Chegamos, assim, à última consideração que nos força a insistir, de forma particular, no plano de organização em torno de um jornal para toda a Rússia, através da colaboração de todos para esse jornal comum. Apenas essa organização poderá assegurar ao empreendimento de combate social-democrata a flexibilidade indispensável, isto é, a faculdade "de evitar a batalha em terreno descoberto com um inimigo numericamente superior, que concentrou suas forças em um único ponto e a faculdade de aproveitar a incapacidade do inimigo, quanto à estratégia militar, para atacá-lo onde e quando menos o espera". Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do Partido contando apenas com as manifestações e combates de rua, ou com "a marcha progressiva da obscura luta cotidiana". Devemos realizar sempre nosso trabalho cotidiano e devemos estar sempre prontos para tudo, porque com muita frequência é quase impossível prever a alternância dos períodos de explosão e dos períodos de calma

momentânea; e quando é possível prevê-los, não se pode tirar partido disso para remanejar a organização, pois, em um país autocrático, a situação muda com assombrosa rapidez: às vezes basta uma batida noturna dos janizaros tzaristas. E não seria possível imaginar a própria revolução sob a forma de um ato único (como parecem fazer os Nadejdine): a revolução será uma sucessão rápida de explosões mais ou menos violentas, alternando-se algumas fases de calma momentânea mais ou menos profunda. Por isso, a atividade essencial de nosso Partido, o palco de sua atividade, deve consistir em um trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos de vida e dirija-se às massas em geral. Ora, esse trabalho é inconcebível na Rússia atual, sem um jornal que interesse a todo o país e apareça com bastante frequência. A organização a ser constituída por si mesma em torno desse jornal, a organização de seus colaboradores (no sentido amplo de palavra, isto é, todos aqueles que trabalham para ele) estará pronta para tudo, para salvar a honra, o prestígio e a continuidade no trabalho do Partido nos momentos de grande "depressão" dos revolucionários, e para preparar, determinar o início e realizar a insurreição armada do povo. Suponhamos que ocorram prisões, o que é muito comum entre nós, em uma ou várias localidades. Como todas as organizações locais não trabalham em uma única obra comum e regular, essas detenções são seguidas, frequentemente, pela suspensão da atividade por vários meses. Mas, se todas trabalhassem para uma obra comum, mesmo que as detenções fossem muitas, bastaria algumas semanas e duas ou três pessoas enérgicas para restabelecer o contato dos novos círculos de jovens com o organismo central, círculos esses que, mesmo agora, surgem de maneira muito rápida, e que surgiriam e estabeleceriam ligações com esse centro de modo ainda muito mais rápido se essa obra comum, que sofre as consequências das detenções, fosse bem conhecida de todos. Suponhamos, por outro lado, que houvesse uma insurreição popular. Sem dúvidas, hoje todos concordam que devemos pensar e nos preparar para isso. Mas como preparar-nos? Terá um Comitê central que designar agentes em todas as localidades para preparar a insurreição? Mesmo que tivéssemos um comitê central que tomasse essa medida, nada poderia obter nas condições atuais da Rússia. Ao contrário, uma rede de agentesque se formasse por si própria trabalhando para a criação e a difusão de um jornal comum, não "esperaria de braços cruzado" a palavra de ordem de insurreição; realizaria exatamente uma obra regular, que lhe permitiria maiores chances de sucesso, (9) (10)

em caso de insurreição. Obra essa que reforçaria os laços com as massas operárias, em geral, e todas as camadas da população descontentes com a autocracia, o que é tão importante para a insurreição. É fazendo esse trabalho que aprenderíamos a avaliar, exatamente a situação política geral e, por conseguinte, a escolher o momento favorável à insurreição. É nesta espécie de ação que todas as organizações locais aprenderiam a reagir simultaneamente aos problemas, incidentes ou acontecimentos políticos que apaixonam toda a Rússia, a responder a esses "acontecimentos" da forma mais enérgica, uniforme, e racional possível. Pois, no fundo, a insurreição constituí a "resposta" mais enérgica, uniforme e racional de todo o povo ao governo. Tal ação ensinaria, de forma precisa, a todas as organizações revolucionárias, em todos os pontos da Rússia, a manter entre si relações mais regulares e, ao mesmo tempo, mais clandestinas, relações que dariam origem à unidade efetiva - do Partido, e sem as quais é impossível discutir coletivamente o plano de insurreição e tomar, às vésperas dessa insurreição, as medidas preparatórias necessárias, que devem ser mantidas no mais rigoroso sigilo. Em uma palavra, o "plano de um jornal político para toda a Rússia" não é fruto de trabalho de gabinete, realizado por pessoas corrompidas pelo doutrinarismo e pela 1iteratura falsificada" (como pareceu a pessoas que não refletiram o bastante sobre ele); ao contrário, é o plano mais prático para que nos possamos preparar para a insurreição, imediatamente e de todos os lados, sem que o trabalho normal e cotidiano seja esquecido por um instante.

Conclusão

A história da social-democracia russa divide-se nitidamente em três períodos. O primeiro abrange uma dezena de anos, aproximadamente de 1884 a 1894. Foi o período do nascimento e consolidação da teoria e do programa da social-democracia. Os partidários da nova orientação na Rússia eram contados nos dedos. A social-democracia existia sem o movimento operário, e atravessava, como partido político, um período de gestação. O segundo período estende-se por três ou quatro anos, de 1894 a 1898. A social-democracia vem ao mundo como movimento social, como ascensão das massas populares, como partido político. É o período da infância e da adolescência. Com a rapidez de uma epidemia, o entusiasmo geral pela luta contra o populismo propaga-se entre os intelectuais, que vão aos operários, bem corno difunde-se o entusiasmo geral dos operários pelas greves. O movimento faz enormes progressos. A maior parte dos dirigentes é constituída por jovens, que ainda não atingiram e ainda estão longe, "dos trinta, e cinco anos", que o Sr. N. Mikhailóvski considerava como uma espécie de limite natural. Por causa de sua juventude, revelam-se pouco preparados para o trabalho prático e saem de cena com muita rapidez. Na maioria das vezes, porém, seu trabalho apresentava grande amplitude. Muitos dentre eles tinham começado a pensar como revolucionários, como narodovoltsy. Quase todos, em sua primeira juventude, haviam cultuado os heróis do terror. Para subtraí-los à sedução dessa tradição heróica, foi preciso lutar, romper com pessoas que queriam a qualquer custo permanecer fiéis à "Narodnaia Volia", e a quem os jovens sociais-democratas tinham em alta estima. A luta impunha instruir-se, ler obras ilegais de todas as tendências, ocupar-se intensamente dos problemas do populismo legal. Formados nessa luta, os sociais-democratas iam ao movimento operário, sem esquecer "um instante" a teoria marxista que os iluminava como uma- luz brilhante, ou o objetivo de derrubar a autocracia. A formação de um Partido, na primavera de 1898, foi o fato mais marcante e ao mesmo tempo o último ato

dos sociais-democratas desse período. O terceiro período anuncia-se, como vimos, em 1897 e substitui definitivamente o segundo período em i898 (1898-?). E o período de dispersão, de desagregação, de vacilação. Tal como entre os adolescentes ocorre a mudança de voz, também a voz da social-democracia russa desse período começou a mudar, a soar falso - de um lado, nas obras dos Senhores Struve e Prokopovitch, Bulgakov e Berdiaiev; de outro, entre V.I. e R. M., entre B. Kritchévski e Martynov. Mas somente os dirigentes erravam, cada um de seu lado, e retrocediam: o movimento continuava a estender-se, a avançar a passos de gigante. A luta proletária ganhava novas

camadas de operárias e propagava-se através da Rússia, contribuindo ao mesmo tempo, indiretamente, para reanimar o espírito democrático entre os estudantes e as outras categorias da população. Mas a consciência dos dirigentes cedeu diante da grandeza e força do impulso espontâneo, entre os sociais- democratas já predominava uma outra fase, a dos militantes alimentados quase que unicamente pela literatura marxista "legal"; esta era cada vez mais insuficiente, à medida em que a espontaneidade das massas exigia desses militantes um maior grau de consciência. Os dirigentes não apenas ficaram para trás no plano teórico ("liberdade de critica"), como também no plano prático ("métodos artesanais de trabalho"), e ainda procuraram justificar seu atraso com toda espécie, de argumentos grandiloqüentes. A social-democracia foi nivelada ao sindicalismo, tanto pelos brentanistas da literatura legal como pelos seguidores da literatura ilegal. O programa do Credo começou a se realizar, principalmente quando o "trabalho artesanal" dos sociais-democratas, reanimou as tendências revolucionárias não sociais-democratas. E se o leitor me recrimina por ter me ocupado demasiadamente de um jornal como o Rabótcheie Dielo, responderei: O Rabótcheie Dielo assumiu importância "histórica", porque traduziu da forma mais relevante o "espírito" desse terceiro período. Não era o consequente R. M., mas Kritchévski e Martynov, que giram como cata-vento, que podiam exprimir da melhor forma a dispersão e as oscilações, o empenho em fazer concessões à "crítica", ao "economismo", e ao terrorismo. Não é o majestoso desdém pela prática, de um admirador 140 qualquer do "absoluto" que caracteriza esse período, mas exatamente a conjugação de um praticismo mesquinho e da mais completa despreocupação em relação à teoria. Os heróis desse período não se preocuparam tanto em negar diretamente as "grandes frases" como em banalizá-las: o socialismo científico deixou de ser um corpo de doutrina revolucionária e tornou-se uma mistura confusa, à qual foi acrescentado "livremente" o conteúdo de qualquer manual alemão novo; a palavra de ordem, "luta de classes", não conduzia a uma ação cada vez mais extensa e enérgica - servia de emoliente, pois a "luta econômica está indissoluvelmente ligada à luta política", a ideia de partido não estimulava a criação de uma organização revolucionária de combate, justificando uma espécie de "burocratismo revolucionário" e uma tendência pueril em brincar com as formas "democráticas". Ignoramos quando terminará o terceiro período e terá início o quarto (que, em todo caso, já se anuncia por numerosos sintomas). Do domínio da história, passamos aqui para o domínio do tempo presente e, em parte, para o do futuro. Mas. temos a firme convicção que o quarto período conduzirá à consolidação do marxismo militante: que a social-

democracia russa sairá da crise mais forte e viril: que a retaguarda dos oportunistas será "rendida" pela verdadeira vanguarda da mais revolucionária das classes. Exortando para que se faça essa "rendição" e resumindo tudo o que foi exposto anteriormente, podemos dar à pergunta "Que fazer?" uma breve resposta: Liquidar o terceiro período.

Anexo: Sobre a Unificação do Iskra e do Rabotcheie Dielo.

Resta-nos analisar a tática que o Iskra adotou e sistematicamente praticou em suas relações de organização com o Rabótcheie Dielo, tática que já foi perfeitamente explicada em um artigo dos Iskra, nº 1, sobre a "Cisão da União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro". Adotamos imediatamente o ponto de vista de que a verdadeira "União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro", reconhecida no primeiro congresso de nosso Partido pelo seu representante no estrangeiro, cindiu-se em duas organizações; que a questão da representação do Partido permanece aberta. sendo resolvida apenas provisória e condicionalmente pelo fato de dois membros representantes da Rússia terem sido designados para o Conselho Socialista Internacional Permanente, um para cada parte da "União" dividida. Declaramos que, no fundo, o Rabótcheie Dielo estava errado, deliberadamente nos colocamos, por princípio, ao lado do grupo "Liberação do Trabalho", recusando ao mesmo tempo entrar nos detalhes da cisão e assinalamos o mérito da "União" em relação ao trabalho puramente prático (1). Nossa posição, portanto, era até certo ponto uma posição de expectativa: concordáramos com a opinião que dominava entre a maioria dos sociais-democratas russos - de que mesmo os inimigos mais declarados do "economismo" podiam trabalhar de mãos dadas com a "União", tendo esta proclamado mais de uma vez sua concordância de princípios com o grupo "Liberação do Trabalho", sem pretender (parecia), afirmar seu caráter de independência nas questões fundamentais da teoria e tática. A correção da posição que adotamos foi confirmada, indiretamente, pelo fato seguinte: quase ao mesmo tempo em que aparecia o primeiro número do Iskra (dezembro de 1900), três membros separaram-se da "União" para formar o que se chamou "Grupo de Iniciadores", e dirigiram-se: 1, à seção do estrangeiro da organização do lskra, 2. à organização revolucionária "social-democrata" e 3. à "União", para oferecer sua mediação nas negociações de reconciliação. As duas primeiras organizações concordaram imediatamente, a terceira recusou. A verdade é que quando um orador expôs esses fatos no congresso de "unificação" do ano passado, um membro da administração da "União" declarou que tal recusa devia-se exclusivamente ao fato de a "União" estar descontente com a composição do Grupo de Iniciadores. Julgando mau dever participar dessa explicação, não posso, contudo, deixar de notar, de minha parte, que considero tal explicação insuficiente: conhecendo o acordo das duas organizações para estabelecer as conversações, a "União" poderia dirigir-se a elas, através de outro intermediário ou diretamente. Na primavera de 1901, a Zaria (nº 1, abril) e o Iskra (nº 4, maio) deram início a uma polêmica direta contra o Rabótcheie Dielo. O Iskra atacou

sobretudo a "Virada Histórica" do Rabótcheie Dielo que, em sua edição de abril e portanto depois dos acontecimentos da primavera, mostrou-se hesitante quanto ao entusiasmo pelo terror e os apelos "sanguinolentos". Apesar dessa polêmica, a "União" aceitou a retomada das negociações para reconciliação através da mediação de um novo grupo de "conciliadores". Uma conferência preliminar, composta de representantes das três organizações acima citadas realizou-se no mês de junho e elaborou um projeto de tratado à base de um "acordo de princípios", bastante detalhado, que a "União" fez imprimir na brochura Documentos do Congresso de "Unificação". O conteúdo desse acordo de princípios (ou resoluções da conferência de junho, como é chamado mais frequentemente) mostra com toda clareza que colocávamos como condição expressa

das resoluções, um orador teve toda razão de zombar disso. As resoluções estão longe de ser abstratas, respondeu ele; são extremamente concretas; basta um simples olhar para compreender que se queria "apanhar alguém". Essa última expressão daria origem, no congresso, a um episódio característico. De um lado, B. Kritchévski agarrou-se à palavra "apanhar", acreditando que se tratava de um lapso que denunciaria más intenções de nossa parte ("armar uma cilada"), e gritou pateticamente: "Quem é que se queria apanhar? - "Sim, quem?". perguntou Plekhânov, irônico. - Vou suprir a deficiência de perspicácia do camarada Plekhânov", respondeu B. Kritchévski, "vou lhe explicar quem se queria apanhar: a redação do "Rabótcheie Dielo" .(riso geral). "Mas não nos deixamos apanhar!" (exclamações à esquerda, Pior para vocês!). De outro lado, o membro do grupo "Borba" (grupo de conciliadores), falando contra as emendas da "União". às resoluções e desejoso de defender nosso orador, declarou que a palavra "apanhar" tinha sem dúvida escapado por acaso, no fogo da polêmica. De minha parte, imagino o que semelhante "defesa" custaria ao orador que fez uso da expressão. Penso que as palavras "queria-se apanhar alguém" "foram pronunciadas em tom de brincadeira, mas levadas a sério": sempre acusamos o Rabótchiei Dielo de instabilidade e vacilações. Portanto, é natural que se tenha desejado apanhá-lo, para tornar as vacilações impossíveis no futuro. Quanto às más intenções, tal não era a questão, pois tratava-se da instabilidade de princípios. E conseguimos "apanhar": a "União" com tanta camaradagemque as resoluções de junho foram assinadas pelo próprio B. Kritchévski e um outro membro da administração da "União". Os artigos no nº 10 do Rabótcheie Dielo (nossos camaradas só: puderam ver esse número quando chegaram ao congresso, alguns dias antes da abertura das sessões) mostraram nitidamente que, entre o

Verão e o Outono, uma nova "virada" ocorrera na "União": os "economistas" haviam tomado a dianteira, outra vez, e a redação, que gira "ao sabor do vento", recomeçara a defender "os bernsteinianos mais declarados", a "liberdade de crítica" e a "espontaneidade", e a pregar pela boca de Martynov a "teoria dessa Unificação, a negação definitiva de todas as manifestações de oportunismo em geral, e de oportunismo russo em particular. Diz o primeiro parágrafo: "Repudiamos toda tentativa de levar o oportunismo à luta de classe do proletariado, tentativa que está traduzida no que chama de "economismo", bernsteinismo, millerandismo, etc." "A atividade da social-democracia compreende... a luta ideológica contra todos os adversários do marxismo revolucionário" (§ 4, letra c). "Em todas as esferas do trabalho de organização e de agitação, a social-democracia não deve perder de vista por nenhum instante a tarefa imediata do proletariado russo: a derrubada da autocracia" (§ 5, letra a); ... "a agitação não apenas no campo da luta cotidiano dos assalariados contra o capital" (§ 5, b); "não reconhecendo ... a fase da luta puramente econômica e da luta pelas reivindicações políticas específicas" (§3, c); ... "consideramos importante para o movimento a crítica das tendências que erigem em princípio.... o caráter elementar e a estreiteza das formas interiores do movimento" §5, d). Mesmo a pessoa mais desinteressada, após ler com alguma atenção essas resoluções, verá pela própria maneira como foram formuladas, que visam aqueles que se mostraram oportunistas e "economistas"; que esqueceram, por um instante, a tarefa de derrubar a autocracia; que reconheceram a teoria dos estádios, erigida em princípio de estreiteza etc. E quem conhece, ainda que pouco, a polêmica estabelecida contra o Rabótcheie Dielo pelo grupo "Liberação do Trabalho", a Zaria e o Iskra, não pode duvidar sequer um instante que essas resoluções rejeitam, ponto por ponto, exatamente os erros em que o Rabótcheie Dielo incorreu. Por isso, quando os membros da "União" declararam ao congresso de "unificação" que os artigos inseridos no nº 10 do Rabótcheie Dielo não eram consequência da nova "virada histórica" da "União", mas, do caráter desmesuradamente "abstrato"(2) (3)

). Apesar das resoluções de junho indicarem com precisão a tarefa da social-democracia - "dirigir as menores manifestações da luta do proletariado contra todas as formas de opressão política, econômica e social' - exigindo assim que a unidade e o espírito de método sejam levados a tais manifestações de luta, a "União" acrescentava frases completamente inúteis, dizendo que "a luta econômica estimulava vigorosamente o movimento de massa" (essas palavras, em si mesmas, estão fora de discussão, mas devido à existência de um.

"economismo" estreito deveriam forçosamente dar lugar a falsas interpretações). Ainda mais, nas emendas às resoluções de junho chegava-se a restringir a "política": eliminando-se as palavras "Um instante" (não esquecer o objetivo da derrubada da autocracia) e acrescentando-se que "a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas à luta política ativa". Compreende-se que, após a introdução dessas emendas, todos os nossos oradores recusaram-se a falar, considerando que era totalmente inútil prosseguir as negociações com homens que de novo tendiam para o "economismo" e asseguravam a liberdade das vacilações. "O que a "União" considerou precisamente como a condição sine qua non da solidez do futuro acordo, isto é, a conservação do caráter de independência do Rabótcheie Dielo e de sua autonomia, o Iskra considerou como obstáculo para a realização desse acordo" (Dois Congressos, p. 25). Isto é por demais inexato. da restrição" à esfera de nossa influência política com o objetivo, de pretensamente acentuar essa influência). A justa observação de Parvus, de que é difícil pegar um oportunista com a armadilha de uma simples assinatura, mais uma vez foi confirmada: facilmente ele assinará qualquer papel, e com a mesma facilidade negará tal assinatura, pois o oportunismo compreende exatamente a ausência de princípios determinados e firmes. Hoje os oportunistas repudiam toda tentativa de introduzir o oportunismo, e toda estreiteza, prometendo solenemente "não esquecer um só instante a derrubada da autocracia", fazer "a agitação não somente contra o capital" etc. etc. E amanhã mudam o meio de expressão e retomam os velhos métodos sob o pretexto de defender a espontaneidade, a marcha progressiva da obscura luta cotidiana, exaltando as reivindicações que deixam entrever resultados tangíveis etc.. Continuando a afirmar que nos artigos do nº 10 a "União" não via, nem vê, qualquer digressão herética dos princípios gerais que fundamentaram o projeto da conferência (Dois Congressos, p. 26), manifesta assim apenas sua total incapacidade ou sua recusa de compreender a essência das, divergências. Após o nº 10 do Rabótcheie Dielo resta-nos apenas uma única tentativa: estabelecer uma discussão geral para nos certificar, se toda a "União" está solidária com esses artigos e com seu comitê de redação. E é isto que desagrada particularmente à "União": acusa-nos de querermos semear a discórdia dentro dela, de nos intrometermos onde não somos, chamados etc. Acusações gratuitas, evidentemente, pois com uma redação eleita, que "vira" à mais ligeira brisa, tudo depende de que lado sopra tal brisa, e nós determinamos tal direção em sessões privadas, onde não havia exceto os membros das organizações que desejavam unir-se. A proposta feita em nome da "União" sobre

as emendas às resoluções de junho diluiu nossa última esperança de entendimento. Tais emendas confirmaram o fato de nova "virada" em direção ao "economismo" e a solidariedade da maioria da "União" com o nº 10 do Rabótcheie Dielo. Do conjunto dessas manifestações de oportunismo, eliminava-se o que se chama de "economismo" (por causa da pretensa "indeterminação do sentido" dessas palavras embora disso decorra a necessidade se definir com maior precisão a essência do erro amplamente difundido); eliminou-se também o "millerandismo" (embora B. Kritchévski o tenho defendido no Rabótcheie Dielo nº 2-3, p. 83-83, e de forma ainda mais explícita no Vorwarts(4)

Nunca atentamos contra a autonomia do Rabótcheie Dielo(5). Efetivamente, negamos de maneira categórica a independência de seu caráter, se por isso se entende o "caráter de independência" nas questões de princípio em matéria de teoria e de tática: as resoluções de junho implicam justamente a negação absoluta de tal independência de caráter, pois essa "independência de carácter" sempre significou na prática, repetimos, toda sorte de vacilações e o apoio que prestam ao estado de dispersão em que nos encontramos, a que é insuportável do ponto de vista do Partido. Pelos seus artigos no nº 10 e suas "emendas", o Rabótcheie Dielo demonstrou claramente seu desejo de preservar essa independência de caráter; ora, esse desejo conduziu, natural e inevitavelmente, à ruptura e à declaração de guerra. Mas estávamos prontos a reconhecer "a independência de carácter" do Rabótcheie Dielo, no sentido de que devia dedicar-se às fundações literárias nitidamente determinadas. A distribuição judiciosa dessas funções impunha-se por si própria: 1. revista científica, 2. jornal político, e 3. compilações e brochuras de divulgação. Somente o fato de concordar com tal distribuição já provaria o sincero desejo do Rabótcheie Dielo de acabar de uma vez por todas com os equívocos das resoluções de junho, apenas tal distribuição eliminaria os atritos eventuais e asseguraria de fato a solidez do acordo, servindo ao mesmo tempo de base a um novo impulso de nosso movimento e a novos sucessos. Não existe um único social-democrata russo que duvide que a ruptura definitiva da tendência revolucionária com a tendência oportunista deveu-se não a causas de "organização", mas exatamente, ao desejo manifestado pelos oportunistas de consolidar o carácter de independência do oportunismo, e de continuar a lançar a confusão nos espíritos através dos raciocínios à la Kritchévski e à la Martynov. Redigido no outono de 1901-fevereiro de 1902. Publicado pela primeira vez em brochura, em março de 1902.

Notas: Capítulo 1

(*) A propósito. É um fato quase único na história do socialismo moderno e extremamente consolador no seu gênero; pela primeira vez uma disputa entre tendências diferentes no seio do socialismo ultrapassa o quadro nacional para se tornar internacional. Anteriormente, as discussões entre lassalianos e eisenachianos, entre guesdistas e possibilistas, entre fabianos e sociais-democratas, entre norodovoltsy e sociais-democratas eram puramente nacionais, refletiam particularidades puramente nacionais, desenrolavam-se, por assim dizer, em planos diferentes. Atualmente (isto aparece, hoje, claramente) os fabianos ingleses, os ministerialistas franceses, os bernsteinianos alemães, os críticos russos formam todos uma única família, elogiam-se mutuamente, aprendem uns com os outros, e conduzem campanha comum contra o marxismo "dogmático". Será que nessa primeira amálgama verdadeiramente internacional com o oportunismo socialista a social-democracia revolucionária internacional fortalecer-se-á suficientemente para acabar com a reação política que há tanto tempo prejudica a Europa? (retornar ao texto)

(1) A comparação entre as duas tendências do proletariado revolucionário (tendência revolucionária e tendência oportunista) e as duas tendências da burguesia revolucionária do século XVIII (a tendência jacobina - a "Montanha" - e a tendência girondina) foi feita no editorial do número 2 do Iskra (fevereiro de 1901). Plekhânov é o autor deste artigo. Falar do "jacobinismo" na social-democracia russa é ainda hoje o tema favorito dos "cadets". Dos "bezzaglavtsy", e dos mencheviques. Mas, como Plekânov utilizou esta noção, pela primeira vez, contra a ala direita da social-democracia, hoje em dia prefere-se esquecer ou silenciar sobre o fato. (Nota do autor à edição russa de 1907. N. R.). (retornar ao texto)

(2) Quando Engels atacou Dühring, para quem se inclinavam muitos representantes da social-democracia alemã, as acusações de violência, de intolerância, de falta de camaradagem na polêmica ergueram-se contra ele, até mesmo em público, no congresso do partido. Most e seus companheiros propuseram (no congresso de 1877) de não mais publicar no Vorwärts os artigos de Engels por "não apresentarem interesse para a grande maioria dos leitores"; Vahlteich declarou, de sua parte, que a inclusão desses artigos prejudicara muito o Partido; que Dühring também prestara serviços à social-democracia: "Devemos utilizar todo o mundo no interesse do Partido. e se os professores

discutem, o Vowärts não é arena para tais disputas". (Vorwärts n.º. 65, 6 de junho de 1877). Como se vê, também esse é um exemplo de defesa da "liberdade de crítica", exemplo sobre o qual fariam bem em refletir os nossos críticos legais e oportunistas ilegais, que tanto gostam de se referir aos alemães! (retornar ao texto)

(3) É preciso notar que, sobre a questão do bernsteinismo no Partido alemão, o Rabótcheie Dielo sempre se contentou em relatar pura e simplesmente os fatos, "abstendo-se" totalmente de uma apreciação própria. Ver, por exemplo, o número 2-3, p. 66, sobre o congresso de Stuttgart: todas as divergências se dirigem para a "tática" e se constata apenas que a grande maioria permanece fiel à tática revolucionária anterior. Ou o número 4-5, p. 25 e seguintes, simples repetição dos discursos no congresso de Hanôver, reproduzindo a resolução de Bebel a exposição e a crítica de Bernstein são novamente remetidas a um "artigo especial". 0 curioso é que na página 33, no número 4-5, lê-se: "... Acepções, expostas por Bebel, contam com o apoio da grande maioria do congresso", e um pouco mais adiante: "... David defendia as concepções de Bernstein... Em primeiro lugar, procurava mostrar que... Bernstein e seus amigos colocavam-se, apesar de tudo (sic) no campo da luta de classes"... Isto foi escrito em dezembro de 1899, e, em setembro de 1901,o Rabótcheie Dieto sem dúvida já perdeu a confiança na exatidão das afirmações de Bebel e retoma o ponto de vista de David como o seu próprio! (retornar ao texto)

(4) Alusão ao artigo de K. Touline contra Struve, artigo redigido com base na conferência intitulada: Influencia do Marxismo Sobre a Literatura Burguesa. (retornar ao texto)

(5) 0 termo "economismo" foi utilizado entre aspas, da mesma forma que na tradução francesa, tendo em vista a intenção do Autor de ressaltar seu sentido irônico. (Nota da tradução brasileira). (retornar ao texto)

(6) Trata-se do Protesto dos 17 contra o Credo. 0 autor dessas linhas participou da redação desse protesto (fins de 1899). 0 protesto e o Credo foram impressos no exterior, na primavera de 1900. Sabe-se, agora, por um artigo da Senhora Kuskova (publicado no Byloie, creio eu) que foi ela a autora do Credo. E entre os "economistas" dessa época, no exterior, um papel marcante foi desempenhado por M. Prokopovitch. (retornar ao texto)

(7) Pelo que sabemos, a composição do Comitê de Kiev foi modificada posteriormente.(retornar ao texto)

(8) Esta ausência de coesão verdadeira no partido e de tradição de partido constitui, por si só, uma diferença fundamental entre a Rússia e a Alemanha, que deveria ter posto qualquer socialista de espírito sensato em guarda contra qualquer imitação cega. Aqui está uma amostra daquilo a que chegou a "liberdade de crítica" na Rússia. O critico russo, M. Bulgákov, faz esta observação ao crítico austríaco, Hertz: "Apesar de toda a independência de suas conclusões, Hertz, quanto a esse ponto (a cooperação), permanece aparentemente bastante ligado à opinião de seu partido e, embora em desacordo quanto aos detalhes, não se revolve a abandonar o princípio geral" (0 Capitalismo e a Agricultura. t. 11, p. 287). Um súdito de um Estado politicamente escravizado, no qual 999/1000 da população estão corrompidos até a medula dos ossos pelo servilismo político e não têm qualquer ideia sobre a honra e a coesão do partido, repreende à altura um cidadão de um Estado constitucional, por estar demasiado "ligado à opinião do partido"! Nada mais resta às nossas organizações ilegais do que põe-se a redigir resoluções sobre a liberdade de crítica.... (retornar ao texto)

Notas: Capítulo 2

(1) Rabótcheie Dielo n.º. 10, setembro de 1901, p, 17 e 18. (retornar ao texto)

(2) O sindicalismo não exclui absolutamente toda "política", como por vezes se pensa. Os sindicatos sempre conduziram certo tipo de propaganda e certas lutas políticas (porém, não sociais-democratas). No capítulo seguinte, exporemos a diferença entre a política sindical e a política social-democrata. (retornar ao texto)

(3) A. Vaneiev morreu em 1899, na Sibéria Oriental, de tuberculose contraída durante sua prisão preventiva. Por isso, julgamos possível publicar as informações no texto: respondemos por sua autenticidade, pois provêm de pessoas que conheceram pessoal e intimamente A. Vaneiev. (retornar ao texto)

(4) "Criticando a atividade dos sociais-democratas dos últimos anos de século XIX, o Iskra não leva em conta a ausência, à essa época, de condições para um trabalho, que não a luta em favor de pequenas reivindicações." Assim falam os "economistas" em sua Carta aos Órgãos Sociais-Democratas Russos (Iskra, n.º. 12). Os fatos citados no texto provam que essa afirmação sobre a "ausência de condições" é diametralmente oposta à verdade. Não apenas por volta de 1900, mas também em 1895, todas as condições foram reunidas para permitir outro trabalho além da luta por pequenas reivindicações, salvo uma preparação suficiente dos dirigentes. E eis que em lugar de reconhecer abertamente esta falta de preparação entre nós, ideólogos, dirigentes, os "economistas" querem rejeitar toda a culpa quanto à "ausência de condições", à influência do meio material determinando o caminho, do qual nenhum ideólogo conseguirá desviar o movimento. O que é isto senão submissão servil ao espontâneo, a admiração dos "ideólogos" pelos seus próprios defeitos? (retornar ao texto)

(5) Diga-se de passagem, que este elogio da Rabótchaia Mysl em novembro de 1898, quando o economismo sobretudo no estrangeiro definira-se completamente, partia do próprio V. I., que pouco depois tornou-se um dos redatores do Rabótcheie Dielo. E o Rabótcheie Dielo ainda negava, como continua a fazer a existência de duas tendências na social-democracia russa! (retornar ao texto)

(6) O seguinte fato característico mostra a exatidão dessa comparação. Quando, após a prisão dos "dezembristas", espalhou-se entre os operários da estrada de Schlüsselburg a notícia de que o provocador, N. Mikhailov (um dentista), ligado a um dos grupos estreitamente vinculados aos "dezembristas", contribuíra para denunciá-los, os operários indignados decidiram matar Mikhailov. (retornar ao texto)

(7) Extraído do mesmo editorial do primeiro número da Rabótchaia Mysl. Pode-se julgar através disso a preparação teórica desses "V. V. da social-democracia russa", que reproduziram essa grosseira vulgarização do "materialismo econômico" enquanto, em suas publicações, os marxistas faziam guerra ao verdadeiro V. V., desde há muito apelidado "o artesão da reação", por compreender da mesma maneira as relações entre o político e o econômico! (retornar ao texto)

(8) Os alemães possuem até uma palavra especial, Nur-Gewerkschaftler, para designar os partidários da luta "exclusivamente sindical". (retornar ao texto)

(9) Grifamos atuais para os fariseus que dão de ombros, dizendo: é fácil agora, denegrir a Rabótchaia Mysl, mas tudo isso constitui um passado longínquo. Mutato nomine de te fabula narratur, responderemos a esses fariseus modernos, cujo servilismo absoluto às ideias da Rabótchaia Mysl será demonstrado mais adiante. (retornar ao texto)

(10) Carta dos "economistas" no n.º. 12 do Iskra. (retornar ao texto)

(11) Rabótcheie Dielo, n.º. 10. (retornar ao texto)

(12) Neue Zeit, 1901-1902, XX, 1, n.º. 3, p. 79. 0 projeto da comissão de que fala K. Kautsky foi adotado (no final do ano passado) pelo Congresso de Viena sob uma forma um pouco modificada. (retornar ao texto)

(13) Naturalmente, isto não significa que os operários não participem dessa elaboração. Mas não participam na qualidade de operários, participam como teóricos do socialismo, como os Proudhon e os Weitling; em outras palavras, não participam senão na medida em que conseguem adquirir os conhecimento mais ou menos perfeitos de sua época, e fazê-los progredir. E para que os operários o consigam com maior frequência, é preciso esforçar-se o mais possível para elevar o nível da consciência dos operários em geral; é preciso que não se

limitem ao quadro artificialmente restrito da "literatura para operários", mas que saibam assimilar cada vez melhora literatura para todos. Seria mesmo mais exato dizer, em lugar de "se limitem", não sejam limitadas, porque os próprios operários leêm e desejariam ler tudo o quase escreve também para os intelectuais: somente alguns intelectuais (deploráveis) pensam que é suficiente falar "aos operários" da vida da fábrica e repisar aquilo que eles já sabem há muito tempo. (retornar ao texto)

(14) Diz-se frequentemente: a classe operária vai espontaneamente para o socialismo. Isto é perfeitamente justo no sentido de que, mais profunda e exatamente que as outras, a teoria socialista determina as causas dos males da classe operária: é por isso que os operários assimilam-na com tanta facilidade, desde que esta teoria não capitule, ela própria, diante da espontaneidade, desde que se submeta a essa espontaneidade. Isto está, em geral, subentendido, mas o Rabótcheie Dielo esquece-se precisamente desse subentendido, ou deturpa-o. A classe operária vai espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa mais difundida (e constantemente ressuscitada sob as mais variadas formas) é, porém, aquela que mais se impõe espontaneamente, sobretudo ao operário. (retornar ao texto)

(15) As Tarefas Atuais e a Tática dos Sociais-Democratas Russos, Genebra, 1898. Duas cartas à Rabótchaia Massi, escritas em 1897. (retornar ao texto)

(16) Defendendo esta sua primeira contraverdade ("ignoramos a que jovens camaradas referiam-se P. Axelrod"), o Rabótcheie Dielo acrescentou uma segunda, quando escreveu em sua "Resposta": "desde que a crítica das Tarefas foi feita, surgiram tendências, ou afirmaram-se tendências de forma mais ou menos nítida entre certos sociais-democratas russos, em direção ao exclusivismo econômico, que significam um passo atrás em relação ao estado de nosso movimento, tal como foi representado nas Tarefas" (p. 9). Isto é dito na "Resposta", aparecida em 1900. Ora, o primeiro número do Rabótcheie Dielo (com a crítica) apareceu em abril de 1899. Mas, não foi em 1899 que o "economismo" apareceu realmente? Não, foi em 1899, que se fez ouvir pela primeira vez, o protesto dos sociais-democratas russos contra o "economismo" (protesto contra o Credo). Quanto ao "economismo", nasceu em 1897, como o sabe perfeitamente o Rabótcheie Dielo, pois, desde novembro de 1898, (List. "Rabót.", n.º. 9-10),V. I. fazia elogios à Rabótchaia Mysl. (retornar ao texto)

(17) Veja-se, por exemplo, como encontra-se enunciada nesse artigo a

"teoria dos estádios", ou a teoria do "ziguezague tateante" na luta política: "As reivindicações políticas, comuns pelo seu caráter à toda a Rússia, devem, todavia, nos primeiros tempos (isto foi escrito em agosto de 1900) "corresponder à experiência extraída da luta econômica pela categoria determinada (.sic) dos operários. Somente (!) a partir dessa experiência é que se pode e se deve empreender a agitação política" etc. (p. 11). À página 4, erguendo-se contra as acusações de heresia economista, segundo ele absolutamente injustificadas, o autor exclama pateticamente: Qual é o social-democrata que ignora que, de acordo com a doutrina de Marx e Engels, os interesses econômicos das diferentes classes desempenham um papel decisivo na história e que, por conseguinte, a luta do proletariado pelos seus interesses econômicos deve, em particular, ter importância primordial para seu desenvolvimento de classe e sua luta emancipadora?" (0 grifo é nosso.) Este por conseguinte está absolutamente deslocado. Do fato de os interesses econômicos desempenharem um papel decisivo, não se segue deforma alguma que a luta econômica (= profissional) tenha um interesse primordial pois os interesses mais essenciais, "decisivos" das classes não podem ser satisfeitos, em geral, senão pelas transformações políticas radicais; em particular, o interesse econômico capital do proletariado não pode ser satisfeito senão por uma revolução política, substituindo a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado. B. Kritchévski repete o raciocínio dos "V. V. da social-democracia russa" (o político vem depois do econômico etc.), e dos bernsteinianos da social-democracia alemã (era justamente através de raciocínio análogo que Volimann, por exemplo, buscava demonstrar que os, operários devem começar por adquirir a "força econômica" antes de pensar na revolução política). (retornar ao texto)

(18) Ein Jahr der Verwirrung (Um Ano de Confusão), é o título que Mehring deu ao capítulo de sua História da Social-Democracia Alemã, onde descreve as hesitações e a indecisão manifestadas inicialmente pelos socialistas na escolha de uma "tática-plano" correspondente às novas condições. (retornar ao texto)

(19) Também não se deve esquecer que, resolvendo "teoricamente" a questão do terror, o grupo "Liberação do Trabalho" sintetizou a experiência do movimento revolucionário anterior. (retornar ao texto)

Notas: Capítulo 3

(1) A fim de evitar qualquer mal-entendido, fazemos notar que, na exposição que se segue, entendemos sempre por luta econômica (segundo o vocabulário em uso entre nós), a "luta econômica pratica" que Engels, na citação anteriormente mencionada, chamou a "resistência aos capitalistas", e que, nos países livres, é chamada luta profissional, sindical ou dos trade-unions. (retornar ao texto)

(2) Nesse capítulo, falamos unicamente da luta política e do seu conceito mais amplo ou mais restrito. Por isso, não assinalaremos senão de passagem a título de curiosidade, a acusação que o Rabótcheie Dielo faz ao Iskra de "reserva excessiva" no que diz respeito à luta econômica (Dois Congressos p. 27, inutilmente repetida por Martynov em seu folheto, A Social-Democracia e a Classe Operária) Se os senhores acusadores medissem (como gostam de fazer) em quilos ou em folhas impressas a seção do Iskra sobre a vida econômica, durante um ano, e a comparassem à mesma seção do Rabótcheie Dielo e da Rabótchaia Mys1 reunidos, constatariam sem dificuldade que, mesmo quanto a esse assunto, estão atrasados em relação a nós. Evidentemente, a consciência dessa simples verdade faz com que recorram a argumentos que mostram nitidamente sua confusão. Escrevem eles que, queira ou não, "o Iskra é obrigado a levar em conta as necessidades imperiosas da existência e a incluir ao menos (!!) a matéria dos correspondentes sobre o movimento operário" (Dois Congressos, p. 27). De fato, este é um argumento massacrante: contra nós! (retornar ao texto)

(3) Dizemos, "em geral", porque o Rabótcheie Dielo, no caso, trata dos princípios gerais e das tarefas gerais do partido, em conjunto. Certamente, de forma pratica, ocorrem casos onde o político deve efetivamente vir após a econômico, irias só os "economistas" dizem isso em uma resolução destinada a toda a Rússia. Há também casos onde se pode, "desde o início", conduzir uma agitação política "somente no terreno econômico, contudo, o Rabótcheie Dielo foi induzido a concluir que isto "não era de modo algum necessário" (Dois Congressos, p. 11). No capítulo seguinte, mostraremos que a tática dos “políticos" e dos revolucionários, longe de desconhecer as tarefas sindicais da social-democracia, é capaz apenas de assegurar a realização metódica dessas tarefas. (retornar ao texto)

(4) Expressões autênticas da brochura Dois Congressos, p. 31,32, 28 e30. (retornar ao texto)

(5) Dois Congressos, p. 32. (retornar ao texto)

(6) Rabótcheie Dielo, n.º. 10, P. 6. Esta é a variação de Martynov à aplicação da tese: "Todo passo adiante, todo progresso real, importa mais que uma dúzia de programas", aplicação feita ao estado caótico atual de nosso movimento. e que já caracterizamos acima. No fundo, não é mais do que a tradução russa da famosa frase de Bernstein: "0 movimento é tudo, o objetivo final não é nada."(retornar ao texto)

(7) "Se recomendamos aos operários que apresentem certas reivindicações econômicas ao governo, é evidentemente porque, no aspecto econômico, o governo autocrático está disposto, por necessidade, a fazer certas concessões.”.

(8) Rabótchaia Mysi, "Suplemento especial", p. 14. (retornar ao texto)

(9) Exigir que se "confira à própria luta econômica um caráter político é uma atitude que traduz da forma mais surpreendente o culto da espontaneidade no domínio da atividade política. Muito frequentemente. a luta econômica reveste-se de um caráter político de forma espontânea, isto é, sem a intervenção desse "bacilo revolucionário que são os intelectuais". Sem a intervenção dos sociais-democratas conscientes. Assim, a luta econômica dos operários na Inglaterra revestiu-se, também, de um caráter político sem a menor participação dos socialistas. Mas, a tarefa dos sociais-democratas não se limita à agitação política no terreno econômico: sua tarefa é transformar essa política sindical em uma luta política social-democrata, aproveitar os vislumbres de consciência política que a luta econômica fez penetrar no espírito dos operários para elevar esses últimos à consciência política social-democrata. Ora, em lugar de elevar e de fazer progredir a consciência política que desperta espontaneamente, os Martynov prostram-se diante da espontaneidade e repetem, repetem frequentemente até enjoarem, que a luta econômica "incita" os operários a pensar que estão frustrados em seus direitos políticos. É lamentável que esse despertar espontâneo da consciência política sindical "não incite" os Senhores a pensar em suas tarefas de sociais-democratas!(retornar ao texto)

(10) Para mostrar que todo esse discurso dos operários aos "economistas" não é pura invenção de nossa parte, referimo-nos a duas testemunhas que

conhecem plenamente o movimento operário, e são os menos inclinados a mostrar parcialidade por nós, "dogmáticos", uma vez que urna das testemunhas é um "economista" (que considera até o Rabótcheie Dielo como um órgão político!); o outro é um terrorista. O primeiro é o autor de um artigo notável, cheio de vida e de verdade: "O Movimento Operário de São Petersburgo e as Tarefas Práticas da Social-Democracia" (Rabótcheie Dielo, n.º 6). Divide os operários em: 1º) revolucionários conscientes: 2º) categoria intermediária, e 3º) o resto, a massa. Ora, a categoria intermediária "interessa-se frequentemente mais por questões da vida política do que por seus interesses econômicos diretos, cuja ligação com as condições sociais gerais já foi compreendida há muito"... A Rabótchaia Mysl é "asperamente criticada": "sempre' a mesma coisa, há muito tempo que o sabemos, e há muito tempo que o lemos"; "na seção política, nunca há nada" (p. 30-31). A própria terceira categoria: "a classe operária mais sensível, mais jovem, menos pervertida pela taverna e pela igreja, que quase nunca tem a possibilidade de encontrar uma obra política, fala a torto e a direito das manifestações da vida política, medita sobre as informações fragmentadas que lhe chegam sobre os motins dos estudantes" etc. Por sua vez o terrorista escreve: "... leêm uma ou duas vezes alguns fatos miúdos da vida das fábricas em cidades que não conhecem, depois param aí... isto é tratar o operário como criança... O operário não é uma criança." (Svoboda órgão do grupo revolucionário- socialista, p. 69 e 70). (retornar ao texto)

(11) 1 Martynov "apresenta um outro dilema, mais real (?)" (A Social-Democracia e a Classe Operária, p. 19): "Ou a social-democracia assume a direção imediata da luta e econômica do proletariado e a transforma. assim, em luta revolucionária de classe..." "Assim" quer dizer, provavelmente, através da direção imediata da luta econômica. Martynov que mostre onde viu ser possível transformar o movimento sindical em movimento revolucionário de classe, unicamente através do fato de se dirigir a luta sindical. Será que não compreende que, para realizar essa "transformação", devemos colocar-nos ativamente na "direção imediata" da agitação política sob todas as suas formas?...."Ou então essa outra perspectiva - a social-democracia - abandona a direção da luta econômica dos operários e, por isso, apara as asas, "Segundo a opinião, acima citada, do Rabótcheie Dielo, é o Iskra quem "abandona essa direção". Mas, como vimos, o Iskra faz muito mais do que o "Rabótcheie Dielo" para dirigir a luta econômica, com a qual, aliás, não se contenta, e em cujo nome não restringe suas tarefas políticas. (retornar ao texto)

(12) A primavera de 1901 foi marcada por grandes manifestações de rua. (retornar ao texto)

(13) Assim durante a guerra franco-prussiana. Liebknecht ditou um programa de ação para toda a democracia, como fizeram, em escala ainda maior. Marx e Engels, em 1848. (retornar ao texto)

(14) A falta de espaço não nos permitiu dar ao Iskra uma resposta ampla a essa carta extremamente característica dos "economistas". Ficamos muito felizes com sua publicação, pois já havia muito que ouvíamos dizer de diferentes lados, que o Iskra desviava-se do ponto de vista de classe, e esperávamos a ocasião favorável ou a expressão precisa dessa acusação em voga para responder. Ora, não é pela defensiva, mas pelo contra-ataque que temos o costume de responder aos ataques. (retornar ao texto)

(15) Entre esses artigos, o Iskra (n.º 3) publicou um artigo especial sobre os antagonismos de classe no campo. (retornar ao texto)

(16) Aqui se invocam "as condições concretas russas, que levam fatalmente o movimento operário ao caminho revolucionário". As pessoas não querem compreender que o caminho revolucionário do movimento operário pode ainda não ser o caminho social-democrata! De fato, toda a burguesia ocidental sob o absolutismo "impelia", impelia com conhecimento de causa os operários ao caminho revolucionário. Nós, sociais-democratas, não podemos nos contentar com isso. E se rebaixamos de um modo ou de outro a política social-democrata ao nível de uma política espontânea sindical, fazemos, através disso, exatamente o jogo da democracia burguesa. (retornar ao texto)

Notas: Capítulo 4

(1) Todas as passagens foram grifadas por nós. (retornar ao texto)

(2) Rabótchaia Mysl e Rabótcheie Dielo, em especial a "Resposta" a Piekhânov. *2 Quem Fará a Revolução Política? brochura publicada na Rússia, na compilação A Luta Proletária, e reeditado pelo Comitê de Kiev. *3 Renascimento do Revolucionarismo e Svoboda.(retornar ao texto)

(3) A luta do Iskra contra o joio provocou, da parte do Rabótcheie Dielo, esta saída indignada: "Para o Iskra, o sinal dos tempos não é tanto os grandes acontecimentos (da primavera); como os esforços em vão dos agentes de Zubatov para "legalizar" o movimento operário. Não vê que esses fatos depõem contra ele: testemunham que o movimento operário assumiu proporções inquietantes aos olhos do governo- (Dois Congressos, p. 27). A culpa disto cabe ao dogmatismo- desses ortodoxos "surdos aos imperativos da vida". Obstinam-se em não querer enxergar as espigas de um metro de altura e lutam contra o joio ao rés do chão! isto não significa "deformar o sentido da perspectiva em relação ao movimento operário russo?"(Idem, p. 27) (retornar ao texto)

(4) Aquele que se atirou à água, com medo de se molhar à chuva (N.T.). (retornar ao texto)

(5) Apenas observamos aqui que, tudo o que já dissemos sobre o "estimulo de fora", bem como todos os raciocínios ulteriores da Svoboda sobre a organização. referem-se inteiramente a todos os "economistas", aí também compreendidos os "rabotchedicitsy" que, em parte, pregaram e defenderam ativamente as mesmas formas de ver os problemas de organização, e em parte desviaram-se disso. (retornar ao texto)

(6) Esse termo seria talvez mais correto que o anterior, no que diz respeito à Svoboda, no Renascimento do Revolucionarismo defende-se o terrorismo, e no artigo em foco, o "economismo". "As uvas estão verdes", pode-se dizer em geral da Svoboda. A Svoboda tem excelentes aptidões e as melhores intenções, e, contudo, o resultado a que chega é principalmente a confusão, porque, pregando a continuidade da organização, a Svoboda nada quer saber da continuidade do pensamento revolucionário e da teoria social-democrata. Esforçar-se para ressuscitar o revolucionário profissional (o Renascimento do Revolucionarismo) e para tanto propor, primeiro, o terror excitativo e, em seguida, a organização

dos operários médios- (Svoboda n.º 1, p. 66 e seguintes) menos "estimulados externamente", é na verdade demolir a casa para ter madeira para aquecê-la. (retornar ao texto)

(7) Assim, nos meios militares observa-se, ultimamente, uma retorna da incontestável do espírito democrático, em parte devido à frequência, sempre maior, dos combates de rua contra os "inimigos" como os operários e os estudantes. E, desde que nossas forças permitam, devemos prestar a mais séria atenção à propaganda e à agitação entre os soldados e os oficiais, à criação de "organizações militares" filiadas a nosso Partido. (retornar ao texto)

(8) Um camarada contou-me uma vez que um inspetor de fábrica, que ajudara a social-democracia e estava pronto a continuar a ajudá-la, queixava-se amargamente de não saber se suas -informações- chegavam ao organismo revolucionário central, se sua colaboração era necessária e em que medida seus pequenos. ínfimos serviços eram utilizáveis. Todo militante poderia citar inúmeros casos semelhantes, onde nossos métodos artesanais nos fizeram perder aliados. Ora. não apenas os empregados e funcionários de fábricas, mas também os dos correios, ferrovias, alfândega, da nobreza, do clero e de todas as outras instituições. inclusive a policia e a justiça. poderiam prestar-nos e prestar-nos-iam -pequenos- serviços cujo total seria de um valor inestimável! Se tivéssemos desde agora um partido verdadeiro, uma organização verdadeiramente combativa de revolucionários, não utilizaríamos diretamente esses auxiliares, não nos apressaríamos em integrá-los sempre e necessariamente à "ação ilegal"; muito ao contrário, os homens para essas funções seriam preparados e formados especialmente, sabendo-se quantos estudantes poderiam ser mais úteis ao Partido como funcionários "auxiliares" do que como revolucionários "a curto prazo". Mas, repito, apenas uma organização já perfeitamente sólida, e que disponha de forças ativas em quantidade suficiente, tem o direito de aplicar essa tática. (retornar ao texto)

(9) Svoboda. n.º 1, artigo "A Organização". p. 66: "Amassa operária apoiará em peso todas as reivindicações que serão formuladas em nome do Trabalho da Rússia" (naturalmente, Trabalho com letra maiúscula). E o autor ainda exclama: "Não sou de forma alguma hostil aos intelectuais, mas"... (e é este mas que Chendrine traduziu pelo ditado: não se salta mais alto que as orelhas!). ... "Mas fico sempre terrivelmente irritado, quando alguém vem me dizer uma série de coisas muito lindas e notáveis, exigindo que sejam aceitas por sua beleza (dele?)

e outros méritos" (p. 62). Eu também "fico sempre terrivelmente irritado"... (retornar ao texto)

(10) As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos, p. 23. Ilustração suplementar do fato de que o Rabótcheie Dielo ou não compreende bem o que diz, ou muda de opinião "segundo o vento". Assim, no Rabótcheie Dielo, nº1. Vemos a frase, seguinte impressa em itálico: "O conteúdo da brochura coincide inteiramente com o programa da redação do "Rabótcheie Dielo" (p. 142). Será verdade? A recusa de se atribuir como primeira tarefa do movimento de massa a derrubada da autocracia coincidiria com o ponto de vista das Tarefas? E também a teoria dos estádios? Que o leitor julgue a estabilidade dos princípios de um órgão, que compreende de maneira tão original as "coincidências". (retornar ao texto)

(11) Ver o Relatório ao Congresso de Paris, p. 14: "Desde essa época (1897) até à primavera de 1900 foram publicados em diferentes lugares trinta números de jornais diferentes... Em média, mais de um número por mês". (retornar ao texto)

(12) Essa dificuldade é apenas aparente. Na realidade, não há círculo local que possa preencher essa ou aquela função de um trabalho de interesse para toda a Rússia. "Não diga: eu não posso; diga: não quero;".

(13) Eis porque mesmo o exemplo de órgãos locais muito bem feitos confirma inteiramente nosso ponto de vista. Assim, o Yuzhni Rabochi (O Operário do Sul) é um excelente jornal, que não será acusado de instabilidade de princípios. Mas como aparece raramente é alvo de numerosas prisões policiais, não pode oferecer ao movimento local aquilo a que se propõe. O que é mais necessário ao Partido, no momento presente - colocar, em princípio, os problemas fundamentais e proceder a ampla agitação política - o órgão local não pôde realizar. E o que apresentou de melhor, como os artigos sobre os congressos dos proprietários de minas, o desemprego etc., não era de interesse estritamente local, mas geral, para toda a Rússia e não apenas para o Sul. Em toda nossa imprensa social-democrata, ainda não tivemos artigos como esses. (retornar ao texto)

(14) A documentação legal é de especial importância a esse respeito, e estamos longe de saber coletá-la e utilizá-la com método. Não é exagero dizer

que apenas com a documentação legal pode-se escrever uma brochura sindical, e que e impossível fazê-lo apenas com a documentação legal. Coletando entre os operários a documentação ilegal sobre questões como as tratadas pela Rabótchaia Mysl, desperdiçamos inutilmente as forças dos revolucionários (que facilmente poderiam ser substituídos nesse trabalho pelos militantes legais) sem obter, contudo uma boa documentação. De fato, os operários, conhecem de ordinário apenas uma oficina de uma única grande fábrica; quase sempre conhecem os resultados econômicos, mas não as condições e normas gerais do seu trabalho; não podem adquirir os conhecimentos que possuíam os empregados de fábrica, inspetores, médicos etc., e que estão dispersos nas pequenas. publicações de jornais e publicações especiais de indústrias, serviços sanitários, dos zerntsvos etc. Sempre me lembro de minha "primeira experiência", que não desejaria repetir. Durante semanas. interroguei "com toda decisão" um operário que veio até mim, sobre os menores detalhes do regime da grande fábrica onde trabalhava. Com grande dificuldade consegui fazer a descrição (de uma única fábrica!), Porém, às vezes, ao fim, de nossa conversa. o operário enxugando a testa me dizia sorrindo: "É mais fácil fazer horas extras do que responder às suas perguntas!" Quanto mais energicamente conduzirmos a luta revolucionária, mais o governo será obrigado a legalizar uma parte de nosso trabalho "profissional", o que nos livrará de parte da nossa carga. (retornar ao texto)

Notas: Capítulo 5

(1) Iskra, nº 8, resposta do Comitê Central da União Geral dos Judeus da Rússia e da Polônia, em nosso artigo sobre a questão nacional. (retornar ao texto)

(2) Deliberadamente apresentamos esses fatos em ordem diferente daquela em que ocorreram. (retornar ao texto)

(3) Em relação a isso, o autor dessa brochura pediu-me para dar a conhecer que, tal como suas brochuras anteriores, também esta foi enviada à "União", supondo que o redator de suas publicações fosse o grupo "Liberação do Trabalho" (dadas as circunstâncias, não podia no momento, isto é, em fevereiro de 1899, imaginar a mudança de redação). Essa brochura será prontamente reeditada pela Liga. (retornar ao texto)

(4) Camarada Kritchévski e camarada Martynov: chamo sua atenção para essa revoltante manifestação de "autocratismo", de "autoridade incontrolada", de "regulamentação suprema" etc. Como favor, quer ele se apoderar de toda a cadeia! Redijam depressa uma queixa. Aí há assunto para dois editoriais do nº 12 do Rabótcheie Dielo! (retornar ao texto)

(5) Martynov, que cita a primeira frase dessa passagem no Rabótcheie Dielo (nº 18 p.62), omite exatamente a segunda, como se quisesse mostrar sua intenção de não tocar no fundo da questão, ou sua incapacidade de compreendê-la. (retornar ao texto)

(6) Com uma reserva: se aprovar a orientação desse jornal e julgar útil à causa tornar-se seu colaborador, entendendo-se por isso não apenas a colaboração literária, mas toda colaboração revolucionária em geral. Nota para o Rabótcheie Dielo: subtende-se essa reserva para os revolucionários que apreciam o trabalho em lugar de brincar de “democratismo, que não separam a “simpatia” da participação mais ativa e mais real”. (retornar ao texto)

(7) Às Vésperas da Revolução, p. 62. (retornar ao texto)

(8) *2 Aliás, em sua "vista d'olhos nos problemas de teoria", L.. Nadejdine quase nada disse sobre a teoria, salvo a seguinte passagem, extremamente curiosa do "ponto de vista da aurora da revolução": "A bernsteiniada, em seu

conjunto, perde nesse momento sua acuidade, de forma que para nós tanto faz se é o Sr. Adamovitch quem diz ser o Sr. Struve quem merece a punição, ou o contrário. se é o Sr. Struve quem responde a Adamovitch. recusando-se a aceitar a demissão, pois, aproxima-se o momento decisivo da revolução" (p. 110). Seria difícil ilustrar com maior relevância a despreocupação sem limites de L. Nadejdine pela teoria. Como proclamamos já estarmos "às vésperas da revolução", para nós "tanto faz" que os ortodoxos consigam ou não desalojar definitivamente os críticos de sua posição! E o nosso sábio não nota que é precisamente durante a revolução que necessitaremos dos resultados de nossa luta teórica contra os críticos, para combater resolutamente suas posições práticas! (retornar ao texto)

(9) Iskra, nº 4. "Por Onde Começar?" - "Os educadores revolucionários, que não adotam o ponto de vista da aurora da revolução, não se deixam de forma alguma perturbar pela extensão do trabalho", escreve Nadejdine (p. 62). Quanto a isso faremos a seguinte observação: se não soubermos elaborar uma tática política, um plano de organização para um período bastante longo, e que assegure, pelo próprio processo desse trabalho, a preparação de nosso partido para ocupar seu posto e cumprir o seu dever nas circunstâncias mais inesperadas, por mais rápido que seja o curso dos acontecimentos. Não seremos mais do que miseráveis aventureiros políticos. Somente Nadejdine, que desde ontem se dá o título de social-democrata, poderia esquecer que a social-democracia tem por objetivo a transformação radical das condições de vida de toda a humanidade, e que, por conseguinte, não é permitido a um social-dernocrata deixar-se "perturbar" pela extensão do trabalho. (retornar ao texto)

(10) "Ai, ai! Eis que me escapou de novo a horrível palavra "agente", que tanto fere o ouvido democrático dos Martynov! Parece estranho que tal palavra não tenha ferido os corifeus da década de 70, e magoe os diletantes da década de 90. Essa palavra me agrada, pois indica nitidamente e com precisão a causa comum à qual todos os agentes subordinam seus pensamentos e ações, e se fosse preciso substitui-la por outra, apenas poderia pensar na palavra "colaborador", se não tivesse certo sabor de literatura falsificada e de amorfísmo. Ora, precisamos de urna organização militar de agentes. Quanto ao resto, os Martynov, tão numerosos (principalmente no estrangeiro), e que de bom grado se ocupam em "promoverem-se mutuamente a general", poderiam dizer, no lugar de "agente do serviço de passaportes", "comandante-chefe de uma divisão especial para o suprimento de passaportes aos revolucionários" etc. (retornar ao texto)

Notas: Anexo

(1) O conhecimento da literatura encontrava-se na base desse julgamento sobre a cisão, além das informações coletadas no estrangeiro por alguns membros de nossa organização que para lá se dirigiram. (retornar ao texto)

(2) A afirmação foi retomada em Dois Congressos, p. 25. (retornar ao texto)

(3) Na verdade, dissemos na introdução às resoluções de junho que a social-democracia russa, em seu conjunto, sempre se manteve dentro dos princípios do grupo "Liberação do Trabalho", e que o mérito da "União" consistiu sobretudo em sã atividade, em publicações e em matéria de organização. E outras palavras, afirmamos nossa plena vontade de relegar ao esquecimento todo o passado e de reconhecer a utilidade (para a causa) de trabalho de nossos camaradas da "União", sob a condição de fazerem cessar imediatamente as vacilações que éramos as que pretendíamos "apanhar". Toda pessoa imparcial que lesse as resoluções de junho, compreenderia tais resoluções exatamente assim. Portanto, se a "União", após ter provocado a ruptura pela sua nova "virada" para o "economismo" (nos artigos do nº 10 e nas emendas), acusa-nos solenemente de não dizer a verdade (Dois Congressos, p. 30) por essa lembrança a seus méritos, esta acusação naturalmente pode apenas provocar sorrisos. (retornar ao texto)

(4) No Vorwürts foi iniciada uma polémica sobre isso, entre sua redação atual, Kautsky e a Zaria. Não deixaremos de tornar tal polemica conhecida aos leitores russos. (retornar ao texto)

(5). A menos que não se considere como restrições à autonomia, as conferências das redações à ocasião do estabelecimento de um conselho supremo de todas as organizações unificadas, o que o Rabótcheie Dielo também aceitou em junho. EMENDA A "QUE FAZER?" 0 "Grupo de Iniciadores", de que falo em minha brochura Que Fazer? Obriga-me a fazer essa emenda à exposição, sobre sua participação na tentativa de reconciliação das organizações sociais-democratas no estrangeiro: "Dos três membros desses grupo, apenas um deixou a "União", ao final de 1900; os outros, em 1901, somente após serem convencidos de que era impossível conseguir da "União" seu acordo para uma conferência a ser realizada com a organização do Iskra no estrangeiro e a "Organização Revolucionária Social-Democrata" - a proposta do "grupo de Iniciadores" consistia exatamente nisso. Tal proposta foi inicialmente declinada

pela administração da "União", com a justificativa de recusar a aceitação da conferência devido à "incompetência" de pessoas que faziam parte do "Grupo de Iniciadores"; mas, manifestava o desejo de estabelecer relações diretas com a organização do Iskra no estrangeiro. Contudo, pouco depois, a administração da "União" informava o "Grupo de Iniciadores" que após o aparecimento do primeiro número do Iskra, onde havia uma nota anunciando a cisão da "União", mudava de opinião e não mais queria estabelecer relações com o Iskra. Como explicar depois disso a declaração feita por um membro da administração da "União", segundo a qual a recusa dessa última em aceitar a conferência devia-se exclusivamente ao fato de a "União" não estar satisfeita com a composição do "Grupo de Iniciadores"? Na verdade, tampouco se, compreende o fato de a administração da "União" ter concordado em realizar uma conferência em junho do ano passado, uma vez que a nota do primeiro número do Iskra continuava a ser válida, e que a atitude "negativa" do Iskra em relação à "União" afirmara-se ainda mais no primeiro fascículo da Zaria e no quarto do Iska, ambos publicados antes da conferência de junho. N. Lênin "Iskra", nº 19, 1º de abril de 1902. (retornar ao texto)